

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ADENIVAN MENDES CARVALHO

Memória e identidade do aluno da EJA em relatos autobiográficos

São Paulo

2013

Adenivan Mendes Carvalho

Memória e identidade do aluno da EJA em relatos autobiográficos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Dra. Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

São Paulo

2013

C331m Carvalho, Adenivan Mendes.

Memória e identidade do aluno da EJA em relatos
autobiográficos / Adenivan Mendes Carvalho. – 2014.
170 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana
Mackenzie, São Paulo, 2014.

Referências bibliográficas: f. 114-118.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Relato autobiográfico.
3. Memória. 4. Identidade. 5. Análise de conteúdo. I. Título.

CDD 374.981

ADENIVAN MENDES CARVALHO

Memória e identidade do aluno da EJA em relatos autobiográficos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 4 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Maria Lucia M. C. Vasconcelos - Orientadora
Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM

Professora Dra. Diana Luz Pessoa de Barros
Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM

Professora Dra. Nancy dos Santos Casagrande
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

À minha esposa Rosemary Leite Rodrigues Carvalho, que sempre me apoiou, dando valiosas contribuições e relevantes sugestões.

Aos meus filhos Gustavo e as trigêmeas Ana Beatriz, Ana Carolina e Ana Flávia, que me aconselharam a estudar novamente e souberam compreender minhas ausências.

Amo muito essa família!

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, Criador dos céus e da terra, Pai do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que controla o tempo, pois este está em Suas mãos. A Ele toda glória!

À Professora Dra. Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos meu agradecimento muito especial, por sua inigualável paciência, que soube orientar-me com eficiência, confiou em mim e apoiou-me em todos os momentos com sábios conselhos. Pelo tratamento respeitoso dado a esta pesquisa, pelo rigor necessário e responsável.

À Professora Dra. Nancy Santos Casagrande minha mais profunda gratidão, por se dignar a participar da minha banca examinadora com preciosas sugestões apresentadas em meu exame de qualificação.

À Professora Dra. Diana Luz Pessoa de Barros, pela seriedade, confiança e sugestões apresentadas na banca examinadora.

A todos os professores do Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, meus sinceros agradecimentos pelo conteúdo das aulas ministradas, que me permitiram compreender melhor o mundo acadêmico.

Ao Mackenzie pela bolsa.

À Janete Cavalheiro, professora de Língua Portuguesa, da Escola Jorge Americano pelas autobiografias e pelo incansável trabalho como docente.

A todos os colegas da Escola Jorge Americano, meus companheiros de jornada.

A todos os meus amigos, agradeço pelas manifestações de carinho, apoio e incentivo.

A todos os irmãos em Cristo que intercederam por mim.

RESUMO

Muitos docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) desconhecem a realidade de vida dos seus alunos e isso dificulta sensivelmente a interação professor-aluno, obstaculizando o processo ensino-aprendizagem. Sabe-se que a EJA no Brasil, bem como o analfabetismo, assinalam a grande desigualdade social de uma parcela significativa da população brasileira, reforçando um processo de exclusão social. Nessa modalidade de ensino, é fundamental que professores preocupem-se em conhecer a história de vida de seus alunos, seus anseios, sua cultura, seu repertório linguístico, buscando um processo de ensino-aprendizagem que seja respeitoso e, ao mesmo tempo, produtivo. Conhecer o alunado da EJA é condição para que se minimize a possibilidade de ver, mais uma vez, o fracasso escolar e a evasão ocorrerem. A análise das políticas públicas brasileiras voltadas para a erradicação do analfabetismo e, na sequência, a reconstrução do caminho percorrido pela Educação de Jovens e Adultos no percurso da história da educação brasileira demonstram o pouco investimento nessa modalidade, ocasionando exclusão econômica, social e política da população carente. Por meio das autobiografias, verdadeiros discursos memorialísticos produzidos pelos alunos da EJA, nas quais eles traçam um perfil de suas vidas, faz-se a aproximação entre memória e identidade, oferecem-se ao professor, em sua tarefa didático-pedagógica, subsídios para conhecer melhor o jovem e o adulto. Como recurso metodológico, para analisar os textos produzidos pelos alunos pesquisados, a análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), foi utilizada.

Palavras-chaves: educação de jovens e adultos; relato autobiográfico, memória; identidade; análise de conteúdo.

ABSTRACT

Many teachers of Education of Youth and Adults (EJA) are unaware of the reality of life of their students and this significantly complicates the teacher-student interaction, hindering the teaching-learning process. It is known that the EJA in Brazil, as well as illiteracy, notice a great social inequality of a significant portion of the Brazilian population, reinforcing a process of social exclusion. In this modality of education, it is essential that teachers worry in knowing the history of their students' lives, their aspirations, their culture, their language repertoire, seeking a teaching-learning process that is respectful and at the same time, productive. To know the pupils of EJA is a condition to minimize the possibility of seeing, once again, the occurrence of school failure and evasion. The analysis of Brazilian public policies for the eradication of illiteracy and, following the reconstruction of the path taken by the Education of Youth and Adults in the path of the history of Brazilian education demonstrates little investment in this modality, causing economic, social and political exclusion of poor population. Through the autobiographies, true memoirs discourses produced by the students of EJA, in which they trace a profile of their lives, makes a closer relationship between memory and identity, is offered to the teacher, in his/her didactic-pedagogic task, subsidies to know better the young and adult. As a methodological resource to analyze the texts produced by the students surveyed, the Content Analysis, according to Bardin (2011), was used.

Keywords: education of youth and adults; autobiographical report, memory, identity; content analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O QUE É, COMO SE CARACTERIZA E QUAL A SUA IMPORTÂNCIA	26
CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO PERÍODO IMPERIAL AOS NOSSOS DIAS.....	41
1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO PERÍODO IMPERIAL À REPÚBLICA.....	41
2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE 1889 A 1930	43
3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE 1930 A 1973.....	45
4. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE 1974 AOS NOSSOS DIAS	56
CAPÍTULO III – MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA INTRÍNSECA RELAÇÃO.....	71
1. O GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO.....	71
2. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA MEMÓRIA	73
3. A MEMÓRIA COLETIVA, AUTOBIOGRÁFICA E HISTÓRICA.....	81
4. A IDENTIDADE E O SUJEITO NA MODERNIDADE	86
5. A IDENTIDADE E AS RELAÇÕES SOCIAIS	88
CAPÍTULO IV- ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
ANEXOS.....	119

INTRODUÇÃO

Observando-se a experiência do professor da educação de jovens e adultos (EJA) nos últimos anos, na rede pública municipal de São Paulo, constata-se que os educandos retornam à escola, depois de alguns anos, com muitas deficiências; tentam, mas não conseguem desenvolver uma aprendizagem satisfatória porque não acompanham o ritmo das aulas, tampouco apreendem com facilidade os conteúdos ensinados. A angústia e a sensação de fracasso fazem com que haja evasão ou conclusão do ensino fundamental ou do ensino médio sem qualificação para avançarem em seus estudos subsequentes. Muitos se sentem surpresos, porque os modelos da escola de hoje e de seus professores não são os mesmos por eles deixados, o que lhes causa muita instabilidade.

A escola modificou-se: os alunos recebem todo o material escolar, tomam café da manhã, almoçam, jantam, porém, os docentes, via de regra, não são solidários, amigáveis, preocupados com a sua aprendizagem; ao contrário, estão tão concentrados em transmitir conteúdos de um ano em seis meses de aula que nem se dão conta de que não interagem com os alunos adequadamente, nem buscam conhecê-los como deveriam.

Muitos alunos, no afã de recuperar o tempo perdido, ficam tão ansiosos que copiam, ingenuamente, todo conteúdo passado na lousa, pois concebem como verdadeira aula aquela em que há conteúdo para copiar. Quanto aos docentes, estes acumulam cargos em diferentes redes de ensino para complementação da renda, ficam sem tempo para preparar suas aulas e fazer uma diagnose exata da necessidade real da aprendizagem do jovem e do adulto. Assim, desconhecem suas carências, consideram-nos todos iguais, não modificam as estratégias de ensino e acabam fazendo uso da mesma aula utilizada no ensino regular.

Mesmo se tratando de jovens e adultos, muitos deles experientes e com opinião formada sobre a vida, os docentes não mantêm um diálogo nem uma boa interação com os alunos, porque enxergam os alunos da EJA como alunos comuns, mais disciplinados e interessados, porém, com grandes dificuldades de aprendizagem, uma vez que não assimilam com facilidade o conteúdo

ensinado, havendo necessidade de repeti-lo várias vezes, o que desgasta o relacionamento professor-aluno, deixando o docente impaciente e culpando os alunos por suas próprias deficiências.

O jovem e o adulto da EJA sentem dificuldades para compreender os conteúdos porque estes não fazem parte da sua vida diária, são “despejados” sobre a mente dos educandos da mesma forma que os conteúdos do ensino regular. Reconhece-se nessa postura a “educação bancária”, conceito formulado por Paulo Freire (1999, p. 57) para caracterizar esse tipo de educação:

(...) o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação.

De acordo com Freire, o educador da escola tradicional não ensina, mas discursa palavras que não fazem sentido, priorizando a memorização, ensinando conteúdos sem significado, e isso afasta cada vez mais o educando da sua realidade, pois insiste para que ele decore os conteúdos, o que para o jovem e o adulto da EJA é uma tarefa difícil, pois eles, depois de um dia de trabalho, com a mente cansada e cheia de preocupações com a família, não memorizam o que lhes é ensinado.

Diante disso, fica claro que se produziu na escola, durante todo o processo de estabelecimento da EJA, sem que todos percebessem, uma categoria de aluno representada socialmente por alunos defasados, fora da normalidade escolar, “sem capacidade”, no conceito de alguns docentes, não mais visto como seres totais, dotados de potencial e com aptidão determinada para sobrepujar suas deficiências pedagógicas. Pelo contrário, tanto o jovem quanto o adulto da EJA tornaram-se sujeitos estigmatizado no âmbito escolar; ganharam o rótulo de “coitado”, que só sabe fazer cópia da lousa, que esquece o conteúdo ensinado de um dia para outro e que não se desenvolve intelectualmente.

A comparação entre o aluno do ensino regular e o jovem e o adulto da EJA torna-se automática: o aluno do ensino regular é indisciplinado e agitado, mas assimila melhor os conteúdos porque pensa e reflete; quanto ao jovem e ao

adulto da EJA, estes são mais quietos, dóceis e lentos em seu raciocínio, porque são inseguros e desvalorizados.

A forma como o educador enxerga o jovem e o adulto da EJA influencia o processo ensino-aprendizagem. Quem melhor retrata essa questão é Paulo Freire ao perceber que os textos oferecidos aos educandos da EJA não levam em consideração seus conhecimentos adquiridos e suas experiências de vida. Freire (1977, p. 14) diz:

Este modo de tratar os adultos analfabetos implica uma deformada maneira de vê-los – como se eles fossem totalmente diferentes dos demais. Não se lhes reconhece a experiência existencial bem como o acúmulo de conhecimentos que esta experiência lhes deu e continua dando.

A passividade e a docilidade dos educandos fazem com que os professores sintam-se “senhores”, da situação, “donos” de todo o processo de ensino, e isso leva os educandos a aceitarem, sem contestar, tudo o que lhes é “transferido”, porque muitos são da época em que questionar o professor era falta de respeito; além disso, deve-se levar em consideração o deslumbramento dos educandos por terem vencido o desafio de pôr os pés, depois de tantos anos, na escola. Daí ser a afirmação de Freire (FREIRE, 1977, p. 14) incontestável:

Como seres passivos e dóceis, pois que assim são vistos e assim são tratados, os alfabetizandos devem ir recebendo aquela “transfusão” alienante da qual, por isto mesmo, não pode resultar nenhuma contribuição ao processo de transformação da realidade.

Depara-se, algumas vezes, com questões inquietantes: como o docente pode levar o educando a transformar a sua realidade se o próprio professor não a conhece? Qual a importância da valorização da experiência de vida do aluno da EJA por parte do professor?

A grande maioria dos alunos da EJA é tímida, muitos sentem dificuldades de expressão, são introspectivos e ficam ruborizados quando o professor lhes dirige a palavra. Surge a vergonha, às vezes, por saber que alguns docentes têm idade para serem seus próprios filhos e por estarem naquela idade em

uma sala de aula. Alguns não participam das aulas por medo de se sentirem ultrajados perante os colegas, por não saberem determinado conteúdo e se estiverem com dúvidas também não perguntam para não serem inconvenientes nem exporem suas fraquezas.

A situação acima faz com que esses alunos sejam mais sensíveis às críticas e suscetíveis ao desânimo quando os docentes não os compreendem e nem os aceitam como são. Jovens e adultos, nessa circunstância, têm autoestima baixa, são carentes de atenção e almejam a simpatia dos docentes para se sentirem seguros. Muitos, nessas condições, necessitam de incentivo, de estímulo de alguém que respeite o seu saber.

Tudo isso acontece dentro da sala de aula e, infelizmente, muitos docentes desconhecem essa realidade ou mantêm uma concepção totalmente equivocada do alunado da EJA, o que se reflete no processo ensino-aprendizagem.

Como o docente mantém certa distância do seu aluno, ao “ensinar” transmite-lhe informações, impõe a sua maneira de ver o mundo, e sempre o aluno é avaliado por tudo aquilo que ele sistematiza e devolve ao professor. Será que existe uma maneira de o docente da EJA conhecer o seu alunado e, conseqüentemente, melhorar a sua convivência para facilitar a aprendizagem?

A descrição desses elementos aqui mencionados traz a lume o modo como o Brasil encara o analfabetismo, suas aceções acerca da educação de jovens adultos, visto não se tratar apenas de um problema pedagógico, mas também político, social e cultural. A erradicação do analfabetismo sempre foi uma promessa de campanha política e parcialmente contemplada nos programas de diversos governos, sem, contudo, ter chegado a bom termo.

O analfabetismo está associado à pobreza e ao modo social em que se dão as relações de causa e consequência em uma sociedade injusta. “É causa, a partir do momento em que gera descontentamento, diferenças e desequilíbrio social acentuado; é consequência ao representar o resultado de diversas ações

amparadas pelas normas sociais do poder estabelecido” (VASCONCELOS & BRITO, 2006, p. 44).

O analfabetismo não pode ser visto como um problema insolúvel, também não pode ser tratado apenas como “campanha”, mas encarado como um problema crônico e um grande desafio para a política pública brasileira. Haja vista o artigo 214 da Constituição de 1988, que estabelece, como primeira meta do poder público no Plano Nacional de Educação, a erradicação do analfabetismo. Assim preceitua a o artigo 214:

Art. 214. *A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à:*

I - erradicação do analfabetismo;

II - universalização do atendimento escolar;

III - melhoria da qualidade do ensino;

IV - formação para o trabalho;

V - promoção humanística, científica e tecnológica do País.

A Constituição de 1988, carta fundamental para todo o cidadão brasileiro, tornou-se um grande avanço para o estabelecimento de um Estado democrático e foi fruto de muitas lutas e amplos debates; por meio de uma constituição procura-se assegurar e consolidar juridicamente todos os direitos sociais dos cidadãos e pelas leis escritas visa-se a garantir que todos os direitos sejam cabalmente cumpridos.

A primeira meta estabelecida para a educação, que consta do artigo, não foi “arrancada pela raiz”, o que claramente se observa ao longo dos anos. Verifica-se que houve um aumento na participação orçamentária destinada ao setor educativo, a união divide com os municípios a responsabilidade pela educação fundamental na busca pela universalização do atendimento da demanda escolar. Mesmo com aumento das creches e das escolas públicas de ensino fundamental e novos critérios para distribuir os recursos orçamentários não a houve melhoria esperada na qualidade do ensino.

Os autores Harris e Hodges¹, em seu vocabulário de leitura e escrita, assim definem Analfabetismo:

analfabetismo: s.m. 1. a incapacidade de ler ou escrever em uma língua; mais especificamente, “a incapacidade de usar a leitura e a escrita com facilidade na vida diária (UNESCO, 1988). Obs: A declaração da UNESCO de 1988 também afirma que “o analfabetismo disseminado impede o desenvolvimento econômico e social; também é flagrante violação do direito humano básico de aprender, saber e comunicar”. (p. 31)

A Unesco², Órgão das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, que também criou a designação alfabetismo funcional, considera a leitura e a escrita habilidades básicas e um direito humano inalienável, por isso pode limitar o pleno desenvolvimento das pessoas e sua participação na sociedade, repercutindo no ciclo vital, afetando a família, restringindo o acesso aos benefícios do desenvolvimento e dificultando o gozo dos outros direitos humanos. Constitui-se prioridade para uma nação oferecer acesso à sua população à leitura e à escrita, bem como ao cálculo matemático.

De acordo com a Unesco, quando os pais são analfabetos, a tendência é esse fato atingir a vida escolar, cultural e social dos filhos. Por possuírem poucos conhecimentos, limitam os filhos na aquisição de outros bem culturais, não se constituindo para os filhos modelos de leitura e da escrita.

Os efeitos do analfabetismo no Brasil, principalmente do adulto, são muito mais nocivos, porque prejudicam a economia do país, o próprio analfabeto que não consegue melhorar sua condição financeira, aumentam o índice de exclusão social, além de influenciarem negativamente o desenvolvimento social da nação.

Quando o PNUD³ (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) mede o IDH (índice de desenvolvimento humano) dos países, leva em conta a

¹ HARRIS e HODGES, in: *Dicionário de Alfabetização*, Porto Alegre, Artmed, 1999.

² FERNÁNDEZ, Andrés, MARTINEZ, Rodrigo, *Impacto social y económico del analfabetismo: modelo de análisis y estudio piloto*. CEPAL-UNESCO/OREALC, 2010.

³ www.pnug.org.br – site acessado em 25/9/2009.

economia, a educação, a renda *per capita* e a condição de vida da população. Quando se avalia a educação, mede-se, principalmente, o nível de escolaridade da população adulta e a educação infantil. Se há mais de 14 milhões de analfabetos no Brasil isso se explica porque a nossa posição é a 73ª no relatório do IDH, de um total de 169 países, 11ª na América Latina, 5ª na América do Sul, perdendo para Chile, Argentina, Uruguai e Peru.

Em 2001, foi criado pelo Instituto Paulo Montenegro o INAF⁴ (Indicador de Alfabetismo Funcional), que tem como objetivo pesquisar o nível de leitura, escrita e cálculo da população adulta brasileira. O INAF ocupa-se com o dimensionamento dos níveis de alfabetismo funcional da população brasileira entre 15 e 64 anos de idade, nas zonas urbanas e rurais em todo o Brasil. O alvo desse órgão é sensibilizar o governo e a sociedade civil sobre o alarmante índice de analfabetos no país. De 2001 a 2007, esse órgão vem realizando pesquisas e medindo as habilidades de leitura e escrita (letramento) e matemática (numeração) e concebe o alfabetismo funcional em quatro níveis:

- **Analfabetismo** – corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.);
- **Alfabetismo nível rudimentar** – corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica;
- **Alfabetismo nível básico** – as pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois leem e compreendem bem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade.

⁴ www.ipm.org.br – Instituto Paulo Montenegro – Boletim acessado no site em 27/9/2011.

Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações;

- **Alfabetismo nível pleno** – classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, resolvem inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos.

O INAF confeccionou uma tabela dos dados pesquisados de 2001 a 2007 com os níveis de alfabetismo:

INAF/BRASIL – Evolução do Indicador					
	2001/2002	2002/2003	2003/2004	2004/2005	2007
ANALFABETO	12%	13%	12%	11%	7%
RUDIMENTAR	27%	26%	26%	26%	25%
BÁSICO	34%	36%	37%	38%	40%
PLENO	26%	25%	25%	26%	28%
SCORE MÉDIO	100	98	100	101	105

Fonte: Boletim INAF – (dezembro de 2007, p. 5).

Analisando friamente os dados houve apenas diminuição do nível analfabeto de 12 para 7%, enquanto nos outros níveis a diminuição foi irrisória, levando-se em conta que são seis anos e que adentramos a era da informação a partir do início do século XXI. Além disso, a Constituição estabelecia como meta a erradicação, não a diminuição do analfabetismo.

O INAF pesquisou também as cinco regiões brasileiras e foram comprovadas as diferenças entre elas, como mostra a tabela abaixo:

INAF – BRASIL – QUADRO DAS REGIÕES BRASILEIRAS – 2001/2007					
Níveis	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Brasil
Analfabeto	18%	15%	8%	5%	11%
Rudimentar	23%	31%	25%	24%	26%
Básico	35%	35%	38%	38%	37%
Pleno	24%	19%	28%	33%	26%
Analfabetos funcionais	41%	46%	33%	29%	37%
Funcionalmente alfabetizados	59%	54%	67%	71%	63%

Pelos dados do IBGE, de 1999 a 2009 os resultados da política de erradicação do analfabetismo são pífios, como se observa abaixo.

Tabela: Evolução da taxa de analfabetismo entre a população de 15 anos ou mais no Brasil – de 1999 a 2009.

ANO	1999	2005	2009
%	13,3	11,1	9,7
POPULAÇÃO DE ANALFABETOS	16,3 Milhões	15 Milhões	14 Milhões

Fonte: Síntese dos Indicadores Sociais – 2010/IBGE (p. 227).

A meta para o Brasil, até 2015, de acordo com a Unicef, é reduzir o analfabetismo de 9,7 para 6,7%, o que equivaleria à erradicação de 5 milhões de analfabetos.

Em recente pesquisa, Silva (2009, p. 25), em investigação sobre a trajetória do alunado da EJA, destaca dois problemas enfrentados pelos jovens e adultos: a permanência na escola e o avanço deles em cursos superiores. Em seu trabalho, a autora percorre a caminhada escolar do jovem e do adulto, demonstrando como sua cultura influenciou seus anos escolares, bem como sua graduação; fica claro que seu sucesso ou fracasso “depende muito mais do capital cultural de origem do aluno, ligado à sua condição de classe social de pertencimento, do que da qualidade do curso de suplência frequentado”. Isto

significa que os anos escolares nada acrescentaram à cultura do alunado, mas o determinante para o bom resultado ou o insucesso é a sua classe social.

Silva afirma, também, que a escolha de uma carreira de prestígio é determinada pela sua procedência social; se advém de família simples, com poucos recursos, a sua tendência não é escolher carreiras de valor positivo. A autora deixa claro, ainda, que o fato de o Brasil desencadear o processo de alfabetização e escolarização para retirar jovens e adultos das amarras da exclusão ocorre com o intuito de preparar e qualificar a mão de obra para suprir as exigências do mercado de trabalho.

Alfabetizar e escolarizar adultos simplesmente para compor o mercado de trabalho é desejá-lo apenas como massa de manobra, como trabalhador barato, esquecendo-se de que o adulto tem maiores responsabilidades do que a criança: é provedor de uma família.

Na concepção de Vieira (1993, p. 83), o educador deveria ver o adulto como “homens e mulheres normais e realmente cidadãos úteis” e o educador não pode vê-lo como um ser à margem da sociedade, nem como um caso de anomalia social. Álvaro Vieira observa que cabe ao educador a responsabilidade de enxergar corretamente o jovem e o adulto, o que de fato não tem ocorrido no âmbito escolar. Assim, Vieira (1993, p. 83) se expressa:

O educador tem de considerar o educando como um ser pensante. É um portador de ideias e um produtor de ideias, dotado frequentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em sua conversação, em sua crítica dos fatos, em sua literatura oral.

Os educadores de jovens e adultos têm o hábito de julgá-los da mesma forma, padronizando a maneira de enxergá-los, como se todos fossem iguais. A maneira de enxergar determina o modo e o conteúdo a ser ensinado. O desconhecimento do alunado prejudica sua instrução. Vieira assim se expressa sobre como é o aluno adulto:

O educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência. O adulto analfabeto é um elemento frequentemente de alta

influência na comunidade. Por isso é que se faz tão imperioso e lucrativo instruí-lo. (op. cit. p.83)

De acordo com Vieira, o educador de adultos tem uma “consciência pedagógica ingênua e isso impede desde o primeiro momento a correta consideração do problema da educação de adultos”. Deveria ver o adulto como alguém que sabe. Para Vieira (1993, p. 89), são quatro erros fundamentais que os docentes cometem quando compreendem erroneamente o adulto analfabeto:

- 1) Partir da suposição de ignorância num indivíduo no qual, em verdade, há considerável acervo de saber;*
- 2) Explicar a realidade do iletrado segundo causas abstratas, segundo conceitos imaginários e totalmente inadequados, deixando assim de buscar suas raízes objetivas no processo social, no qual o indivíduo, efetivamente se encontra inserido;*
- 3) Apresentar com recursos, para solucionar o problema social do analfabetismo, métodos de alfabetização e de educação que são de baixo rendimento e elevado custo, além de não conduzir ao esclarecimento da consciência do indivíduo, mas unicamente, no melhor dos casos, conseguem dotá-los da habilidade de saber ler e escrever, que permanece, para eles, sem finalidade;*
- 4) Despertar uma atitude geral de alarme social em face da gravidade do problema do analfabetismo, o que é um meio seguro de fazê-lo incompreendido em suas verdadeiras causas objetivas. Em lugar de reconhecer no analfabetismo um índice natural da etapa em que se encontra o processo de desenvolvimento nacional, apresenta-o como uma anormalidade, uma monstruosidade que é preciso “combater”, “erradicar”.*

As atitudes anteriormente citadas ainda se encontram no meio da escola em pleno século XXI, sendo uma concepção totalmente equivocada, um pensamento errado, mas que exerce influência na vida dos docentes.

Para que o trabalho educativo alcance resultados positivos, faz-se necessário que o professor conheça o jovem e o adulto da EJA, sua história de vida, seus anseios, sua cultura de origem, seu repertório linguístico, principalmente, suas dificuldades pedagógicas. Refletir sobre essas questões é repensar a relação professor-aluno e, conseqüentemente, a influência que exerce no processo de ensino-aprendizagem.

A relação professor-aluno tem sido um assunto amplamente discutido à luz das teorias pedagógicas modernas. É inegável que o relacionamento professor-aluno é imprescindível para o processo ensino-aprendizagem, uma vez que jovens e adultos, ao retornarem à escola, estão inseguros, desvalorizados e estigmatizados pelo insucesso.

Convém salientar que são poucos os docentes que levam em consideração o seu relacionamento com os alunos. Morales (1999, p. 9 e 10) afirma que:

Pensar na sala de aula como lugar de relação pode abrir para nós um horizonte de possibilidades, inclusive didáticas, que talvez não estejamos utilizando em todo o seu potencial. O modo como se dá a nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional, porque a nossa relação com os alunos deve ser considerada uma relação profissional. Precisamente por se tratar de uma tarefa profissional, não podemos deixar de lado um aspecto que diz respeito diretamente à eficácia do que fazemos.

Morales (1999, p. 33) apresenta em seu trabalho de pesquisa as afirmações dos alunos mais velhos, ao questionar sobre como seria um “bom professor”:

(...) os bons professores estão bem preparados, são pessoas educadas e respeitadas, preocupam-se de maneira autêntica com os alunos, os estimulam e ensinam a estudar, atendem suas necessidades particulares, utilizam o reforço positivo (sabem elogiar, ressaltar êxitos), tiram partidos dos interesses e habilidades dos alunos (...) sabe dar segurança, é próximo e familiar, é sensível às necessidades dos alunos, dá ajuda extra, não discrimina, auxilia os que vão pior, é humilde e reconhece os próprios equívocos.

Os alunos da EJA, por terem certa maturidade, almejam professores que saibam respeitá-los, que conheçam suas necessidades, que saibam onde eles querem chegar, que tenham certa proximidade com eles, sem discriminar sua idade e seus poucos conhecimentos formais.

Por isso, esta pesquisa tem por objetivo comprovar a importância de conhecer o perfil do aluno da EJA com o propósito de auxiliar o professor em sua tarefa didático-pedagógica, fornecendo-lhe referenciais para uma ação docente eficaz.

Para que esse objetivo seja cumprido, faz-se uso de autobiografias e relatos memorialísticos escritos por alunos da EJA que se transformaram em contadores de suas próprias histórias e as utilizam para se identificarem. Essas histórias narram de forma fidedigna a de vida dos alunos, descrevem as dificuldades que passaram com a família durante a infância, os motivos que os levaram a não ingressarem na escola na época certa, as razões que os fizeram evadirem-se da escola, bem como as causas da migração, pois muitos deixaram sua terra natal em busca de melhores condições de vida em São Paulo. As autobiografias revelam também os seus pontos fracos, suas tensões e os conflitos gerados nos relacionamentos familiares. A opção por esse *corpus* é porque jovens e adultos – sujeitos desta pesquisa – inscrevem-se em um ato discursivo ao falarem de si e da sua família e, por meio das suas memórias, interagem com todos aqueles que as leem; quando expõem suas vidas pessoais assumem uma posição e ao assumi-las identificam-se, pois a identidade é construída dentro do discurso. Assim, o aluno da EJA é o sujeito social do seu próprio discurso, vivendo dentro de uma coletividade, que tem uma existência, ocupa um espaço social e é possuidor de uma ideologia.

O pressuposto do qual partiu esta pesquisa é o de que o desconhecimento, por parte do professor, de quem é o seu aluno real da EJA afasta-o da possibilidade de relacionar-se, adequadamente, com suas turmas. Haja vista que a sala de aula é um lugar de relação social e quando o professor estreita seu relacionamento com os alunos sua didática torna-se mais eficiente, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Por esta ser uma pesquisa qualitativa, fazendo uso das narrativas autobiográficas dos alunos da EJA, procura-se aqui compreendê-las, interpretá-las, buscando um significado profundo para esses relatos. Para uma análise científica do conteúdo das narrativas busca-se o embasamento teórico em Lawrence Bardin, cujas técnicas serão utilizadas na avaliação do conteúdo das autobiografias que trazem a fala enquanto aspecto individual em ação: a linguagem. Nessa perspectiva, terá importância tudo aquilo que os alunos expressam como enunciadores que identificamos como jovens e adultos, ou seja, o conteúdo dos seus relatos escritos.

A análise das narrativas memorialísticas, atualmente, constitui-se em um valioso campo de estudos metodológicos no contexto da pesquisa acadêmica, na medida em que, por meio dos relatos, veem-se como jovens e adultos, ao longo de sua própria história têm sua vida transformada. Esses jovens e adultos, ao reviverem acontecimentos do passado, presentes em sua memória, selecionam trechos marcantes de suas vidas, procurando transmitir uma imagem de si ao seu enunciatário. Sabe-se que aquele que escreve não o faz para si, mas para o outro.

Ao narrar suas autobiografias, esses jovens e adultos se constituem em sujeitos falantes que, fazendo uso da linguagem, identificam-se, enunciam seu discurso a partir do lugar que ocupam no meio social: jovem ou adulto, trabalhador, migrante, membro de uma família, excluído socialmente.

Como as autobiografias são discursos que precisam ser interpretados, considera-se a produção de sentidos e a riqueza das condições históricas e sociais veiculadas nos relatos feitos pelos alunos.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, procurou-se definir, caracterizar e explicar a importância da educação de jovens e adultos, segmento da educação básica. A maneira como alguns educadores veem a EJA está ligada ao senso comum, por isso traz aos educadores muita confusão. Saber quem é esse aluno e suas características corretas proporciona ao educador uma compreensão melhor do seu alunado, contribui para o processo ensino-aprendizagem, além de situar sua área específica de atuação. Procura-se, ainda, no primeiro capítulo, dar ao leitor uma ideia da importância da educação de jovens e adultos no século XXI, em um mundo globalizado.

O segundo capítulo apresenta a história da educação de jovens adultos no Brasil, a partir do Período Imperial até nossos dias. Mostra os meandros dessa modalidade de educação, como foi tratada ao longo dos anos pelos governantes, seu sucateamento e sua negligência, fazendo com que a situação chegasse aos resultados atuais. Por meio da história da EJA, vemos como foi a convivência da classe elitizada, privilegiada, com uma população pobre, desprestigiada, analfabeta e excluída; mudaram os políticos, aumentaram os

recursos financeiros, contudo, a erradicação do analfabetismo sempre foi tratada como “campanha” e criação de siglas inócuas que não deram resultados.

O terceiro capítulo aborda a questão da memória e da identidade. Quando jovens e adultos da EJA rememoram acontecimentos de suas vidas, relatam tudo o que ficou registrado na memória. Não são todos os acontecimentos com detalhes, mas aquilo que na trajetória da vida teve significado e merece ser lembrado. As narrativas memorialistas dos jovens e adultos não são puramente pessoais, posto que houvesse uma convivência familiar, um coletivo. Enne (2001, p. 3), acertadamente, afirma que:

Maurice Halbwachs contribuiu definitivamente com as ciências sociais ao propor o conceito de memória coletiva e ao definir os quadros sociais que compõem esta memória. Para o autor, não existe memória puramente individual, posto que todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação da sociedade, através de suas diversas agências e instituições sociais.

Assim, por meio das autobiografias tem-se uma ideia clara acerca do perfil do alunado da EJA, em sua maioria migrantes. Atrelado ao conceito de memória aborda-se, também nesse capítulo, o conceito de identidade. Alguns dos relatos narram a partir do nascimento, outros têm início na infância ou adolescência, registrando a forma como eles, os jovens e adultos, apreenderam o mundo, o nome das coisas, por convenção, e conseqüentemente foram bombardeados desde a infância por ideologias.

Mostram como o ser vai se transformando a partir da relação com as outras pessoas da convivência familiar e como por meio de outras relações sociais elas construíram-se a si mesmas. Nas autobiografias, os alunos se identificam com seus nomes, para distinguir-se dos outros, assumem um papel no seio familiar, na sociedade. As experiências dos jovens e dos adultos são narradas porque ficaram na memória, constituíram-se na história de vida e de uma forma ou de outra formaram a identidade deles.

No quarto capítulo, faz-se a análise do *corpus* na qual se exploram as autobiografias de maneira minuciosa, buscando-se compreender, interpretar e analisar os traços marcantes nos relatos memorialísticos. É feita, nesse capítulo, a análise do conteúdo a partir da contribuição de Lawrence Bardin,

utilizando-se a classificação dos elementos por categorias, que possuem características comuns a partir dos seguintes critérios: as razões econômicas, que privaram a família do aluno da EJA dos bens necessários para uma vida digna; as razões pelas quais a família foi obrigada a migrar da sua terra natal para São Paulo; as razões da evasão escolar, que fizeram com que o aluno abandonasse seus estudos; as razões pelas quais as famílias se desestabilizaram.

Finalizando, apresenta-se a conclusão a partir de tudo aquilo que foi observado nos capítulos anteriores, salientando-se de que maneira pode o professor da EJA lançar mão do recurso dos relatos autobiográficos em suas salas de aula.

As autobiografias, material adicional, redigidas pelos alunos são acrescentadas como anexos ao final desta dissertação, com a finalidade de comprovar, esclarecer e fundamentar esta pesquisa.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O QUE É, COMO SE CARACTERIZA E QUAL A SUA IMPORTÂNCIA

A falta de clareza no entendimento do termo “educação de jovens e adultos” (EJA), bem como o real conhecimento de suas características próprias, tem, ao longo dos anos, gerado muita confusão nos meios educativos. A educação de jovens e adultos não pode ser confundida com qualquer ensino noturno, nem associada ao jovem ingressante em uma universidade, com o estudante de um curso de especialização ou de qualificação profissional, ou com qualquer outra atividade educativa da qual as pessoas adultas participam, tampouco com os cursos de culinária, corte e costura ou línguas estrangeiras e cursos livres, frequentados por pessoas adultas.

Nessa modalidade de ensino há também jovens do ensino regular, que são indisciplinados, muitos foram reprovados, e, por isso, remanejados para o período noturno, obrigados pelos pais a concluírem o ensino fundamental ou o ensino médio. Tais alunos, ao adentrarem a sala de aula da EJA, são agitados, por vezes perturbam a aula, porém, apreendem com mais facilidade os conteúdos ensinados do que os alunos mais velhos, fazendo com que estes se sintam inferiores, inseguros e achando-se pouco inteligentes. O enfoque desta pesquisa serão os alunos acima de 20 anos de idade.

A EJA é um segmento específico da educação básica que tem como propósito precípuo oferecer ensino aos jovens e adultos que foram privados do ensino regular durante a infância e/ou adolescência, por deficiência do sistema de educação, por falta de condições socioeconômicas favoráveis ou por insuficiência de vagas nas escolas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), 9394/96, na Seção V, da Educação de Jovens e Adultos, preceitua:

Art. 37 – *A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.*

A lei estabelece um direito e aponta, claramente, a parcela da população a que se destina essa modalidade, não se tratando de qualquer jovem ou adulto, mas daqueles que foram impedidos de dar continuidade aos estudos na idade própria.

Segundo Kohl (1999 p. 59), a “educação de pessoas adultas não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão cultural”. A clientela da EJA constitui-se de homens e mulheres com crenças e valores constituídos, que vão dos 15 anos aos idosos⁵.

Paulo Freire (2001, p. 67-68), educador amplamente envolvido com a alfabetização de adultos, em entrevista afirma que o universo da população de adultos e jovens é marginalizado e o descreve da seguinte forma:

(...) se constitui, na sua maioria, de migrantes vindos dos estados mais pobres do Norte e Nordeste e também da zona rural do interior de São Paulo e Minas Gerais. São pessoas que vivem de modo geral de subemprego ou que se dedicam a profissões que não exigem habilitação específica (p. ex., “auxiliares” na construção civil, faxineiras, empregadas domésticas). Assim sendo, seu nível de renda é muito baixo, insuficiente até para a satisfação de necessidades básicas como alimentação e moradia. Provavelmente habitam favelas, cortiços e nas “autoconstruções” da periferia de São Paulo. Consomem grande parte de seu tempo no transporte e quase não usufruem dos serviços ou espaços de lazer que a cidade tem (que são, de modo geral, pagos e centralizados). Algumas exceções são: frequentar, aos domingos a Praça da Sé ou Parque do Ibirapuera, ou mais recentemente o Parque do Carmo (Zona Leste). Grande parte da população analfabeta é constituída por mulheres, que desenvolvem a dupla jornada de trabalho.

Os jovens e os adultos saem de suas regiões porque estas não possuem requisitos mínimos para lhes oferecer uma vida digna, migram para a capital paulista na esperança de encontrar melhores condições de vida. A família, geralmente muito grande, cujos pais não têm bases sólidas para sustentar os filhos, obrigam muitos a fazerem uma opção pelo trabalho, abrindo

⁵ A OMS (Organização Mundial da Saúde) para todos os efeitos legais considera idosos todos os indivíduos que têm 65 anos ou mais. No Brasil aprovou-se a Lei 8.842/94, estabelecendo a Política Nacional do Idoso, considerando, no 2º artigo, como idoso a pessoa de 60 anos de idade.

mão de seus estudos. Por não possuírem qualificação profissional, submetem-se a qualquer tipo trabalho, por um salário irrisório que mal dá para custear as despesas básicas necessárias e privam-se do lazer.

Daí a afirmação de Haddad (1992) de que a EJA constitui-se mais como resultado da miséria social do que do progresso educacional. É decorrente do precário sistema público de ensino e das míseras condições de vida da população brasileira.

A EJA, para esse autor, é uma oportunidade que o migrante tem para melhorar sua vida, uma vez que foi excluído da sociedade brasileira, tornou-se mais pobre em um mundo transformado pela revolução tecnológica e com um enorme desenvolvimento. Contudo, os avanços mundiais não foram capazes de fazê-lo superar a pobreza nem de oferecer-lhe a verdadeira consciência do seu valor.

Assim, nasce uma educação de jovens e adultos voltada para uma clientela condicionada à miséria social, feita para o brasileiro excluído, aquele sem qualificação profissional, o migrante que não usufrui da cultura ou do lazer, que pega o ônibus lotado, que mora na periferia, paga aluguel e que mal pode sustentar-se dignamente.

É uma educação para os pobres, para jovens e adultos das camadas populares, para aqueles que são maioria nas sociedades de Terceiro Mundo, para os excluídos do desenvolvimento e dos sistemas educacionais de ensino.
(HADDAD, 1992, p. 2)

O alunado da EJA é constituído por homens e mulheres dos mais diversos tipos, com histórias reais com uma vasta experiência na vida pregressa e plenamente convictos daquilo que querem, pois a vivência fez com que eles formassem suas opiniões.

Como são migrantes oriundos das mais diversas regiões do Brasil, têm traços próprios, carregam a cultura do seu local de nascimento, seu modo singular de pensar e de ver o mundo. Mesmo nascendo e vivendo em locais diferentes, têm traços comuns: são adultos que trabalham, possuem responsabilidades familiares e sociais, valores, conduta ética e moral. Foram formados pelas

experiências acumuladas ao longo da vida – positivas e negativas – trazidas da origem ou vivenciadas nos grupos aos quais foram introduzidos.

Os jovens e adultos têm uma maneira especial de enxergar o mundo, pois foram inseridos no trabalho de forma abrupta, por necessidade, mas nem por isso deixaram de adquirir conhecimento. Contudo, na concepção de Paulo Freire (1991, p. 28), “o homem, por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta”. O conhecimento que o jovem e o adulto possuem pode ser também designado como o da “consciência transitiva” em que eles observam o mundo de maneira simples e ingênua, por vezes, até mesmo mágica. Paulo Freire (2002, p. 68) assim a define:

A consciência transitiva é, porém num primeiro estado, preponderantemente ingênua. A transitividade ingênua, fase em que nos achávamos e nos achamos hoje nos centros urbanos, mais enfática ali, menos aqui, se caracteriza, entre outros aspectos, pela simplicidade na interpretação dos problemas.

De acordo com o MEC/SECAD⁶, esses alunos são portadores de dois saberes adquiridos pela experiência de vida: o saber “sensível” e o saber “cotidiano”:

O saber sensível é adquirido no relacionamento com o mundo, quando se observam as coisas que estão ao nosso redor. Todo ser humano tem o saber sensível ao vir ao mundo, pois é inato, nasce com os cinco sentidos. É o conhecimento informal, importante para aquisição do formal, que é, contudo, pouco valorizado pelos professores.

O saber sensível diz respeito àquele saber do corpo, originado na relação primeira com o mundo e fundado na percepção das coisas e do outro. Caracterizado pela Filosofia como um saber pré-reflexivo, nos leva à ideia de que existe um conhecimento essencial, acessível a toda a humanidade: uma verdade mais antiga que todas as verdades conquistadas pela ciência, anterior a todas as construções realizadas pela cultura humana. O saber sensível é um saber sustentado pelos cinco sentidos, um saber que todos nós possuímos, mas que valorizamos pouco na vida moderna. É aquele saber que é pouco estimulado numa sala de aula e que muitos professores e professoras atribuem sua exploração apenas às aulas de artes. (MEC/SECAD, 2006, p. 6)

⁶ MEC/SECAD. *Trabalhando com Educação de Jovens e Adultos – Alunos e Alunas da EJA*. Brasília, 2006, p. 5 e 6.

O conhecimento cotidiano é o uso do senso comum nas relações sociais, proveniente das experiências acumuladas ao longo da vivência do indivíduo, que se tornou maduro conforme os anos foram passando. Nasceu dos valores e princípios do seu grupo social e pela maneira como este se conduzia perante a sociedade. Todo esse conhecimento foi construído para além dos muros da escola.

O saber cotidiano possui uma concretude, origina-se da produção de soluções que foram criadas pelos seres humanos para os inúmeros desafios que enfrentam na vida e caracterizam-se como um saber aprendido e consolidado em modos de pensar originados do dia a dia. Esse saber, fundado no cotidiano, é uma espécie de saber das ruas, frequentemente assentado no “senso comum” e diferente do elaborado conhecimento formal com que a escola lida. É também um conhecimento elaborado, mas não sistematizado. É um saber pouco valorizado no mundo letrado, escolar e, frequentemente, pelo próprio aluno. (MEC/SECAD, 2006, p. 7)

Ao tratar da educação de jovens e adultos, Gadotti e Romão (2001, p. 31 e 32) assim qualificam esses alunos:

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e dos adultos (...) aqueles que frequentam os programas de educação de adultos são majoritariamente os jovens trabalhadores.

É indiscutível a presença dessas pessoas nesse segmento da educação básica que são compelidas a retornarem à sala de aula. Em primeiro lugar, porque as mudanças no mercado de trabalho exigem da sociedade um novo perfil de trabalhador: é necessário que tenha domínio das novas tecnologias, comunique-se com eficiência, trabalhe coletivamente, seja criativo, saiba solucionar dificuldades imediatas, autoavaliar-se constantemente e esteja permanentemente se reeducando. Como se exige que o trabalhador seja capaz de ler, saiba obedecer a instruções e resolva problemas práticos, o adulto que trabalha que não tem essas competências, sente a necessidade de voltar à escola porque tem baixa escolaridade e isso o impede de atuar com desenvoltura no mercado de trabalho.

Esse adulto trabalhador, precariamente formado, vê-se obrigado a retornar aos estudos pela garantia de emprego. Ocorre que as empresas passaram a exigir certo grau de escolaridade e isso se tornou uma condição indispensável para ocupar uma determinada vaga em uma empresa ou até mesmo para se manter no emprego ou almejar um salário superior.

Em suma, os jovens e adultos da EJA não puderam estudar para realizar o sonho de um futuro melhor porque largaram o estudo e passaram a trabalhar por uma questão de sobrevivência.

O que se depreende de toda essa situação é que, enquanto os alunos privilegiados estudam e o conhecimento é o caminho para que venham a galgar maiores e melhores oportunidades, os das classes menos favorecidas, a princípio, impossibilitados de dar continuidade aos estudos, arranjaram um (sub)emprego para sustentar a família.

A EJA, como já foi caracterizada, é uma modalidade de ensino específica para jovens e adultos carentes de uma educação básica, cujo retorno à escola depois de longo afastamento não se dá de forma simples e natural. Pelo contrário, a tomada de decisão repercute em toda família (cônjuge, filhos, netos), incide sobre a deliberação da empresa onde trabalha, pois precisa equacionar seu horário de saída com a entrada na escola, o que no caso de São Paulo, por questões de congestionamento, alagamento, acidentes e outros imprevistos, nem sempre ocorre eficazmente. Em decorrência disso, muitos vão direto para a escola, sem se alimentar, tomar banho ou relaxar. E esse desgaste físico aumenta a dificuldade de aprender os conteúdos ensinados e, além disso, deve-se levar em conta a falta de tempo para o estudo e revisão dos conteúdos dados no dia anterior.

Tudo isso faz com que o retorno à escola seja um grande desafio diante das muitas dificuldades encontradas, mas que se tornam insignificantes pelo valor que atribuem à educação e o acréscimo que ela fará posteriormente em suas vidas.

Pelo valor dado à educação, mede-se o progresso de uma sociedade moderna, bem como de todos os seus indivíduos. É inegável sua importância e assim

Sacristán (2001, p.15) se expressa: “Nas sociedades ou países onde [a educação] não é uma realidade, a intenção é alcançá-la; onde é alcançada, pretende-se melhorá-la por mais tempo”. Numa sociedade em que a educação inexistente há um retrocesso, sua ausência é sentida pela falta de desenvolvimento dos indivíduos e, conseqüentemente, de toda a sociedade.

É evidente a importância da educação e, de forma legítima, tem esta sido considerada como parte fundamental e essencial para o ser humano, sendo um direito garantido por lei, conforme LDBEN 9394/96:

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Embora a educação seja um direito garantido na Constituição, para que ela se concretize na prática necessita de algumas garantias: **(a)** o ensino deve ser obrigatório e gratuito, por isso deve haver garantia de vaga sem que haja necessidade de disputá-la, evitando exclusão e evasão escolar; **(b)** dar condições para que todos tenham acesso ao ensino, até mesmo aqueles que não conseguiram concluir seus estudos na época certa; **(c)** prestigiar o profissional da educação, bem como garantir a liberdade para o ensino-aprendizagem, enfatizando a cultura, a arte, o saber e o conhecimento; **(d)** valorizar as experiências que os alunos adquiriram fora da escola; **(e)** assegurar a qualidade do ensino; **(f)** associar a educação ao trabalho e às relações sociais **(g)**; oferecer educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até cinco anos de idade; **(h)** conceder material didático-escolar, transporte, alimentação assistência à saúde; **(i)** disponibilizar vagas para jovens e adultos ofertando ensino de qualidade aos que trabalham; **(j)** conceder aos pais as mínimas condições para a manutenção dos filhos na escola.

Tal é a importância da educação pelo qual o Poder Público tem a prerrogativa de zelar que os pais, que possuem filhos fora da escola, são responsabilizados e inquiridos sobre a razão de estes não estarem matriculados em uma unidade escolar. A leitura das autobiografias que compõem esta pesquisa deixa claro

que os alunos da EJA possuem uma história de vida, a ser considerada e, pelos seus relatos, como afirma Freire (2008), “fazem e se refazem socialmente” (p. 21). Relembrando os fatos históricos vivenciados na família, as vicissitudes sofridas, as dificuldades financeiras que os impediram de ter o mínimo necessário para uma existência digna, todos os alunos da EJA almejam “ser mais”, isto é, não querem para si mesmos e nem para os próprios filhos as privações passadas pelos pais.

Esses adultos retornaram aos estudos porque olharam para si mesmos e encontraram-se incompletos. Isso aconteceu porque se tornaram maduros e perceberam que a ausência da escolaridade, que não tiveram, por conta das contingências da vida deixou uma lacuna que é indispensável ser preenchida por aqueles que buscam um alicerce seguro e desejam interagir na sociedade na qual estão inseridos. A educação da qual foram alijados na infância faz falta nos dias atuais. Freire (2008, p. 22) chama esse momento de um “salto”, “um momento formidável” que é quando o indivíduo adquire a consciência da indeterminação e da incompletude. Os animais e as árvores não são seres prontos e acabados, porém, não se reconhecem como seres inacabados os homens sim. A consciência da incompletude, continua Freire (2008, p. 22), “criou o que chamamos de educabilidade do ser, pois a educação é então uma especificidade do ser humano”. O retorno à escola dá-se pela conscientização, quando jovens e adultos refletem sobre a própria existência. O ser humano é educável na medida em que tem uma consciência que o capacita a raciocinar e refletir sobre a própria existência.

Freire (1991, p. 27) assim se expressa acerca do homem como um ser reflexivo:

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aí a razão da educação.

O ser humano tem a capacidade de pensar acerca de si mesmo, observar a sua realidade, interrogar-se e descobrir sua verdadeira posição no mundo. Ao refletir sobre si mesmo, o ser humano descobre-se inconcluso, porém, capaz

de buscar coisas melhores para si e para os que estão ao seu redor. Por isso “ninguém educa ninguém” (FREIRE, 1991, p. 28), pois o ser humano, que é consciente da sua incompletude, por si só busca educar-se, “tornando-se sujeito de sua própria educação” (*op. cit.* p. 28).

Após o ser humano conscientizar-se de que seu conhecimento não é absoluto, de que o estudo ainda é um objetivo a ser buscado ou um sonho a ser realizado, instaura-se um processo de busca pelo estudo, mesmo na idade adulta, porque a educação é um processo contínuo, permanente e ininterrupto, pois estamos nos educando sempre.

A educação formal para esses alunos tornou-se imprescindível, com o passar dos anos. Mesmo em idade adulta, com família constituída, o estudo passa a ocupar o primeiro lugar, seja para melhorar os rendimentos, servir de exemplo para os filhos, vencer traumas escolares da infância ou por uma realização pessoal. Alguns se lamentam por não terem feito um sacrifício maior para estudarem na infância. Hoje, estão sensibilizados para o valor da educação, por isso, além de retornarem aos estudos, aconselham outros a fazerem o mesmo, principalmente conscientizar os filhos sobre o seu valor.

Conquanto a educação constitua um direito universal e um caminho possível para a igualdade isto não significa que essa igualdade seja obtida. Contudo, onde a educação inexistente, perpetuam-se as desigualdades. Connell (1995, p.11), ao pesquisar a relação da pobreza com a educação, faz a seguinte constatação:

Crianças vindas de famílias pobres são, em geral, as que têm menos êxito, se avaliadas através dos procedimentos convencionais de medida e as mais difíceis de serem ensinadas através dos métodos tradicionais. Elas são as que têm menos poder na escola, são as menos capazes de fazer valer suas reivindicações ou de insistir para que suas necessidades sejam satisfeitas, mas são, por outro lado, as que mais dependem da escola para obter sua educação.

Sendo assim, em uma sociedade que se diz democrática, para as famílias mais carentes, a educação apresenta-se como solução para uma série de dificuldades, necessidades, realização, ideais, pois depositam na educação as esperanças de dias melhores.

Para essas famílias, as escolas tornam-se imprescindíveis, devendo ser um lugar em que os horizontes são ampliados e as realizações se consolidem. A assertiva de Sacristán (2001, p. 27) a respeito das escolas é a de que nestas.

(...) devem ser afirmadas a tolerância e a facilidade, para que cada sujeito encontre possibilidades de ser respeitado e possa realizar-se com um certo grau de autonomia, reconhecendo-se sua capacidade e o seu direito de elaborar e perseguir projetos pessoais, além do direito à privacidade, à liberdade para expressar-se e à possibilidade para afirmar sua identidade e sentir-se semelhante a quem quiser.

A formação da autoestima do sujeito é influenciada por sua presença na educação formal. Quando uma criança é matriculada na escola, ela entra em contato com colegas da mesma classe social, da mesma faixa etária, tem os conflitos normais da infância e da adolescência, o que a incentiva a desenvolver a sua personalidade e amadurecer firmando seus valores, moldando se caráter. A educação produz efeitos ao indivíduo e na sociedade. Sacristán (2001, p. 28) constata:

Não podemos educar o vazio se não com nutrientes culturais; tampouco podemos educar para o vazio ou para uma sociedade inexistente, mas sim para habilitar sujeitos a entender e a participar de sua cultura, das atividades da sociedade, da contemporaneidade de seu mundo, de seu país e de seu tempo.

Isso significa que a educação não visa à adaptação do sujeito à sociedade, com o propósito de deixá-lo plenamente ajustado ou homogeneizado, como afirmava Durkheim. Segundo ele (2011, p. 53):

A sociedade só pode viver se existir uma homogeneidade suficiente entre os membros; a educação perpetua e fortalece esta homogeneidade gravando previamente na alma da criança as semelhanças essenciais exigidas pela vida coletiva.

A educação, de acordo com Saviani (1980, p. 35), “visa ao homem”, à sua elevação enquanto ser humano que está condicionado e dependente do meio natural e cultural em que vive. Freire (1980, p. 34) assevera que “cada homem está situado no espaço tempo, no sentido em que vive numa época precisa, num lugar preciso, num contexto social e cultural preciso”. O homem está adaptado a um ambiente concreto, determinado, e este, por vezes, pode levá-lo à acomodação. A partir dessa situação há possibilidade de modificação, porque “a vida humana só pode se sustentar e desenvolver a partir de um

contexto determinado; é daí que o homem tira os meios de sua sobrevivência” (SAVIANI, 1980, p. 36). Mesmo porque “o homem tem necessidades que precisam ser satisfeitas e este fato leva à valorização e aos valores” (SAVIANI, 1980, p. 37). O ser humano é capaz de reagir, pois não fica insensível às suas necessidades, pois “a vocação do homem é a de ser sujeito e não objeto” (FREIRE, 1980, p. 34). “Ele reage perante a situação, intervém pessoalmente para aceitar, rejeitar ou transformar” (SAVIANI, 1980, p. 37). Freire (1980, p. 34) assim se expressa: “A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto da sociedade na qual o homem está radicado”.

Com o passar dos anos, houve uma transformação no enfoque dado à educação de jovens e adultos, porque houve modificação nas condições da estrutura produtiva, que resultou na alteração do mercado de trabalho. Acrescenta-se a isso a globalização econômica, em que o capital se mundializou, as relações comerciais entre as nações ficaram mais próximas, reestruturando a produção, principalmente com o crescimento da ciência e das novas tecnologias, que gerou uma maior competitividade no mercado. A partir de todas essas mudanças houve uma ressignificação do conceito de educação, porque aumentou a procura pela educação formal. O mercado de trabalho passou a exigir um trabalhador com conhecimento das novas tecnologias, mais comunicativo, mais criativo, que saiba lidar com os problemas. Silva (2009, p. 15) faz a seguinte observação:

O esforço de nosso país, no contexto geral das nações mundiais e ante o lugar nele ocupado, teria como eixo o processo de alfabetização e de escolarização desses adultos e jovens excluídos dos sistemas escolares para formar e melhor qualificar a mão de obra marginalizada dos processos de produção necessários para a fundação do chamado Estado moderno que, agora voltado para a indústria e o comércio de produtos manufaturados, passa a exigir cada vez mais um contingente de trabalhadores escolarizados.

Com as mudanças ocorridas na sociedade, passando-se da industrial para a da informação, há novas exigências do mercado de trabalho e a necessidade leva à formação de trabalhadores para essa nova sociedade: Flecha e Tortajada (2000, p. 22) enfatizam que:

Na sociedade industrial, havia um predomínio do setor secundário (indústria) e um crescimento do terciário (serviços) em detrimento do setor primário (agricultura, pesca, mineração, etc.). Atualmente, está desenvolvendo-se um novo setor (quaternário ou informacional) em que a informação é a matéria-prima e o seu processamento é a base do sistema econômico. No desenvolvimento do citado setor, acontecem majoritariamente diferentes modos de articulação que podemos resumir em duas tendências conforme a posição econômica do país e as políticas governamentais realizadas: a mudança no processo de produção e o surgimento de novas atividades e profissões.

Assim, Frigotto (1998, p. 224) destaca que:

O campo educativo, da escola básica à pós-graduação, no quadro do ajuste global, é, então, direcionado para uma concepção produtivista, cujo papel é o de desenvolver habilidades de conhecimento, valores e atitudes e de gestão da qualidade, definidas no mercado de trabalho, cujo objetivo é formar, em cada indivíduo, um banco ou reserva de competências que lhe assegure empregabilidade.

Muda-se a política da educação, insere-se um novo currículo para que a escola possa atender à demanda do capital, na medida em que forma o cidadão para o mercado de trabalho, em que as regras são: a competência, a habilidade, a competitividade e a garantia de um emprego. A educação passa a ser importante para facilitar o acesso a uma formação na aquisição de conhecimentos para:

(...) permitir o desenvolvimento das habilidades necessárias na sociedade da informação. Habilidades como a seleção e o processamento da informação, a autonomia, a capacidade para tomar decisões, o trabalho em grupo, a polivalência, a flexibilidade, etc., são imprescindíveis nos diferentes contextos sociais: mercado de trabalho, atividades culturais e vida social em geral. (FLECHA e TORTAJADA 2000, p. 25).

As empresas passam a exigir maior escolaridade para selecionar melhor seus empregados e estes se preocupam com a educação, não só para candidatar-se a uma vaga em um emprego, mas também para permanecerem empregados. As exigências do mercado de trabalho, como competência, habilidade, saber lidar com a informação, tornam-se fatores preponderantes para um retorno à escola ou para a exclusão de algumas pessoas, como afirmam Flecha e Tortajada (2000, p. 24):

As pessoas que não possuem competências para criar, tratar a informação, ou aqueles conhecimentos que a rede valoriza, ficam excluídas. Vai-se caracterizando uma sociedade na qual a educação, ao proporcionar acesso aos meios de informação e de produção torna-se um elemento-chave que dota de oportunidades ou agrava situações de exclusão.

De acordo com a Secretaria Municipal de São Paulo⁷, (2008, p. 13) mudou-se a realidade:

Em palavras mais diretas: quem está empregado tem de fazer Ensino Fundamental e Médio para manter-se empregado; quem não está empregado só consegue candidatar-se para um posto de trabalho com a escolaridade mínima estabelecida pelos RH das empresas, a qual, em muitos casos, já é a do Ensino Médio completo. É possível prever que, num período de tempo não muito longo, boa parte do setor de serviços e de empresas de ponta estabeleça a escolaridade de nível superior como exigência mínima para contratação.

Para que a educação cumpra a função que o mercado deseja e esteja de acordo com aquilo que o trabalhador necessita, a LDBEN 9394/96 relaciona a educação escolar ao trabalho: **(1) Art. 1º - 2º** parágrafo: “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho”; **(2) Art. 2º** - “A educação tem por finalidade (...) qualificação para o trabalho”. É indiscutível a importância do trabalho, pois este faz parte da essência do ser humano. Contudo, atrelar a educação somente à formação para o trabalho é manter o modo de produção e valorizar a acumulação capitalista.

Assim, reforma-se a educação para que o trabalhador esteja adequado ao mercado de trabalho. Para Silva (1998, p. 8), “no centro das atuais reformas educacionais está a tentativa de transformar a educação em uma simples mercadoria”. Então, ele completa:

O conhecimento deixa de ser um campo sujeito à interpretação e à controvérsia para ser simplesmente um campo de transmissão de habilidades e técnicas que sejam relevantes para o funcionamento do capital. O conhecimento deixa de ser uma questão cultural, ética e política para se transformar numa questão simplesmente técnica. (1998 p. 8,9)

⁷ Secretaria Municipal de Educação de São Paulo: SME / DOT, 2008. Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para Educação de Jovens e Adultos - EJA

A educação, dessa forma, não visa à aquisição do conhecimento e crescimento individual, mas, sim, ao simples certificado de conclusão dos ensinos fundamental e médio. O jovem e o adulto da EJA têm uma grande desvantagem, pois sua carga horária é reduzida e seu tempo de permanência na escola não é o mesmo do ensino regular, porque em um ano ele cursa duas séries. Alguns concluem o ensino fundamental e já ficam satisfeitos. Outros conseguem concluir o ensino médio, mas não prosseguir no ensino superior.

Frigotto (1980, p. 233) não concorda que a educação deva estar vinculada ao mercado de trabalho e enfatiza que:

(...) a educação e a formação da criança e do jovem, especialmente não devem estar atreladas aos objetivos interesseiros, estreitos e imediatistas do processo de produção na sua forma capitalista e, portanto, a perspectiva pedagógica das “competências”, habilidades, atitudes, valores, subordinados a esse caráter interesseiro.

A educação, para esse autor, “trata-se de uma educação e formação centrada no desenvolvimento das múltiplas dimensões da vida humana” (p. 233). Assim, antes de se pensar no valor da educação e a validade dela na vida do ser humano é necessário refletir sobre as condições concretas em que esse ser humano vive e quem ele é. O homem não pode ser um objeto ou algo material para ser moldado à mercê de um sistema. Pelo contrário, o homem tem vocação para ser sujeito, porque “está situado no espaço e no tempo, no sentido de que vive numa época precisa, num lugar preciso, num contexto social e cultural preciso” (Freire, 1980, p. 34). A educação torna-se importante para o jovem e o adulto na medida em que ele reflete sobre sua situação e seu ambiente. Freire (1980, p. 35), falando sobre a educação, propõe:

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o home escolhe, decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha.

Verificando-se a história da educação em nosso país constata-se que o problema da educação de jovens e adultos não é recente e, para sua melhor compreensão, uma revisão histórica é oportuna.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO PERÍODO IMPERIAL AOS NOSSOS DIAS⁸

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO PERÍODO IMPERIAL À REPÚBLICA

Quando a família real portuguesa chegou ao Brasil, em 1808, o Rio de Janeiro, às pressas, começou a se adaptar para receber a aristocracia, que invadiu o território brasileiro. Iniciou-se, na história brasileira, a fase imperial; aqui passou a ser a sede do reinado português e a perspectiva da organização social e educacional brasileira tendia a se modificar.

Houve uma ruptura com a educação jesuítica, mas não com seus métodos, porque 210 anos não se modificam de forma súbita, a mudança foi lenta e gradual. A preocupação com o ensino elementar era grande, mas mantiveram-se os mesmos moldes da educação anterior, com a utilização de instrumentos técnicos para aprender a ler e a escrever.

A escassez de professores habilitados tornou-se um problema para os responsáveis pela educação, porque não houve preocupação em prover o país desses profissionais. Então, o ensino das “primeiras letras” tornou-se imprescindível para a preparação dos alunos para o ensino secundário, além de equipá-los para funções em cargos burocráticos.

Nessa fase da vida política brasileira, o ensino elitizado manteve-se firme na medida em que os maiores investimentos foram para o ensino superior. Quanto à educação básica, a mais carente, não se desenhava para ela projeto educacional. A presença de jovens e adultos era certa, muitos desprivilegiados por causa da condição financeira, daí infunde-se uma certeza iniludível: a exclusão acentuava-se. Romanelli assegura:

⁸ Para a elaboração deste capítulo consultaram-se diversos autores, cujos livros e artigos estão pormenorizados na bibliografia. Os autores foram: Maria Lucia de Arruda Aranha, Maurilane Souza Biccas e Marcos Cezar Freitas, Carlos Fonseca Brandão, José Maria Paiva, Vanilda Paiva, Maria Elizabete Sampaio Prado, Maria Luísa Santos Ribeiro, Maria Aparecida dos Santos Rocha, Otaíza de Oliveira Romanelli, Nelson Werneck Sodré, Wagner da Silva Teixeira, Maria Clara Di Pierro, Sérgio Haddad, Vera Maria Masagão Ribeiro, Jerusa da Silva Gonçalves e Gilson Ruy Monteiro Teixeira e Paulo Ghiraldelli.

A preocupação exclusiva com a criação de ensino superior e o abandono total em que ficaram os demais níveis de ensino demonstram claramente esse objetivo, com que se acentuou uma tradição – que vinha desde a Colônia – a tradição da educação aristocrática. (2010, p. 39)

A elite, que no período anterior determinava a direção da ação educativa, no Período Imperial mantém sua hegemonia de classe burguesa favorecida e sua ascensão vertiginosa estabelecia e influenciava a inserção das ideias, do pensamento e da cultura europeia em solo brasileiro.

Como se vê, não se delineava nenhum plano de educação nacional para as massas, que, com o passar do tempo, ficavam privadas de uma educação especial, específica, apropriada para uma demanda que crescia. Restou, por parte da Coroa, uma preocupação única: oferecer aos operários, trabalhadores do comércio e da agricultura, um ensino que os capacitasse a desempenhar bem a sua função dentro atividade em que trabalhavam. As chances de melhorar as próprias condições de vida por meio do estudo eram mínimas.

Quem desejava mudanças, no período da independência política, decepcionou-se, porque novas preocupações surgiram. Com o rompimento das relações com Portugal, havia necessidade de os brasileiros assumirem a nação, participarem das atividades, sempre visando ao desenvolvimento do país. Ocorre que o número de pessoas com instrução elementar ainda era muito pequeno. O descaso com essa educação gerou consequências nocivas. Nunca se levou a sério a instrução elementar, esta não se tornou popular, não era prioridade. Após a independência, era caso de urgência aumentar o contingente de instruídos para ocupar funções burocráticas.

Assim, a burguesia letrada, que sempre obteve a melhor educação, representada pelos donos das terras e latifundiários, passou a ocupar os melhores cargos. Romanelli (*op. cit.* p. 39) afirma que:

O papel, portanto, que os letrados passaram a desempenhar na nova ordem política foi de indiscutível relevância, uma vez que foram eles que, em sua maioria, ocuparam os cargos administrativos e políticos.

Não estava nos planos do governo oferecer um cargo administrativo ou político a uma pessoa de instrução elementar. Se o ar aristocrático permeava a sociedade da época, a “camada inferior”, massa popular de pouca instrução, não tinha voz.

O ensino elementar nessa época era insuficiente e a necessidade de ter um número grande de pessoas instruídas era fundamental para a consecução dos objetivos do Estado independente: prover pessoas capacitadas para o trabalho mais aprimorado. O que fazer se as escolas primárias e médias ainda estavam nas mãos dos religiosos, herança do Período Colonial?

Paiva (2003, p. 71) faz um comentário bem apropriado sobre situação do ensino quando o Brasil tornou-se independente de Portugal: “A situação do ensino elementar no país, entretanto, era precaríssima, conforme depoimento dos representantes das províncias na Constituinte”.

A precariedade da educação tornava-se evidente e essa era a pauta principal nas discussões. Os debates giravam em torno da necessidade de educar a população considerada “inferior”, representada pela figura do negro, fosse escravo ou livre, do indígena, do mestiço e das mulheres. Essa população ficava sozinha, já que a classe dominante, quando necessitava de pessoas competentes para a administração, encontrava-as na burguesia.

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE 1889 A 1930

Após a Proclamação da Independência, há uma série de mudanças na sociedade brasileira, principalmente com o declínio da mineração. Passa-se de uma sociedade eminentemente agrícola e rural para comercial e urbana. Aranha (2006 p. 231) assim caracteriza esse momento histórico:

(...) ocorreram diversas mudanças significativas no Brasil: surto industrial, fortalecimento da burguesia urbano-industrial, aceleração da política imigratória, abolição da escravatura e por fim a queda da monarquia e a proclamação da República.

Nessa fase, há muitas inovações: o crescimento das cidades, o lucro na lavoura cafeeira, o sistema de trabalho se reorganiza, diversificam-se os ramos

de trabalho, criam-se leis, intensificam-se as reformas, há uma confluência de ideias positivistas e científicas, a classe média cresce, etc.

A classe que não tinha recursos dependia das leis e reformas para a educação popular. As decisões sobre a educação eram tomadas pela classe privilegiada, que não se interessava pelos pobres, nem dependia do governo, já que, possuindo condições financeiras, podia contratar professores alfabetizadores, cursar o ensino secundário e, conseqüentemente, o ensino superior.

O trabalho realizado pelo grupo mais simples da sociedade da época não necessitava de instrução compatível com a atividade que exercia. A pessoa podia ter dinheiro, ter acesso à classe dominante e ser analfabeta sem problema algum, porque saber ler e escrever não era exigência fundamental, a não ser para votar. Pessoas adultas que eram analfabetas foram proibidas de votar.

A partir da Proclamação da República, elaborou-se uma Constituição; a educação, sob a responsabilidade das províncias e municípios, passou à União. Assim, Romanelli (2010, p. 42) esclarece:

(...) à União cabia criar e controlar a instrução superior em toda nação, bem como criar e controlar o ensino secundário acadêmico e a instrução em todos os níveis do Distrito Federal, e aos Estados cabia criar e controlar o ensino primário e o profissional, que, na época, compreendia principalmente escolas normais (de nível médio) para moças e escolas técnicas para rapazes.

O acentuado número de reformas na educação, com o propósito de organizar o ensino brasileiro, principalmente a educação básica, que recebeu muito investimento, não gerou os resultados esperados. Aumentou-se o número de escolas, mas ainda era insuficiente por causa do aumento da demanda.

O número de analfabetos com mais de cinco anos, segundo o censo, era muito grande e, nessa época, houve campanhas para a erradicação do analfabetismo e o alvo principal era a camada popular, não os adultos, mas as crianças. Todas as campanhas foram frustradas. A educação de jovens e adultos não era uma inquietação, conforme Haddad e Di Pierro (2000 p. 110):

Até esse período, a preocupação com a educação de jovens e adultos praticamente não se distinguia como fonte de um pensamento pedagógico ou de políticas educacionais específicas. Isso só viria a acontecer em meados da década de 1940.

Tudo isso fez com que se levantasse um grupo encabeçado por educadores e pessoas da população, reivindicando aumento do número de escolas e melhoria do nível da educação. Em comparação com outros países, nossa educação tinha um índice baixíssimo.

3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE 1930 A 1973

Na década de 1930, o Brasil passou por uma grande revolução econômica, política e social jamais ocorrida em sua história. A causa dessa revolução foi a Queda da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, cujas consequências espalharam-se por todos os países, principalmente aqueles que tinham relações comerciais com os Estados Unidos; nesse caso, o Brasil, maior exportador de café para os americanos. A exportação diminuiu e os preços caíram. Mesmo assim, o Brasil reagiu bem, aumentando o comércio interno e aplicando recursos na industrialização.

A economia cafeeira sofreu um duro golpe, os plantadores de café perderam a hegemonia e a sociedade, até então baseada na agricultura, deu lugar à sociedade industrial e capitalista. Esses fatores mudaram o panorama social, gerando novas imposições no âmbito educacional. A urgência na eliminação do analfabetismo não surgiu da necessidade de obter uma sociedade letrada, culta e bem instruída, mas de prover o mercado industrial alvissareiro. Romanelli (2003, p. 62) assim se expressa sobre esse momento:

(...) as exigências da sociedade industrial impunham modificações profundas na forma de se encarar a educação e, em consequência, na atuação do Estado, como responsável pela educação do povo. As mudanças introduzidas nas relações de produção e, sobretudo, a concentração cada vez mais ampla de população em centros urbanos tornaram imperiosa a necessidade de se eliminar o analfabetismo e dar um mínimo de qualificação para o trabalho a um máximo de pessoas. O capitalismo notadamente o capitalismo industrial, engendra a necessidade de fornecer conhecimentos a camadas cada vez mais numerosas, seja pelas exigências da

própria produção, seja pelas necessidades do consumo que essa produção acarreta.

A partir daí, a nação tomou novos rumos com a elaboração da Constituição de 1934, que legislou responsabilizando a União, os Estados e os municípios a “favorecer e animar o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura em geral, proteger os objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do País, bem como prestar assistência ao trabalhador intelectual”, conforme o artigo 148. No parágrafo único, letra “a”, do artigo 150, a Constituição preceitua: “ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensiva aos adultos”. Quatro anos depois, em 1938, instalou-se o INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos –, órgão autônomo ligado ao Ministério da Educação e Saúde, tendo como principal função liderar as reformas na educação brasileira.

A exatidão do número de analfabetos no Brasil foi verdadeiramente demonstrada a partir do censo de 1940, indicando, conforme Paiva (2003, p. 187), 55% de analfabetos nas idades de 18 anos e mais.

Diagnosticar a necessidade de alfabetizar crianças, jovens e adultos não foi muito difícil. A dificuldade foi propor uma solução que erradicasse de uma vez por todas o analfabetismo. As opiniões se dividiram: uns achavam que apenas aumentar o contingente escolar solucionaria a questão, outros incentivavam a literatura específica para adultos. A inexperiência com a educação de adultos fez com que fosse usada a mesma didática do ensino infantil, até chegarem a um consenso sobre uma metodologia própria.

A Constituição de 1934 contemplou a necessidade da educação de adultos, contudo, foi a partir do final da década de 1940 que esta se concretizou. Como a Unesco, órgão fundado em 4 de novembro de 1946 para contribuir com a paz e a segurança das nações por meio da educação, da ciência e da cultura, manifestou-se contra o alto índice de analfabetos no mundo, incluindo o Brasil, criou-se, em 1947, o SEA (Serviço de Educação de Adultos), entidade pertencente ao Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e saúde. O SEA coordenou movimentos em favor da educação de jovens e adultos, elaborou projetos para o ensino supletivo, criou cartilhas para

que os adultos fossem facilmente alfabetizados, distribuiu material didático, incentivou governos municipais e estaduais.

O professor Lourenço Filho organizou e coordenou, em 1947, a (CEAA) Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, mais por imposição da Unesco do que pela sensibilidade e interesse dos governantes locais. Inicialmente, a iniciativa adquiriu bons resultados na luta contra o analfabetismo, mas, com o passar do tempo, tornou-se monótona, perdeu a característica de ação mobilizadora, burocratizou-se e declinou em 1954. Paiva (2003, p. 188 e 189) destaca:

O final dos anos 40 e início dos 50 assiste ao desenvolvimento dos programas de massa destinados à educação dos adultos. Assistiremos à euforia dos primeiros momentos da CEAA e a persistência de atividades rotineiras a partir do início dos anos 50. O fim da euforia quantitativa, o declínio do “entusiasmo pela educação”, que reflete a modificação das condições políticas nacionais e internacionais quando se desfazem algumas das ilusões da democracia liberal, e as próprias dificuldades dos programas de educação em massa, se acompanha da busca de soluções técnico-pedagógicas para uma educação de adultos não limitada à escolarização.

A CEAA estava mais para um programa com fins políticos do que propriamente educativo, na medida em que essa campanha destinava-se, prioritariamente, às pessoas do campo, visando ao desenvolvimento da área rural, freando grande número de migrações e diminuindo as críticas ao ensino brasileiro pelos órgãos internacionais.

Inicia-se um período de amplas campanhas de alfabetização, pois se chegara à conclusão de que houvera uma estagnação no desenvolvimento social, crescia a população marginalizada e o progresso industrial não admitia trabalhadores sem leitura e escrita para exercerem determinadas funções, o que, para a democracia, não era de bom alvitre. O analfabeto poderia ser facilmente enganado, era inculto, estava impossibilitado de candidatar-se nas eleições, não podendo tampouco votar. Além disso, não era considerado um cidadão, conseqüentemente, nada acrescentava à cultura brasileira.

Houve uma preocupação com o ensino primário nos anos de 1930 a 1945, por parte do governo. Leis foram formuladas, mas não saíram do papel, órgãos foram criados e instituições foram fundadas, mas emperraram por falta de um conhecimento técnico e de pessoas especializadas para levar adiante tais projetos. Por tudo isso não ter se concretizado, criou-se, nos anos subsequentes, uma inevitável população analfabeta e o analfabetismo transformou-se em um grande problema social.

A falta de uma política de incentivo econômico à população rural e das camadas baixas da sociedade fez aumentar o número de analfabetos.

As campanhas, que viraram “coqueluche”, surgiram como uma luva para oportunizar aos analfabetos uma saída para a condição desfavorável em que se encontravam, revestindo-se de um furor pedagógico. Criaram-se a Campanha Nacional de Educação Rural, Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNER) e a Campanha de Educação Rural. Até alguns grupos religiosos se interessaram pela alfabetização, fomentando cursos gratuitos para auxiliar o governo nessa difícil empreitada.

Essas campanhas geraram uma ampla discussão em torno dos problemas sociais dos analfabetos e suas questões psicológicas, criando amplas reflexões entre os educadores. Contudo, elas não passavam de operações momentâneas, que na época davam a impressão de que a erradicação do analfabetismo seria questão de tempo. Elas não tiveram êxito, porque não foi criada nenhuma metodologia específica para alfabetizar os adultos, tampouco houve uma proposta pedagógica que contemplasse esse nível de ensino.

Assim, Paiva (2003, p. 220) enuncia seu pensamento sobre a CEEA:

Dez anos após o seu lançamento, a CEEA já não oferecia uma orientação aceitável para a solução do problema da educação de adultos. Ela demonstrava, entretanto, que o caminho da campanha de massa não parecia muito adequado e seu fracasso era um estímulo para que novos grupos buscassem novas soluções para o problema, tal como era solicitado pelo governo federal ao convocar o Congresso.

No ano de 1958, a educação de adultos ganhou novos rumos, entrou em uma fase promissora com a realização, no Rio de Janeiro, do II Congresso Nacional de Educação de Adultos. O objetivo do congresso era fazer uma análise de tudo o que fora feito na educação nas últimas décadas e apresentar solução para melhorar. Apontaram falhas nos prédios das escolas, nos livros didáticos, a má formação profissional dos professores, despreparo para ocuparem suas funções, além das questões salariais e da evasão escolar.

Nesse Congresso, Paulo Freire apresentou seus ideais, relatórios e projetos educativos, principalmente no campo da alfabetização. Sua palestra intitulada “A educação de adultos e as populações marginais: o problema dos Mocambos” é um texto em que o educador analisa a situação dos habitantes dos mocambos, habitações construídas na periferia de Recife, uma espécie de comunidade que não estava integrada à vida social, onde moravam os indivíduos excluídos e em total estado de miséria econômica. Emprestou contribuição significativa na medida em que inovou todos os postulados acerca da alfabetização, vinculando-a aos problemas econômicos, políticos e sociais. Com muita sagacidade e um minucioso diagnóstico da realidade pernambucana, Freire chegou à conclusão de que a alfabetização não era apenas um simples problema educacional, mas incrustava-se nos problemas econômicos e sociais, consequência de um país subdesenvolvido. Formou-se um novo conceito do analfabeto: ser humano altamente capaz de desempenhar qualquer atividade, que produz, é responsável e imprescindível para a nação.

O presidente Juscelino Kubitschek (1958, p. 2)⁹, em seu discurso de abertura do II Congresso de Educação de Jovens e Adultos, no Rio de Janeiro, em 1958, falou sobre a importância da educação de adultos:

(...) suprir, na medida do possível, as deficiências da rede de ensino primário, mas também e muito principalmente dar um preparo intensivo, imediato e prático aos que, ao se iniciarem na vida, se encontram desarmados dos instrumentos fundamentais que a sociedade moderna exige para completa integração nos seus quadros: a capacidade de ler e escrever, a

⁹ <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jk/discursos-1/1958/48.pdf/view> - acesso em 27/3/2011.

iniciação profissional técnica, bem como a compreensão dos valores espirituais, políticos e morais da cultura brasileira.

Em seu discurso, ficou evidente a falta de qualidade do ensino público, o descaso com a educação infantil e a maneira como o governo tenta reparar o seu erro. Se o país tivesse investido no ensino primário na época certa, não haveria necessidade de educar os adultos. A situação ficou ainda pior porque os adultos não alfabetizados entraram no mercado de trabalho totalmente despreparados, sujeitaram-se a serviços sem qualificação profissional, submetendo-se à baixa remuneração e, em consequência disso, ficaram marginalizados. O plano do presidente era apenas e tão somente “suprir as deficiências” e, ainda por cima, na “medida do possível”, tendo como alvo integrar socialmente os que tiveram prejuízos. Seria uma tarefa ingrata preparar intensivamente, em curto prazo, os adultos analfabetos.

Jânio Quadros iniciou seu mandato em 1961, ávido por solucionar o problema da educação, sendo esta uma das bandeiras de sua campanha. Assim, criou o MEB (Movimento de Educação de Base) e o MNCA (Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo). O MEB nasceu de uma parceria com as emissoras católicas, com o auxílio do MEC, para alfabetizar por meio do rádio. Esse ensino restringia-se apenas às regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, por causa da influência católica. Quanto ao MNCA, infelizmente, não foi levado adiante: houve a renúncia de Jânio e seu substituto não se interessou pelo projeto.

O início da década de 1960 foi marcado pelo fim do entusiasmo pelas campanhas de alfabetização e pelo surgimento dos movimentos promovendo a cultura popular. Os idealizadores pretendiam valorizar, tornar conhecida da nação a cultura do povo, visando sempre a conscientizar toda a população marginalizada sobre a importância da alfabetização e da educação. Até Paulo Freire surgir no cenário da educação brasileira, não havia nenhum método sistemático de alfabetização de adultos. Seu método, uma boa semente que caiu em terra fértil, germinou, deu frutos, pois era original e atrelava a arte de ensinar com o comportamento do ser humano inserido no mundo. Suas ideias tinham o poder de dialogar com a massa, traduzindo-se em uma linguagem

simples, de fácil acesso, que conduzia o homem a refletir sobre a sua realidade, conscientizando-o sobre sua inserção no mundo. Porém, ao fazer o ser humano pensar e refletir acerca do mundo real, sua teoria sofreu reveses, mesmo com toda influência do pensamento cristão francês e do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), entidade progressista que agregava intelectuais, pensadores de diferentes teorias e ideologias.

A contribuição do educador brasileiro é destacada por Paiva (2003, p. 279):

Para Paulo Freire a sociedade tradicional brasileira “fechada”, se havia rachado e entrara em Trânsito, ou seja, chegara o momento de sua passagem para uma sociedade “aberta”, democrática. O povo emergia nesse processo, inserindo-se nele criticamente, querendo participar e decidir, abandonando a condição de “objeto” e passando a ser “sujeito” da história.

Freire enxergou uma sociedade presa, sem liberdade, à mercê de grupos direitistas e a única saída para essa situação era uma educação que levasse o povo a refletir sobre sua realidade e seu momento histórico. Para que essa ação educativa humanizadora se efetivasse, era preciso muita coragem por parte do educador, que deveria levar o educando a posicionar-se criticamente diante de uma realidade alienante.

O golpe militar de 1964 feriu mortalmente todas as tentativas de instituir no Brasil uma linha progressista na educação. Instaurou-se uma ação contínua e prolongada contra todos os que, no conceito militar, “prejudicavam” a ordem democrática e o bom andamento do país. Iniciou-se um processo de “caça às bruxas”: todos os que divergiam do pensamento militar foram perseguidos.

Os movimentos de valorização da cultura popular, as campanhas de alfabetização de adultos, enfim, todas as ações educativas foram à bancarrota. Suspenderam-se todos os programas de aspecto considerado “duvidoso”, o país entrou em um processo de repressão sem precedentes, culminando no afastamento de todo aquele que era considerado *persona non grata* pelo governo que assumia o poder. Todos os “suspeitos” – participantes dos movimentos – sofreram uma terrível perseguição política.

A educação de adultos, que tinha esperanças de galgar espaços na cultura, sofreu uma desastrosa derrota e levaria anos para reerguer-se. Quando tudo se encaminhava para um amplo desenvolvimento educativo, pedagógico, crítico e reflexivo houve um retrocesso. O novo governo pronunciou-se sobre a educação de adultos dois anos depois. Teixeira (2008, p. 160) assim registra:

Somente a partir de 1966 o governo militar iniciou suas atividades na área de educação de adultos, primeiro apoiando a Campanha ABC, e, depois no final de 1967 criando o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

O MOBRAL, criado em 15 de dezembro de 1967, pela Lei 5.379, caracterizou-se por uma educação centralizadora, que visava a doutrinar e trazer o povo em uma camisa de força, completamente controlado pela ditadura militar, com o ensino restrito à habilidade de ler e escrever, desvinculado da realidade e totalmente alienante. A presidência do MOBRAL foi entregue ao economista Mário Henrique Simonsen e o auxílio financeiro consistia de 1% do Imposto de Renda e outra parte da Loteria Esportiva, além do apoio das empresas.

Os idealizadores do MOBRAL lançaram, na conta dos analfabetos, a responsabilidade do seu analfabetismo e ainda colocaram a culpa da miséria do país sobre seus ombros. Seu método de ensino não levava em consideração o grande número de pessoas que deixava a zona rural em direção à urbana, mas preocupava-se em prover trabalhadores para o capitalismo.

Se nos anos anteriores havia uma preocupação com a formação pedagógica dos professores, o MOBRAL não levou também esse quesito em consideração, na medida em que recrutava os alfabetizadores dentre as pessoas que sabiam ler e escrever ou a seleção era feita dentre as pessoas que haviam concluído o colegial.

Antes da implantação do MOBRAL, em 1965, as igrejas protestantes tradicionais ofereceram subsídios, criando a ABC (Cruzada de Ação Básica Cristã), atuando incisivamente na Região Nordeste, para que o analfabeto e marginalizado recebesse capacitação e pudesse participar da vida social, sem sofrer qualquer tipo de preconceito dentro da sociedade. A ideia era inserir o

jovem e o adulto na coletividade, que por si só não conseguiam sobrepujar a situação de marginalidade para que não desempenhassem apenas o papel de coadjuvantes na vida social e econômica do país.

Há quem defenda a opinião de que a Cruzada ABC foi substituída pelo MOBRAL pela semelhança de propósitos, pelo modo como agia e pela mesma linha de pensamento. A Cruzada ABC foi estabelecida pelos protestantes e estes rejeitavam as ideias comunistas, assim como a ditadura militar, desembocando em um casamento perfeito, pois protestantismo e militarismo tinham inimigos comuns.

A Cruzada ABC foi sustentada pela USAID (United States Agency for Development), pelo Colégio Agnes Erskine (Recife) e pela Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste). Quanto ao MOBRAL, este recebeu recursos dos empresários, porque estes não viam com bons olhos o alarmante número de analfabetos, uma vez que pensavam no lucro, na produtividade e quem não sabia ler e escrever traria grandes prejuízos. Em pouco tempo, o MOBRAL passou a ser um instrumento nas mãos dos militares, porque, por meio de seu ensino, conduzia jovens e adultos para onde queriam, manipulava e introduzia em suas mentes ingênuas seu modo de pensar. Uma estratégia era apresentar a necessidade da alfabetização, provar que esta era um grave problema para a nação, para a economia e para a própria vida deles.

O MOBRAL foi um projeto estrategicamente bem elaborado porque o regime militar recentemente implantado buscava angariar aceitação junto à população, provar que o militarismo era um governo legítimo e sua chegada de forma sub-reptícia era totalmente plausível.

Sobre a organização desse movimento, assim Paiva (2003, p. 337) enfatiza:

Organizado a partir de uma logística militar, de maneira a chegar a quase todos os municípios do país, ele deveria atestar às classes populares o interesse do governo pela educação do povo, devendo contribuir não apenas para o fortalecimento eleitoral do partido governista, mas também para neutralizar eventual apoio da população aos movimentos de contestação do regime, armados ou não.

Aparentemente, o MOBRAL tinha apenas um fim educativo, visava à alfabetização de jovens e adultos, porém, às ocultas, fortalecia o militarismo, dava-lhe consistência, firmava suas bases, formava as mentes dos incautos e coibia qualquer movimento em contrário.

Em 1970, as cobranças eram grandes, porque os dados comprovavam que o índice de analfabetismo não diminuía. Com uma infraestrutura considerável, o MOBRAL fracassou na sua luta contra o analfabetismo. Nem sua reestruturação, estabelecendo uma meta de dez anos para a erradicação total do analfabetismo, salvou a derrocada do MOBRAL, apelidado de “vergonha nacional”.

O presidente da República, Emilio Garrastazu Médici, decretou e sancionou, em agosto de 1971, a Lei de Diretrizes e Bases 5692, visando a um novo conceito de escola. Em seu artigo primeiro, expôs como objetivo geral “proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania”. No artigo 24, prescreve sobre a finalidade do ensino supletivo:

- a) suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria;*
- b) proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.*

Houve uma reestruturação do ensino para levar adiante essa lei, obrigando a escola a aumentar o ensino de quatro para oito anos, mudanças no primário, ginásio e ensino médio, tudo isso com o propósito de deixar o aluno preparado para o mercado de trabalho.

Os jovens e os adultos foram contemplados com um capítulo na Lei 5692/71, que é o parecer 699/72 da CNE (Conselho Nacional de Educação), elaborado por Valnir Chagas, e nele o ensino supletivo seguia os moldes do ensino regular, porém, independente, não de forma específica para o jovem e o adulto. Pelo parecer, o objetivo desse ensino era buscar um desenvolvimento nacional, exclusivamente para aqueles que trabalhavam e precisavam comprovar o grau

de escolaridade, para os que não sabiam ler e escrever e para oferecer às empresas e às indústrias mão de obra de qualidade.

Segundo Haddad e Di Pierro (2000), o ensino supletivo tinha quatro funções, a saber: **suplência**, referindo-se à alfabetização da qual o MOBRAL se encarregava; **suprimento**, que cuidava de integrar os que ficaram de fora da escola, oferecendo aperfeiçoamento e atualização; **aprendizagem**, que era o ensino oferecido pelo Senac ou Senai, visando à formação metódica; e **qualificação**, representada pelos cursos profissionalizantes dentro de uma área específica para o trabalho.

A suplência iria prover e habilitar adolescentes e adultos que não concluíram seus estudos na época apropriada, além de conceder a eles o direito de retornar à escola e atualizarem seus estudos. Os autores anteriormente citados, assim se expressam sobre o ensino supletivo:

O Ensino Supletivo foi apresentado á sociedade como um projeto de escola do futuro e elemento de um sistema educacional compatível com a modernização socioeconômica observada no país nos anos 70. Não se tratava de uma escola voltada aos interesses de uma determinada classe, como propunham os movimentos de cultura popular, mas de uma escola que não se distinguia por sua clientela, pois a todos devia atender em uma dinâmica de permanente atualização. (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 117)

Com o ensino supletivo, esperava-se atualizar a sociedade brasileira, modernizar o ensino e oferecer à nação circunstâncias favoráveis para seu desenvolvimento, formando mão de obra e repondo a escolaridade dos que ficaram de fora nos anos anteriores. A responsabilidade era grande sobre os ombros do ensino supletivo, que não conseguiu sustentar-se.

Em 1972, a Unesco convocou todos os países subdesenvolvidos para a III Conferência Internacional de Educação de Adultos. O objetivo do encontro era conscientizar essas nações da importância do investimento na educação de jovens e adultos, acelerar o crescimento social e levá-las a um rápido desenvolvimento.

Logicamente, o governo militar abraçou essa ideia, pois o ensino supletivo era o caminho perfeito para atrelar seus interesses com a necessidade da população: usaria a educação para coagir politicamente, mantendo a ordem, evitando a desestabilização do seu regime e, além disso, a suplência seria o modo de o governo corrigir os desacertos da educação na década anterior, valorizando as classes sociais. Como as crianças já estavam sendo formadas para uma “nova sociedade democrática”, com a educação de jovens e adultos estes estariam presentes em uma sala de aula, dóceis, com desejo de estudar e ascender socialmente. Dessa forma, os militares mantinham a ordem e se firmavam no poder.

No ano de 1973 foi instituído o Programa de Profissionalização (PIPMO) com o objetivo de proporcionar qualificação profissional aos alunos do MOBRAL de baixa condição econômica, programa que recebeu apoio de empresas.

4. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE 1974 AOS NOSSOS DIAS

Em 1974, debaixo de muitas críticas, o engenheiro Arlindo Correia tomou para si a árdua tarefa de corrigir os erros perpetuados nos últimos anos no MOBRAL, duramente criticado pela sua ineficiência.

Nos anos seguintes, para fazer jus ao grande investimento, o MOBRAL recebeu mais autonomia para atuar, descentralizou-se estruturalmente, pois acumulara uma infinidade de siglas, dividindo-se em projetos menores que não atacavam de frente o analfabetismo, pelo contrário, virou um grande setor de empreguistas, dilapidando o erário público.

A situação do MOBRAL piorou quando, em 1975, recebeu denúncias de que atendia alunos fora da faixa estabelecida, havia desvio de verbas e divulgação de dados falsos em relação ao número de analfabetos. Instaurou-se uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquéritos) para investigar e no final os responsáveis foram afastados.

Muitos programas adicionais foram acrescentados ao MOBRAL, como o PEI (Programa de Educação Integrada), o Programa de Alfabetização Funcional,

que promovia o aluno para dar continuidade aos seus estudos e avançasse. Para levar adiante esses programas, o MOBRAL confeccionou um farto material didático, com livro para professor, livro específico para o aluno, livros para os alunos fazerem exercícios, livros de português e matemática.

O método de alfabetização de Paulo Freire foi acintosamente copiado pelos responsáveis pelo MOBRAL, em seguida modificado e utilizado sem o conteúdo ideológico, crítico e reflexivo. O educador primava por uma educação que conscientizasse a população, levando-a a refletir e agir sobre a realidade. Seu modelo de educação propunha a libertação. Já o MOBRAL, visava à manutenção do *status quo* e ao condicionamento do povo a ficar no seu pequeno espaço.

Em 1979, João Figueiredo, o último presidente do governo da ditadura militar, assumiu o poder e prometeu levar o país à democracia. Sancionou a lei que concedia anistia política a todos os exilados que estavam fora do país e a possibilidade de uma movimentação social cresceu.

Muitos vislumbraram novos horizontes na educação de jovens e adultos para a década de 1980, por causa da abertura política. Intensificam-se as discussões pedagógicas, há expectativas de melhor organização educacional, principalmente com o retorno da filosofia, que fora retirada do currículo nos anos anteriores. Nessa década, também o país entrou em uma fase de democratização do ensino, facilitou-se o acesso escolar para uma clientela ainda maior, expandindo as oportunidades educacionais.

Em 1982, foi aprovada a Lei 7044/82, que não prescreveu nenhum artigo sobre educação de jovens e adultos, alterando apenas os parágrafos relativos à profissionalização do ensino médio.

Em 1985, o Brasil chegou ao primeiro governo civil após a ditadura militar e, não havendo mais razão de ser, extingue-se o MOBRAL, cessa o modelo de alfabetização e educação de jovens e adultos do Período Militar, criou-se a Fundação Educar. Sobre o objetivo dessa fundação assim se expressam Biccás e Freitas (2009, p. 263).

O objetivo da Fundação Educar era o de promover a execução de programas de alfabetização básica não-formais, voltados para pessoas cuja experiência de empobrecimento resultou na exclusão do acesso à escola.

A Educar foi instituída e demonstrou a falha cabal do governo em alfabetizar, mostrando que o problema persistia, provando que o país não necessitava apenas de um simples movimento de educação ou de uma série de campanhas, mas de medidas sérias, consistentes e efetivas para combater o analfabetismo. O país foi obrigado a conviver com duas realidades, que castigavam duramente jovens e adultos: empobrecimento social e exclusão escolar.

O novo governo apostou suas fichas na Fundação Educar, que era constituída sob as ordens do MEC, desvinculou-se do MOBREAL, definitivamente, e atrelou o seu modelo de educação ao ensino supletivo, articulando novos procedimentos pedagógicos e responsabilizando-se pelo aperfeiçoamento dos professores e pelo conteúdo a ser ensinado. Ficava a cargo da Fundação a supervisão, o apoio e o trabalho de parceria junto aos municípios. Na realidade, a Fundação não executou programas de alfabetização de adultos, apenas dava respaldo financeiro e técnico aos Estados e municípios, que se encarregavam dos projetos.

Organizou-se, em 1986, uma comissão para preparar as Diretrizes Curriculares Político-Pedagógicas da Fundação Educar, cujo escopo era estruturar o ensino de jovens e adultos, tornando-o gratuito e de qualidade, dando um cunho específico e original a esse segmento.

Todos os acontecimentos políticos, sociais e econômicos que ocorreram desde o início da década de 1980, sem dúvida, marcaram indelevelmente a memória do país e projetaram anos auspiciosos. Dentre esses fatos, temos a democratização política, os partidos se organizaram, eleições diretas depois de um longo período de ditadura militar, obteve-se o direito de expressar-se e agir com liberdade, os movimentos populares retornaram em nova fase e ampliaram-se as práticas no campo pedagógico.

Assim, essa década terminou estabelecendo um grande avanço para a educação de jovens e adultos. O artigo 208 da Constituição de 1988, preceituando a educação como dever do Estado, bem como todas as garantias para sua efetivação: “**(I)**- ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; **(VI)** VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando”.

Isso representou uma grande conquista para todos aqueles que almejavam um atendimento especial ao jovem e ao adulto. A partir daí, a educação de jovens e adultos (EJA) constitui-se como uma modalidade específica da educação básica, reconhecida no âmbito das políticas públicas, sendo merecidamente reconhecida por sua devida importância. A década de 1990 se iniciou e, durante a presidência de Fernando Collor de Mello, a Fundação Educar é extinta, com a alegação de que era preciso eliminar os gastos públicos e administrar melhor as contas. A partir daí a responsabilidade da educação de jovens e adultos é lançada sobre os Estados e municípios, que são obrigados a assumir essa nova atribuição; com isso, a demanda aumentou, os gastos subiram e a desorganização avolumou-se.

Para tentar amenizar a situação, o governo criou o PNAC (Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania). Porém, Collor recebeu *impeachment*, entrou Itamar Franco em seu lugar e o programa desapareceu da noite para o dia, sem mais explicações.

Ainda em 1990, sob a responsabilidade da Unesco, Unicef, PNUD e Banco Mundial, houve uma conferência internacional que abriu grandes possibilidades de marcar para sempre o ensino de jovens e adultos. Essa conferência, cognominada de JOMTIEN (Conferência Mundial de Educação para Todos), realizou-se na Tailândia; nesse evento foi elaborada e aprovada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos – Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. Nessa ocasião, foi feito um relatório destacando a precariedade da educação em todo o mundo e ressaltando o número extenso de crianças fora da escola sem cursar o ensino primário. Destacou-se também o grande número de analfabetos e analfabetos funcionais

nos países subdesenvolvidos, sem acesso às novas tecnologias, excluídos da sociedade informatizada, além dos adultos sem o mínimo de instrução, na marginalidade social e sem perspectiva de vida.

Após a conferência, países tinham que se adaptar, conforme a realidade de cada um, dentro do seu contexto específico. Os governos deveriam envidar esforços para a plena realização do calendário, planejando, mobilizando órgãos internacionais, atraindo parceiros para o financiamento, etc.

Na cidade de São Paulo, em 1990, Ano Internacional da Alfabetização, tentou-se prestigiar a educação de jovens e adultos com a introdução do Programa MOVA-SP (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do Estado de São Paulo), oriundo dos movimentos populares, tendo total apoio da prefeitura paulistana. Como a administração pública é passageira, pelo constante rodízio de prefeitos, os líderes do MOVA, a princípio, visavam a garantir a manutenção do programa, mesmo se na prefeitura mudassem o prefeito e os secretários. Esse objetivo, contudo, não foi levado adiante.

O MOVA-SP estava atrelado aos outros projetos de educação da prefeitura de São Paulo, com critérios bem fundamentados: alfabetizar e pós-alfabetizar com pedagogia libertária, estimulando a população a dominar a escrita e a leitura, com as atenções voltadas para o ensino noturno regular e o ensino supletivo. Em 1993, encerraram-se as atividades do MOVA-SP, contrariando as expectativas de seus idealizadores, porém, foi novamente instituído em 2000.

Retomou-se o compromisso assumido na JOMTIEN ao elaborar o Plano Decenal, “conjunto de diretrizes de política em processo contínuo de atualização e negociação, cujo horizonte deverá coincidir com a reconstrução do sistema nacional de educação básica”.

No que concerne à concretização das metas educativas para jovens e adultos, o Plano Decenal previa incluí-los nesse sistema, resgatando-os da marginalidade, “provendo modalidades diversificadas de educação continuada a jovens e adultos subescolarizados, incluindo capacitação socioprofissional,

educação para a saúde e nutrição, o fortalecimento familiar e a integração ambiental”.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, foi promulgada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da República com data de 20 de dezembro, publicada no *Diário Oficial* em 23 de dezembro do mesmo ano. A partir dessa lei criou-se a EJA, educação de jovens e adultos.

Em relação ao ensino de jovens e adultos, a LDBEN/96 extinguiu a noção de ensino supletivo, que existia na Lei 5692/71, e, em seu lugar, na Seção V do Capítulo II (Da Educação Básica), passou a legislar sobre essa modalidade, sendo composta de dois artigos, 37 e 38. Esse dois artigos são claros e explicitam a quem se destina, assegura a gratuidade e, acima de tudo, responsabiliza o Poder Público a viabilizar e estimular “o acesso e permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”.

Em 1995, pelo decreto 1.366, é criado o Programa Comunidade Solidária, que pretendia empenhar-se na luta contra a fome, a miséria, a pobreza e a exclusão social. Esse programa esteve diretamente ligado à Casa Civil da Presidência da República, presidido pela primeira-dama Ruth Cardoso, que desprezou todas as obras assistencialistas e clientelistas que prejudicavam o atendimento à população carente e tomou a iniciativa de valorizar os direitos básicos dos cidadãos.

Em 1997, o Conselho de Comunidade Solidária, preocupado com o índice de analfabetismo no Brasil, iniciou o PAS (Programa de Alfabetização Solidária), tendo como proposta principal a redução dos índices de analfabetismo e a expansão do acesso de jovens e adultos à educação básica nos municípios.

O Programa de Alfabetização Solidária passou a ser conhecido apenas por AS e a faixa etária de atuação era entre 15 e 19 anos, direcionado aos municípios mais pobres e carentes, estabelecidos nas Regiões Norte e Nordeste. O PAS pertencia a uma ONG, não visava ao lucro e tinha como principal parceiro o Ministério da Educação. Graças a essas parcerias o programa conseguiu

sobreviver e, em 1998, conquistou mais convênios para sua sustentação, mudando o nome para AAPAS (Associação de Apoio ao Programa Alfabetização Solidária), entidade de utilidade pública e sem fins lucrativos.

Em 1998, aprovou-se o Parecer CNE/CEB nº 22/98 para deliberar sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para os ensinos fundamental e médio. A LDBEN/96, em seus dois artigos que tratam da EJA, não foi muito bem compreendida, gerando muitas dúvidas para todos os interessados. Muitos solicitaram ao CNE (Conselho Nacional de Educação) esclarecimentos para dirimir as dúvidas que surgiram. A Coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos (COEJA) dirigiu-se à Câmara e esta, junto com a CEB (Câmara de Educação Básica), passou a estudar detalhadamente o assunto e em 2000 o Parecer CNE/CEB 11/2000 foi homologado.

A elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais, que em 2000 chegou ao conhecimento dos setores educacionais, para a educação de jovens e adultos, trouxe mais valorização para esse segmento, colocando-o acima de todo preconceito, reconhecendo sua importância e sua necessidade para a educação do país. O documento é extenso, define a EJA, fundamenta seu campo de atuação e estabelece três funções, a saber: reparadora, equalizadora e qualificadora. Depois de dez anos da Conferência JOMTIEN, Tailândia, a Unesco promoveu, em abril de 2000, o Fórum Mundial de Educação, em Dacar, Senegal, que avaliou positivamente o avanço dos países comprometidos com a educação, mas considerou inadmissível que ainda existissem, na ocasião, 113 milhões de crianças sem acesso ao ensino primário e 880 milhões de adultos analfabetos.

As diferenças nos sistemas educacionais persistiam, o ensino continuava inconsistente com os anseios e as necessidades dos alunos na sociedade; além disso, jovens e adultos permaneciam com ensino técnico deficitário, sem perspectiva de alcançar um emprego melhor remunerado, nem exercer a cidadania de forma completa e consciente.

Após a avaliação dos progressos alcançados, os participantes passaram a discutir os documentos e o compromisso coletivo de todos, o Marco de Ação de Dacar, no qual todos se comprometiam a alcançar objetivos e metas de EPT (Educação para Todos), em todas as sociedades do mundo.

Com o apoio da Declaração Universal de Direitos Humanos e da Convenção sobre os Direitos da Criança, todos, na reunião, reafirmaram os compromissos assumidos na Tailândia, por ocasião da Conferência de JOMTIEN, elaboraram um documento extenso contendo novas metas e renovaram os acordos. No que tange à educação de jovens e adultos fica explícito:

- 1. Assegurar que as necessidades de aprendizagem de todos os jovens e adultos sejam atendidas pelo acesso equitativo à aprendizagem apropriada e às habilidades para vida;*
- 2. Alcançar uma melhoria de 50% nos níveis de alfabetização de adultos até 2015, especialmente para as mulheres, e acesso equitativo à educação básica continuada para todos os adultos;*
- 4. A todos os jovens e adultos deve ser dada a oportunidade de obter conhecimento e desenvolver os valores, atitudes e habilidades que lhes possibilitem desenvolver suas capacidades para o trabalho, para participar plenamente de sua sociedade, para deter o controle de sua própria vida e para continuar aprendendo. Não se pode esperar que país algum se desenvolva como economia moderna e aberta sem ter certa proporção de força de trabalho com educação secundária completa. Na maioria dos países, isso exige uma expansão do sistema secundário;*
- 5. Os jovens, especialmente as moças adolescentes, enfrentam riscos e ameaças que limitam as oportunidades de aprendizagem e desafiam os sistemas educacionais. Entre eles, a exploração no trabalho, a falta de emprego, o conflito e a violência, o uso de drogas, a gravidez na adolescência e o HIV/AIDS. Programas de apoio aos jovens devem ser proporcionados para fornecer informação, habilidades, aconselhamento, e serviços necessários para protegê-los desses riscos;*
- 6. A todos os jovens deve ser dada a oportunidade de prosseguir sua educação. Para os que abandonam a escola, ou a completam, sem ter adquirido os conhecimentos de alfabetização, cálculo e habilidades para a vida de que necessitam deve haver uma variedade de opções para que continuem sua aprendizagem. Essas oportunidades devem ser ao mesmo tempo significativas e relevantes concernentes aos seus respectivos ambientes e necessidades, ajudando-os a se tornarem agentes ativos na modelagem de seu futuro e a desenvolverem habilidades úteis relativas ao trabalho; (Ação Educativa, 2000).*

Isso mostra que a preocupação da Unesco e de todos os países envolvidos não era apenas com a quantidade de analfabetos e jovens e adultos fora da escola, com a marginalização, o preconceito, mas era também com a qualidade de ensino a ser ministrada e com as condições reais de aprendizagem. A educação de jovens e adultos, no Congresso, não foi vista com o propósito de fortalecer a mão de obra capitalista e econômica ou simplesmente recuperar os anos de estudos perdidos. Visava a uma “educação que se destina a captar os talentos e o potencial de cada pessoa e desenvolver a personalidade dos educandos para que possam melhorar suas vidas e transformar a sua sociedade”.

Em 2001, a Lei 10.172 aprovou o PNE (Plano Nacional de Educação), com a missão de estender-se a todos os Estados brasileiros, municípios e o Distrito Federal, desdobrado nos planos decenais. O PNE foi definido como plano do Estado, não do governo, suscetível às gerações futuras, sendo o desdobramento das alianças firmadas entre o Brasil e os outros os países, na Conferência de JOMTIEN, Dacar e Cochabamba, visando à educação para todos.

O PNE cumpria determinação da Constituição Federal sobre a erradicação do analfabetismo, contendo aproximadamente 295 metas. As pesquisas provaram para o governo que havia um grande número de crianças fora da escola, com a conclusão de que as oportunidades não eram iguais para a população, a falta de escolarização acentuava ainda mais a pobreza e os dados indicavam que a educação de jovens e adultos estava aquém daquilo que o governo poderia oferecer.

Ao tratar de forma específica sobre a educação de jovens e adultos, em “Diretrizes”, o Plano Nacional de Educação levava em consideração como as mudanças ocorridas no mundo, o avanço tecnológico, científico e a globalização influenciavam diretamente na maneira de viver, de ver o mundo, no relacionamento individual e social, além de determinar os valores culturais.

As mudanças que o mundo sofre fazem com que haja necessidade de capacitação contínua e isso modifica o antigo conceito de educação de jovens

e adultos. Não vai mais se restringir a uma fase específica da vida, mas é a *educação ao longo da vida*, que começa com a alfabetização.

A prioridade do PNE era elevar o nível geral da escolaridade da população, melhorar a qualidade de ensino em todos os níveis, diminuir as diferenças sociais, regionais, fazer com que o aluno tivesse acesso fácil à escola e permanecesse nela até o fim de seus estudos, pondo ao alcance de toda a população a educação pública e incentivando sua participação em todos os projetos pedagógicos.

Por meio dos três Poderes, o PNE impôs sua política educativa, articulou suas ações, cumpria a agenda estabelecida nas conferências mencionadas anteriormente para alcançar seus objetivos e metas. O PNE representou, oficialmente, as decisões tomadas nas conferências, foi o instrumento pelo qual os órgãos internacionais chegaram aos Estados e municípios brasileiros. No âmbito das discussões sobre a educação de adultos, intensificaram-se as decisões do governo em prol do desenvolvimento desse setor educativo. Graças aos órgãos internacionais, os governantes se veem pressionados e são obrigados a tomar medidas efetivas. Uma das medidas tomadas pelo ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, foi a criação do **ENCCEJA** (Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos), em 2002. O objetivo principal era a avaliação de jovens e adultos que não estudaram na época prevista ou não tiveram oportunidade de cursar a série regular. Jovens e adultos eram submetidos a uma prova para avaliar suas habilidades e competências. A idade mínima para a participação era de 15 anos e o aluno que alcançasse a média mínima exigida era considerado concluinte do ensino fundamental. Nos dois anos seguintes, durante a presidência de Luiz Inácio da Silva, o programa foi suspenso, porém, retornou em 2005.

A partir de 2000, houve uma intensa mobilização regional, criação de fóruns, programas, congressos e seminários com vistas à discussão para o aperfeiçoamento do ensino de jovens e adultos. Além dos que foram mencionados, temos: **ENEJA** (Encontro Nacional de Educação de Jovens e

Adultos), encontros nacionais que se realizam anualmente, cada ano em um Estado, o primeiro ocorreu no Rio de Janeiro, em 1999, sempre com o objetivo de contribuir para melhorar a qualidade do ensino para jovens e adultos, cooperar com as políticas públicas e unir todos que estão engajados com essa árdua e privilegiada tarefa; **PROEJA** (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos), instituído em 2005, em 2006 obteve uma ampla reforma e sua atuação principal é melhorar a escolarização dos jovens das camadas mais pobres, excluídos pela escola, marginalizados e sem emprego, qualificando-os para o mercado de trabalho e para o ingresso na sociedade. Seus idealizadores partem do princípio de que um jovem sem emprego, vivendo à margem do meio social, facilmente ingressa na criminalidade e na violência, tornando-se uma ameaça pública. O PROEJA objetiva corrigir essa situação preocupante; **CNAEJA** (Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos) instituída pelo Decreto nº 4.834, de 2003, na forma de um conselho consultivo, designado para averiguar a participação da sociedade civil, dando assessoria e acompanhando as atividades relacionadas à alfabetização de jovens e adultos.

Os desacertos políticos fizeram com que o ministro da Educação desse início, em 2004, ao SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade); em seguida, criou-se também o DPEJA (Departamento de Políticas de Educação de Jovens e Adultos), que, junto com o SECAD, trata de temas relevantes: da educação do campo, ambiental, dos direitos humanos, educação indígena e diversidade étnico-racial, visando a diminuir as diferenças educacionais, utilizando-se da participação de todos e retirando a burocracia que impede o acesso dos cidadãos ao ensino público.

Em 2005, o governo federal deu início ao Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) por meio de uma medida provisória. O MEC teria a responsabilidade de executar as ações juntamente com a Secretaria Geral da Presidência e pelos Ministérios do Trabalho e Emprego e Desenvolvimento Social. O PROJOVEM foi criado especificamente para jovens de 18 a 24 anos, das grandes capitais, sem emprego e que ainda não concluíram o ensino

fundamental, visando à inclusão digital e à melhoria da qualificação profissional. Todos os jovens participantes recebem uma ajuda de mensal como incentivo e são encorajados a desenvolver trabalhos comunitários. Houve um cálculo de 200 mil jovens beneficiados com o programa.

Nos últimos anos, a partir de 2008, os eventos, tendo como foco principal a educação de jovens e adultos, continuaram sendo realizados, sempre com a com a promoção de órgãos internacionais: em 2008, a **48ª Conferência Internacional de Educação da Unesco**, realizada em Genebra com a participação de 153 países-membros e representantes de organizações intergovernamentais, ONGs, fundações, instituições e sociedade civil. O tema dessa conferência foi “Educação Inclusiva, o Caminho do Futuro”. Ao final da reunião, todos os participantes receberam diversas recomendações: identificar a educação inclusiva permanentemente, levar em consideração a injustiça social e saber que ela dificulta a execução da política educativa, prover espaços culturais propícios a uma aprendizagem de qualidade, ter claramente o número de excluídos na sociedade, valorizar a educação como meio de avanço intelectual e formar professores qualificados dentre outras.

Em 2009, ocorreu a VI CONFINTEA (Conferência Internacional de Educação de Adultos), em Belém do Pará, também promovida pela Unesco. Segundo as informações contidas no site¹⁰, contou com a participação de 156 Estados-membros e 1.500 pessoas. O objetivo da conferência foi:

Impulsionar o reconhecimento da educação e aprendizagem de adultos como elemento importante e fator que contribui com a aprendizagem ao longo da vida, da qual a alfabetização constitui alicerce; enfatizar o papel crucial da educação e aprendizagem de adultos para a realização das atuais agendas internacionais de desenvolvimento e de educação; renovar o compromisso e o momentum político e desenvolver os instrumentos para sua implementação visando passar da retórica à ação.

Nesse mesmo ano, realizou-se o XI ENEJA (XI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos). O encontro contou com a participação de 510

¹⁰ <http://www.unesco.org/pt/confinteavi/> - acesso em 22/11/2011.

delegados (as) representantes da administração pública, universidades, ONGs, movimentos sociais e populares, educadores e professores da EJA, estudantes da EJA, conselhos de educação, além de todos aqueles ligados à construção da Agenda Territorial encaminhada e discutida com os Estados desde dezembro de 2008 pelo MEC/SECAD. O evento serviu para constatar que as Secretarias de Educação dos Estados não assumiram seus compromissos firmados na Agenda Territorial: não montaram mesa de trabalho, não executaram os projetos, nem delegaram pessoas responsáveis para a consolidação das ações educativas, não respeitaram os educandos jovens e adultos, pelo contrário, desvalorizaram-nos, não oferecendo um tratamento digno e justo. A insatisfação de muitos congressistas foi muito grande, gerando um manifesto contra as políticas públicas, culminando nas seguintes reivindicações: identificar e detalhar, por meio de um mapeamento, as reais necessidades dos educandos da EJA, checar nitidamente o número real dos analfabetos, aplicar de fato os recursos financeiros destinados à educação e investir na capacitação de profissionais afeiçoados à educação de jovens e adultos.

Em 2010, foi promovido o **I Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos**, em João Pessoa, Paraíba, com a presença de organizações e muitas autoridades internacionais no âmbito da educação de jovens e adultos. Foram realizados muitos debates, mesas redondas, seminários. O tema central foi “Educação e Aprendizagem ao longo da Vida”. Analisaram-se os avanços alcançados até o presente e, no final, elaborou-se um documento traçando-se metas educativas para 2021. Houve também, em 2010, o 8º Encontro Nacional **MOVA-BRASIL**, que desde 2001 realiza encontros com a finalidade de conseguir recursos por meio de parceiros, discutir, trocar experiências, gerar debates com a sociedade e com órgãos públicos, voltados exclusivamente para educação de jovens e adultos. Em 2012, o MOVA-Brasil foi na cidade do Embu. Pela primeira vez foi realizado o **I EREJA** (Encontro Regional de Educação de Jovens e Adultos), no Nordeste, com o tema “Educação de Jovens e Adultos e o Mundo do Trabalho – Educação Popular e Economia Solidária como Alternativa”, que tratou do

trabalho, suas condições, transformações ao longo dos anos e as implicações da economia solidária como valorização do trabalho humano.

As discussões, os congressos e os eventos sobre a educação de jovens e adultos estão na ordem do dia. O tema virou um objeto de preferência e preocupação mundial. Contudo, para nós, brasileiros, o que vai nortear o futuro da educação nos próximos dez anos é o PNE 2011-2020, entregue pelo ministro da Educação Fernando Haddad ao então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. São suas principais diretrizes:

- I - erradicação do analfabetismo;*
- II - universalização do atendimento escolar;*
- III - superação das desigualdades educacionais;*
- IV - melhoria da qualidade do ensino;*
- V - formação para o trabalho;*
- VI - promoção da sustentabilidade socioambiental;*
- VII - promoção humanística, científica e tecnológica do País;*
- VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto;*
- IX - valorização dos profissionais da educação; X - difusão dos princípios da equidade, do respeito à diversidade e a gestão democrática da educação.*

Comparando o PNE, conforme o Senado Federal¹¹, de 2001/2010 com o 2011/2020, não se constata grandes alterações; houve avanços, mas não foram suficientes para solucionar definitivamente os problemas educacionais. O primeiro foi muito bem elaborado, contendo diagnóstico e dados estatísticos da educação no Brasil. Porém, foi duramente criticado, porque a União deveria, como recomendava o documento, investir 7% do PIB na educação, o que na realidade não ocorreu. Os Estados e municípios teriam que tomar medidas e aprovar legislação para garantir a execução do plano. Isso também não foi viabilizado. Outro motivo alegado foi o grande número de objetivos a serem alcançados, deixando seus executores desorientados, sem saber o que era essencial, e os que acompanharam as ações não conseguiram mensurar de forma fidedigna aquilo que fora alcançado.

¹¹ www.senado.gov.br/sf/.../CE/.../Notas_Tecnicas_PNE_2011_2020.pd...

A segunda versão do PNE 2011/2020 está reduzida, contém apenas 20 metas, subdivididas em várias estratégias; espera-se que os erros apurados na versão anterior sejam corrigidos.

Considerando esta revisão da história da educação de jovens e adultos no Brasil pode-se afirmar claramente que as diversas alterações que o ensino dessa modalidade sofreu, ao longo dos anos, estão diretamente relacionadas com as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que aconteceram no país. A educação de jovens e adultos foi tratada como política protetora, paternalista, em que os governos estavam mais preocupados em compensar o ensino não oferecido na época oportuna. Além disso, a EJA nunca recebeu o mesmo tratamento dado às outras modalidades de ensino: a educação de jovens e adultos sempre se limitou a aprender a ler e a escrever para competir no mercado de trabalho e a alfabetização tratada como “campanha” ou “programa”.

Por isso, torna-se fundamental conhecer profundamente os jovens e adolescentes que diariamente se sentam nas carteiras escolares, ansiosos por dias melhores, alvo de preconceitos e de discriminação social e ultrajes.

CAPÍTULO III MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA INTRÍNSECA RELAÇÃO

1. O GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO

A utilização de autobiografias, no meio acadêmico, para o estudo do aspecto da memória, do esquecimento, da identidade, da intertextualidade e de todos os discursos que remetem ao *eu* tem despertado grande interesse, abrindo-se um novo campo de pesquisa.

De acordo com o *Dicionário Aurélio* (2010, p. 202), a autobiografia é a “vida de uma pessoa escrita por ela mesma”.

Para Barros (2006), não é fácil estabelecer como se originou a autobiografia, mas calcula-se que tenha surgido no meio do século XVIII, na Europa, e estabelece como primeiro livro do gênero *As confissões de Jean-Jacques Rousseau*, publicado em 1782. Porém, a manifestação do *eu* por parte do enunciador, projetando-se no discurso, não era valorizada. Pode-se caracterizar a autobiografia como um gênero em que a própria pessoa registra os acontecimentos, as impressões e as confissões de eventos que se sucederam em sua vida. Lejeune (*apud* BARROS, 2006, p. 25) assim definiu a autobiografia:

(...) *era uma variante da biografia, não possuía uma forma própria que estivesse de acordo com a necessidade de exprimir uma visão de mundo original e, assim, atender ao gosto público pelo autêntico.*

Bakhtin (2010), quando trata do romance biográfico e autobiográfico, afirma que há dois tipos de autobiografias. A primeira é a platônica, que aparece nas obras de Platão. Esse primeiro tipo, diz respeito ao homem que segue um caminho em busca do conhecimento verdadeiro, passando por várias fases na vida: “O caminho passa pela ignorância presunçosa, pelo ceticismo autocrítico e pelo conhecimento de si mesmo para o verdadeiro conhecimento (*Matemática e música*)”. O segundo tipo é composto pela autobiografia e pela biografia retóricas, em que o indivíduo se manifestava oralmente em uma praça e discorria sobre sua vida pública, glorificando-a ou justificando-a. Sua vida íntima, pessoal e familiar mantinha-se em sigilo.

Foi em Roma que as autobiografias e as memórias passaram a ter um cunho familiar documental. A vida da família deveria ser arquivada e transmitida para outras gerações para manter as tradições. Assim, “a autobiografia é escrita com o objetivo de transmitir as tradições familiares-patriarcais de descendente a descendente e é colocada em arquivos” (*op. cit.*, p. 256). Os escritos pessoais surgem na forma autobiográfica romano-helênica, em que a consciência pessoal é revelada a um grupo de pessoas.

Mas, para Lejeune (*apud* BARROS, 2006, p. 26), Rousseau foi quem melhor estruturou o gênero autobiográfico, seguindo os seguintes parâmetros:

- Utilizou técnicas romanescas para reviver o passado e todas as técnicas da narrativa pessoal para estabelecer relações com o leitor;
- Atribuiu à escritura de sua vida o poder de renovar o conhecimento que possuía a respeito de si;
- Deu grande destaque ao relato de infância e a todos os começos por que passou, reforçando a nova concepção do papel da infância na vida humana;
- Apresentou um novo modelo de personalidade ao valorizar experiências consideradas desprezíveis ou ridículas, como a sexualidade;
- Elaborou uma problemática da autobiografia, temas e questões recorrentes nesse gênero, como a necessidade de justificar a produção de sua autobiografia, a diferença entre o conhecimento de si e o conhecimento de si pelo outro, a escritura autobiográfica como justificativa da vida, etc.

Esses parâmetros são observados nas autobiografias dos alunos da EJA, pois em suas narrativas pessoais eles revivem o passado, ressignificam o conhecimento de si mesmos, fazem comentários a respeito da própria infância e das complexidades vividas, além de assinalarem no presente a superação de alguns momentos difíceis. Além disso, os alunos da EJA fazem considerações sobre as próprias experiências que foram significativas e que vivenciaram.

Ao enunciar a própria vida, o jovem e o adulto preocupam-se em transmitir um depoimento verdadeiro que vai além de uma simples tarefa de sala de aula.

Por isso, o enunciador autobiográfico dá legitimidade ao seu discurso, expõe a privacidade da vida familiar, torna-a pública e, ao rememorar sua existência, oferece um campo de pesquisa para o conhecimento do aluno da EJA. Barros (*op. cit.*, p. 30) constata tudo isso quando afirma que:

A autobiografia apresenta-se então, nessa perspectiva, como meio ideal para o conhecimento do homem, a memória como fundamental para esse empreendimento, uma vez que é ela que vai estabelecer os elos entre o passado e o presente.

Assim, neste capítulo, por meio das autobiografias, verdadeiros discursos memorialísticos produzidos pelos alunos da EJA, nas quais eles traçam um perfil de suas vidas, faz-se a aproximação entre a memória e a identidade, buscando-se a relação intrínseca existente entre elas. Enne e Tavares (2001, p. 3) afirmam que “sendo um sujeito histórico, recordar é um ato coletivo, que está ligado a um contexto de natureza social e a um tempo que engloba uma construção, uma noção historicamente determinada”. E acrescentam: “A lembrança é a recordação de um tempo vivido” (p. 3).

2. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA MEMÓRIA

Nos últimos anos, tem-se experimentado um extraordinário avanço nos estudos sobre a memória e sua importância para a vida social, constituindo-se um fato que causa surpresa por ser a memória, no Ocidente, objeto central de preocupação cultural, política, social e histórica. Isso porque a memória assinala os contornos da nossa existência e é por meio dela que sustentamos e desenvolvemos a nossa identidade, fortalecendo-a. Assimilamos melhor os mecanismos humanos e sociais quando compreendemos as relações entre memória e identidade, tanto individual, quanto coletivamente.

A atenção dada ao estudo da memória, no campo das ciências sociais, ocorre pela repercussão, em nossos dias, daquilo que os teóricos contemporâneos chamam de pós-modernidade¹² (ou apenas modernidade), que rompe

¹² O termo pós-moderno, popularizado por François Lyotard, também utilizado por Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Jean Baudrillard, David Harvey e outros, designa as transformações ocorridas, no século XIX, que afetaram a sociedade, em que a ciência perdeu o *status* privilegiado. Anthony Giddens utiliza o termo modernidade para designar a ruptura com o modo de vida tradicional.

definitivamente com o modo de vida tradicional, desvinculando-se dos referenciais históricos, além de ser metaforicamente considerada como leve¹³, fluida e líquida a maneira de viver da presente era.

Embora o conceito pós-moderno já faça parte do vocabulário das pessoas, ele é empregado com muitos sentidos diferentes e há aqueles que o defendem como uma ação contrária ao conservadorismo. A literatura sobre esse assunto cresceu vertiginosamente, ressaltando a influência contemporânea da globalização, da mídia, da era da informação e como o avanço das novas tecnologias tem transformado a vida social. Alguns teóricos da pós-modernidade salientam que a forma acelerada das transformações sociais impulsiona as pessoas para o futuro, despreza o presente e enfraquece a memória e todo referencial histórico da sociedade.

Apesar de toda a valorização do futuro, vê-se, nos últimos anos, com muita surpresa, o nascer de uma cultura e de uma política voltadas para a o estudo social da memória.

Ao falar sobre a dimensão estratégica da memória e o seu papel na construção das identidades institucionais, Barbosa e Ribeiro (2005, p. 104), ressaltam a importância da memória nos dias atuais:

(...) sendo assim, a memória é cada vez mais necessária num mundo em profunda mutação. As mudanças sociais aceleradas e as identidades cambiantes resultam numa sensação de insegurança e angústia. E, nesse contexto, a memória passa a ser crucial, porque permite atribuir sentidos à realidade em meio à dispersão e à pluralidade.

Andreas Huyssen (2004) também destaca a importância e o *boom* dos estudos sobre a memória nos dias atuais. Ele afirma que a surpreendente busca pela pesquisa sobre a memória, caracterizada pela volta ao passado, está em contradição com todos aqueles que se preocupam com modernidade. Segundo

¹³ Leve, fluida e líquida é a maneira pela qual o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) define a era moderna que estamos vivendo. *Fluido*, para ele, é a qualidade daquilo que sofre uma mudança quando submetido a tensão, como algo que não permanece em um espaço, nem se prende no tempo; *líquido* diz respeito a tudo aquilo que não mantém a sua forma; *leve* é a ausência de peso, por isso movimenta-se com mais facilidade e de forma mais rápida.

ele, os discursos de memória vieram à tona depois da década de 1960, no Ocidente. Assim ele se expressa:

Discursos de memória de um novo tipo emergiram pela primeira vez no ocidente depois da década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em sua busca por histórias alternativas e revisionistas. (Huysse, 2004, p. 10).

Esses discursos de memória, estimulados pela discussão sobre o Holocausto, passaram a ser alvo de debates na Europa e nos Estados Unidos no começo da década de 1980. Ao recordar aquele fato histórico, outras memórias e recordações são trazidas a lume. Huysse observa que muitos outros fatos históricos não caíram no esquecimento da humanidade, tampouco a civilização Ocidental foi acometida por uma amnésia.

Ao fazer uma distinção entre memória e história, Pierre Nora (1985), historiador francês, diz que a memória é vida que os grupos que estão vivos carregam, por isso ela está em permanente evolução, ora abrindo-se ao diálogo da lembrança, ora sendo esquecida, inconsciente, vulnerável; a memória é um acontecimento atual, disponível à lembrança, claramente evidenciada por um grupo e tem raízes em tudo que é concreto.

Pode-se definir a memória como um momento particular cristalizado na história, vivido em um contexto social; são as reminiscências do passado que a nossa mente reteve, isso porque a memória tem a capacidade de manter em seu poder ideias, impressões, informações de acontecimentos vivenciados no passado. Só por meio da linguagem podemos retomar os momentos vividos no passado.

Com o passar os anos, muitos estudiosos foram desenvolvendo novas teorias acerca da memória. Dentre todos os que formularam uma teoria sobre a memória, Maurice Halbwachs contribuiu para inovar e estimular os estudos nessa área, porque estava preocupado com as questões sociais e objetivava fazer isso de forma científica.

Nesta pesquisa, as autobiografias foram escritas individualmente, momento em que cada um teve a oportunidade de narrar, para toda a sala, um pouco da própria história. No entanto, a construção ganhou sentido quando construída coletivamente, pois o ambiente apropriado e a circunstância favorável à recordação motivaram toda a sala a redigir seus textos. E, por se tratar de um texto memorialístico escrito, em ordem cronológica, em que os alunos discorreram sobre suas vidas pessoais e familiares, não houve necessidade de retomar acontecimentos já escritos, nem houve repetição de eventos. Durante muitos anos, pensou-se que a memória pertencesse à individualidade e à particularidade de cada um pelo fato de a lembrança estar vinculada à psicologia humana. Nunca nos recordamos de um acontecimento com exatidão e de forma límpida, alguns detalhes de um evento podem ser lembrados, outros estão obscuros, porque a nossa mente não é capaz de abarcar minuciosamente tudo o que aconteceu.

Para Pollack (1992, p. 2), a memória é constituída de alguns elementos. “Em primeiro lugar acontecimentos vividos pessoalmente”. São os eventos que a própria pessoa vivenciou. A pessoa se lembra dos acontecimentos de que ela participou, como mostram os excertos¹⁴ abaixo:

Eu me lembro como ainda se fosse hoje o dia em que meu irmão nasceu. [Excerto – Texto 1]

Fiquei desesperada quando vi o meu rosto todo enfaixado e costurado, sem contar a dor que eu estava sentindo. [Excerto – Texto 2]

Em segundo lugar, para Pollack (*op. cit.*, p. 2), a memória constitui-se também de “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”, o que ele chama de acontecimentos “vividos por tabela”. A pessoa pode ter participado ou não, mas narra, porque tomou conhecimento pela convivência familiar.

¹⁴ Os textos apresentados nesta pesquisa foram reproduzidos fielmente, sem qualquer tipo de correção. Além disso, todos os nomes foram omitidos para preservar a privacidade dos alunos.

Minha mãe casou-se muito cedo. Meu pai era cobrador de ônibus e minha mãe era do lar, pois meu pai era bastante machista e não deixava minha mãe trabalhar fora. Quando completei meus 4 anos de idade, meu pai veio a falecer vítima de uma violência ocorrida em um transporte coletivo. Segundo testemunhas, ele foi empurrado para fora do ônibus e nesse empurrão ele caiu e bateu a cabeça na guia, que deu sequência a um traumatismo craniano. [Excerto – Texto 4]

Quando não se consegue lembrar de forma exata, recorre-se ao auxílio de outra pessoa que esteve presente e, aí sim, pode-se reviver os acontecimentos passados com mais exatidão, sempre partindo do presente para o passado.

Desde meus oito meses de vida, me levavam para a roça, em um balaio. Me colocavam embaixo de uma bananeira ou de uma mangueira, quando eu ia para a roça, ficava com meus avós. [Excerto – Texto 10]

Minha mãe, Enedina, sofreu três dias antes do meu nascimento, pois o meu parto foi muito complicado. Ela era acostumada a ter seus filhos no próprio roçado e poucos foram aqueles que nasceram no hospital. Minha mãe conheceu meu pai em 1972, em um ônibus, que fazia o trajeto de Recife até a cidade de Timbaúba e que passava pela cidade de Aliança, que ficava próxima da sua fazenda. [Excerto – Texto 14]

Na semana em que nasci caiu uma geada tão forte na região que queimou todas as plantações de café. [Excerto – Texto 3]

Percebe-se nos três excertos que as alunas necessitaram do auxílio de outra pessoa para narrar acontecimentos de sua vida. No primeiro relato, ela estava apenas com oito meses de vida, portanto, não tinha consciência ainda de tudo o que se passava em sua vida. No segundo, a aluna relata acontecimentos que se passaram com sua mãe três dias antes do seu nascimento e como seus pais se conheceram. No terceiro, a aluna, em sua autobiografia, narra que, na semana em que nasceu, caiu uma geada que queimou as plantações de café. Em todos os relatos, as alunas tiveram conhecimento porque alguém transmitiu a elas tudo o que se passou. Quando é necessário recordar, a palavra de outro que presenciou é fundamental, pois, ao nos basearmos nela, restituímos nossa confiança na medida em que o seu testemunho traz um sentido de exatidão. Não é apenas uma pessoa a referir-se ao fato, mas duas. Isso porque “não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda, porque ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade, pela presença ou evocação,

portanto recorrendo aos outros ou a suas obras” (Halbwachs, 2006, *op. cit.*, p. 23). Nos relatos das alunas, percebe-se que outras pessoas que participaram do acontecimento serviram de testemunhas, porque jamais estamos sozinhos no mundo.

Dentro dessa perspectiva, assim Alencar (2005, p. 108) expressa:

Cada indivíduo carrega suas lembranças pessoais, porém ele está inserido em um contexto, vivendo em uma sociedade, e é nesse contexto que ele consolida suas lembranças. A memória individual sofre influências das diversas memórias que nos rodeiam. Estas diversas memórias constituem a memória coletiva, que garante a identidade do indivíduo, como pertencente a um determinado grupo.

As lembranças permanecem dentro de uma coletividade. Se alguns irmãos se reúnem e, em um dado momento, passam a recordar os acontecimentos do passado, cada um dos irmãos se lembra de um detalhe, que é complementado por outro, porque cada um carregou consigo sua lembrança pessoal de um fato. Assim, com a ajuda de todos, dentro de uma coletividade, tem-se de forma minuciosa eventos que foram reconstruídos com pormenores porque cada um lembrou-se de algo significativo. As memórias de todos os irmãos constituem a memória de uma família, que vai certificar a identidade do indivíduo. Geralmente, as lembranças inesquecíveis são aquelas que remetem às situações de problemas e dificuldades. Observa-se isso nos excertos abaixo.

Eu me lembro como ainda se fosse hoje o dia em que meu irmão nasceu. Minha mãe começou a sentir as dores do parto e foi sozinha para o hospital, pois o meu pai estava em um bar, bebendo. Eu e meus irmãos ficamos em casa sozinhos, morrendo de medo. [Excerto – Texto 2]

Lá no Paraná, meus pais trabalhavam na roça e deixavam os filhos, ainda pequenos, com a minha irmã mais velha, a Lindalva, que também ainda era criança. [Excerto – Texto 6]

Santos (2003, p. 33) destaca a maior contribuição dos intelectuais sobre a memória:

(...) foi mostrar que a memória fazia parte de um processo social, em que os indivíduos não são vistos como seres

humanos isolados, mas interagindo uns com outros, ao longo de suas vidas e a partir de estruturas sociais determinadas. (p. 33)

A memória dos alunos não é uma memória oficial brasileira, pelo contrário, retrata a história de famílias marginalizadas, excluídas, que passaram necessidades. O compartilhar das experiências, por meio de uma atividade de sala de aula, fez com que os alunos quebrassem o silêncio e contassem o que se passara na vida. Contaram sua história de vida, porque os professores leriam, seus próprios colegas de classe tomariam conhecimento. Pollack (1989, p. 4) diz que “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”. Alguém que os ouça, que leia suas histórias.

Assim, em todas as autobiografias, constata-se que os alunos estão inseridos dentro de uma coletividade: fazem alusão à família, pois nunca estão sozinhos, mas sempre em companhia dos pais, dos irmãos, dos tios, das tias, madrinha e parentes mais próximos, como se pode constatar pelos excertos abaixo:

Certo dia ao acordar, eu vi a madrinha da minha irmã escolhendo no guarda-roupa algumas peças e dizia para minha mãe que iriam levar minha irmã rapidamente para o hospital. Nunca mais vi minha irmãzinha. [Excerto – Texto 1]

Não tínhamos moradia, por isso fomos morar na residência de uma tia, fomos humilhados, até fome nós passamos, porque minha tia não nos ajudava financeiramente. [Excerto – Texto 5]

Chegamos aqui ficamos na casa do meu tio, irmão do meu pai. [Excerto – Texto 6]

Devo muito também aos meus tios, que sempre estavam ali para me ajudar. Minha tia Cidoca sempre me deu conselhos para que eu não me envolvesse com drogas. [Excerto – Texto 15]

Passei, então a morar com meus avós, pois na roça, dez da manhã a temperatura já era de quarenta graus. [Excerto – Texto 10].

A memória é coletiva porque está presente na vida social de todos os que pertencem a uma comunidade, mesmo tratando-se de recordações que são íntimas e à primeira vista fazem parte da nossa existência. As reminiscências familiares, dos nossos primeiros colegas de escola, dos nossos vizinhos e de

todos os nossos parentes próximos são memórias coletivas que fazem parte de um grupo de pessoas. A memória individual, nesse caso, só pode ser observada na medida em que a pessoa é apenas uma parte do grupo dessas pessoas. Alencar (2005, p. 108) atenta para uma questão importante:

A memória individual, às vezes, confunde-se com a coletiva, pois pode apoiar-se sobre ela em situações que precise confirmar algumas de suas lembranças ou dar-lhes precisão, e mesmo para preencher algumas de suas lacunas. A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. (p. 108)

É comum em reuniões familiares uma pessoa lembrar-se dos locais onde morou: nomes dos vizinhos, detalhes das ruas, das casas, a pintura das paredes, a roupa que vestia em determinada comemoração familiar, cicatrizes no rosto de determinadas pessoas, etc. Enquanto outra que esteve presente, em todas as ocasiões, conviveu com os mesmos vizinhos, morou na mesma casa, enfim, fez as mesmas coisas, mas no momento familiar das reminiscências ela pode dizer categoricamente que não se lembra absolutamente de nenhum detalhe. Há pessoas que têm uma mente fotográfica, lembram-se de detalhes que chamaram a atenção no passado e permanecem de forma indelével na mente.

Naquele tempo não havia ainda aquela estátua, nem aquelas avenidas, eram ruas pequenas, estreitas, onde passava o bonde. Era muito bonito, tinha um arvoredor muito grande e não havia todo aquele trânsito que hoje existe lá. Nossa casa era casa pequena, mas confortável, tinha um quintal bem grande, com bastante bananeiras, tínhamos muito espaço para brincar. [Excerto – Texto 1]

Nós morávamos em uma casa de barro, coberta de sapé. As vasilhas que minha mãe tinha eram de latas vazias. Lata de extrato de tomate servia de copos. [Excerto – Texto 17]

A boa recordação e a certificação de uma lembrança exata não estão só na memória individual. Se as primeiras lembranças foram extintas da mente, já não restam muitas chances de reavê-las, porque nos afastamos do grupo do qual fazíamos parte.

Os indivíduos, que fazem parte de um grupo, é que se lembram, porém, o que é necessário para a memória coletiva se solidificar é o conjunto de pessoas; as

lembranças que são comuns aos indivíduos encontram apoio neles mesmos e surgem no espírito com maior intensidade. Fica claro, para Halbwachs, que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupa e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantém com outros ambientes” (*op. cit.*, p. 39). Isto significa que a memória individual existe, é real, no entanto, a raiz dela encontra-se nos contextos sociais e nas relações sociais. A memória individual não é a última palavra, é acima de tudo um ponto de vista importante. Porém, não detém a palavra final, porque o ponto de vista pode ser modificado de acordo com o nosso relacionamento com o ambiente.

Lembrar é uma luta contra o esquecimento. Porém, nem tudo pode ser lembrado em seus detalhes, pois a linguagem é impotente para abarcar todas as lembranças. Quando se recorda o passado, ele é reinterpretado na medida em que o olhar amadurecido do presente faz o indivíduo analisar melhor as situações vividas. As recordações coletivas fazem com que haja uma união íntima entre as pessoas da família e a relação se solidifica:

Um dia um menino colocou fogo no sapé e perdemos tudo! Só sei que minha mãe me jogou com os porcos de tanto desespero, pois já não tinha nada e o pouco que tinha ela queria salvar. Quando ela lembrou-se de mim, eu estava na lama junto com os porcos. Ela sempre dizia que nem sabe como fez isso. Enfim dedico este livro a minha mãe Neuza que amo de paixão, se não fosse ela eu não estaria aqui, a minha família. [Excerto – Texto 17]

3. A MEMÓRIA COLETIVA, AUTOBIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Quando um indivíduo compartilha coletivamente suas lembranças, há duas memórias em jogo: a autobiográfica, íntima e individual, como diz Halbwachs, “no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal” (*op. cit.*, p. 71), e a histórica, coletiva impessoal e social, que na interação das lembranças também interpenetra a individual, íntima e pessoal. Isso porque a memória individual não está hermeticamente fechada e isolada na consciência da pessoa. Quando expomos nosso próprio passado, que é íntimo e pessoal e que diz

respeito apenas à nossa individualidade, necessitamos sempre recorrer às lembranças dos outros que participaram conosco.

Onde morávamos não havia água e eu e minhas irmãs mais velhas íamos buscar água com baldes. Minha mãe não podia ir, pois ela tinha que ficar com o bebê e com os meus três irmãos pequenos. [Excerto – Texto 2]

Nas férias era muito divertido, pois nós caçávamos passarinhos com estilingue, pescávamos, andávamos a cavalo e todo fim de tarde fazíamos uma parada no pomar antes de voltarmos para casa. [Excerto – Texto 3]

Mesmo a memória sendo individual é impossível partilhá-la, contá-la a alguém, sem que se leve em conta todo o arcabouço social. O que Halbwachs (op. cit., p. 72) expressa é “(...) o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente”.

Brandão (2005), dentro do ponto de vista da análise do discurso, faz abordagem sobre a perspectiva do sujeito descentrado e diz que a noção de história é fundamental. Quando um indivíduo expressa suas memórias, posto que esse indivíduo em sua essência é um ser histórico, o faz a partir de um tempo e um lugar determinados. O seu discurso de recordação está carregado de representações do seu tempo. Isso porque a memória tem a capacidade de medir o tempo na medida em que considera os acontecimentos da vida dentro de uma dimensão temporal: um ano específico, a idade em que aconteceu algum fato marcante, etc.

Cheguei em São Paulo no dia 16 de Abril de 1996. [Excerto – Texto 7]

Aos onze anos de idade fui morar na casa de uma conhecida da minha mãe. [Excerto – Texto 8]

No ano de 2002 minha tinha começou a namorar o vizinho da casa da frente (...). [Excerto – Texto 9]

Em 1978 vim para São Paulo. [Excerto – Texto 23]

Meu pai veio a falecer quando eu tinha onze anos. [Excerto – Texto 11]

Nem todos têm essa capacidade de marcar o tempo com datas específicas, porque nem todos se conscientizam que os acontecimentos se sucedem dentro de um período de tempo. Além do tempo, seu discurso está eivado do ambiente histórico. Situa a sua recordação eivada de expressões, palavras e ideias do espaço social em que habitou. Nas autobiografias aparecem expressões como “casa de sapé”, “balaio”, “fava”, “roça”, “macaxeira”, etc. Há, ainda, os lugares determinados:

(...) morávamos em uma fazenda chamada Mandaguari... mudamos para outra fazenda chamada Boa Esperança. Ao completar treze anos mudamos para a cidade de Álvaro Carvalho. [Excerto – Texto 3]

Nasci na Capital de São Paulo, ali bem perto de onde hoje tem a estátua do Borba Gato. [Excerto – Texto – 1]

Eu nasci em Itapipoca, uma cidade do Estado do Ceará [Excerto – texto 24]

Assim, ao recorrer às lembranças, nós o fazemos por meio daquilo que experimentamos, observamos, praticamos, sentimos e imaginamos num dado momento das nossas vidas.

A memória é histórica porque pertence a um determinado espaço e a um determinado tempo vivido. Não há memória senão daquilo que já passou. Não há memória de tempo presente e, sim, do passado, daquilo que já aconteceu, daquilo que foi vivenciado individualmente. À medida que o tempo vai passando, carregamos uma série de lembranças históricas; os eventos que marcaram as nossas vidas, em um dado momento, serão lembrados. Pierre Achard (2010, p. 25) faz uma observação necessária: “(...) para que haja memória é preciso que o acontecimento, ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância”. Momentos históricos significantes são, por exemplo, aqueles marcados por falecimentos na família, como atestam algumas autobiografias.

Quando completei 4 anos meu pai veio a falecer. [Excerto – Texto 4]

Ele [padrasto] deu entrada no hospital pela manhã e à tarde faleceu. [Excerto – Texto 8]

Após uma semana a minha avó adotiva ligou para saber notícias da minha mãe e ficou sabendo que ela tinha tido um ataque cardíaco... Ela não resistiu e veio a falecer. [Excerto – Texto 8]

Certo dia, o meu irmão Adilson, que era loiro, tinha olhos azuis e estava com três anos de idade, foi beber água, entretanto ele caiu no fundo do barril e morreu afogado. [Excerto – Texto 6]

Sempre que nos lembramos dos tempos de nossa infância o fazemos de forma natural, porque as impressões e as imagens ficaram marcadas em nossa memória, o que facilita a recordação. Ao recordar, nossa memória volta-se para o ambiente e para as pessoas de nossa convivência, o que nos atrai mais do que os fatos históricos da humanidade. É a chamada memória pessoal, porque diz respeito a tudo aquilo que se passou na vida da pessoa, em seu ambiente familiar, escolar ou na intimidade. O que foi vivenciado serão as lembranças e as recordações pessoais. É o que Halbwachs (*op. cit.*, p. 90) chama de *passado vivido*, onde a memória encontrará apoio. A história vivida, segundo ele, “tem tudo o que é necessário para constituir um panorama vivo e natural sobre o qual se possa basear um pensamento para conservar e reencontrar a imagem de seu passado”.

Minha vida toda valeu como experiência, pois ensinei meus filhos a trabalharem e ganharem seu próprio dinheiro. Não dependerem de ninguém e ter bons amigos, pois tudo que passamos nesta vida nos serve de experiência. [Excerto – Texto 1]

A tendência do ser humano é lembrar-se justamente com mais clareza daquilo que vivenciou.

Quando alguém faz uma descrição de fatos de sua vida que ocorreram no passado, essa reconstrução do passado é diferente daquilo que descreve no presente, porque, quando o indivíduo se recorda, reconstrói-se a si mesmo.

Nesta autobiografia reconstitui o percurso de minha vida e ao lembrar experiências busco atribuir algum sentido a minha história. [Excerto – Texto 3]

Muitos outros estudiosos modernos destacam-se na pesquisa sobre memória. Joël Candau (2011) analisa a relação entre memória e identidade de acordo com a concepção antropológica e sociológica. No seu entendimento, não há

ser humano sem memória. Todos os seres humanos são dotados de memória, a menos que tenham algum problema patológico. Candau (2011, p. 59-60), ao enfatizar a relevância da memória, afirma que quem perde a memória perde a identidade, porque deixa de ter a noção de si mesmo. Prossegue ele:

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si.

Todos os alunos que escreveram suas autobiografias tiveram uma noção da própria existência, perceberam a própria vida como uma história que poderia ser contada, a partir de um passado difícil, permeado de circunstâncias adversas. As histórias que contaram têm um enredo, um princípio, que não termina como começou. Modificou-se à medida que o tempo foi passando. Nenhum deles permaneceu do mesmo jeito.

Crescemos e nos tornamos moças e rapazes. [Excerto – Texto 6]

Hoje tenho a família que pedi a Deus. Tenho um filho lindo e um marido maravilhoso. [Excerto – Texto 8]

Hoje conquistamos muitas coisas. Estou agora com quarenta e dois anos, meu marido com quarenta e meu filho com quinze anos. [Excerto – Texto – 11]

Houve, por todos, uma modificação da situação vivida, apontada nos relatos acima e em todos os outros textos que compõem esta pesquisa. O recordar, a partir do nascimento até a vida adulta, marca um tempo vivido, mas que não permaneceu o mesmo. Todos cresceram, adquiriram experiências, conhecimentos e saberes partilhados pela interação com a família, a sociedade, a escola, etc. Tudo que foi partilhado formou hábitos e costumes que foram incorporados ainda que inconscientemente pelo indivíduo, alojou-se na memória ao longo dos anos e hoje cada indivíduo pode se autobiografar. A identidade não permaneceu a mesma, porque todos cresceram, tornaram-se moças e rapazes, senhores, senhoras, passaram por transformações.

Assim, há um vínculo fundamental entre a memória e a identidade e não podemos pensar nestes dois termos como totalmente distintos: é a memória que se responsabiliza pela construção da identidade do sujeito e as recordações que temos de cada época de nossa vida se dão no plano coletivo, porque não podemos narrar nossa história sem mencionar nomes ou grau de relacionamento das pessoas que estiveram presentes. O que dá fundamento à identidade é a lembrança e esta antecede a identidade. Candau (*op. cit.*, p. 19) sustenta que:

(...) memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente.

E a identidade tem sido um assunto amplamente discutido, porque *as velhas identidades* (Hall, 2006, p. 7) que davam solidez e firmeza ao mundo declinaram, fazendo com que emergissem novas identidades, deixando o sujeito moderno fragmentado.

4. A IDENTIDADE E O SUJEITO NA MODERNIDADE

Definir identidade não é tarefa simples, uma vez que o conceito, além de ser abordado por diversas disciplinas, tem sido objeto de revisões, seja por não entenderem que não existe uma que seja identidade única e integral, seja pelo questionamento da auto sustentabilidade do indivíduo, ou seja ainda pelas novas perspectivas da teoria pós-moderna. Os novos debates giram em torno de uma identidade que se modifica com o passar do tempo, em que o *eu* não permanece o mesmo durante a sua vida, mas sofre transformações ao longo dos anos. A discussão apresentada por Stuart Hall (2006) em torno do problema da crise de identidade é porque, em sua opinião, as antigas identidades que firmavam o mundo e o tornavam seguro estão em decadência. Elas ruíram, dando origem às novas identidades, tornando o sujeito, que até então era unificado, em um sujeito fragmentado, tendo em vista as mudanças ocorridas na sociedade global nos últimos anos.

Quando ele trata da questão da identidade, mostra que há três concepções de sujeito.

O **sujeito do Iluminismo**, fruto da Era Iluminista, aquele dotado de razão, com capacidade de agir conscientemente, equilibrado, inalterável, com habilidades intelectuais e morais e com competência para exercer seu pensamento. O sujeito passou a ser a medida de todas as coisas, valorizado e elevado a uma posição central. Hall (2006) diz que “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (p. 11).

O **sujeito sociológico** pertence à Era Moderna, na qual o sujeito interage com o mundo, pois sabe lidar perfeitamente com o “interior” e o “exterior”, ou seja, tem capacidade para conviver com o lado pessoal e o social. Hall define bem esse sujeito: “A identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (p. 11).

Quanto ao **sujeito pós-moderno**, as identidades que eram estáveis e seguras passaram para um estado de falência, daí a identidade desse sujeito não ser estável e determinada, mas fruto da influência de muitas identidades e das grandes mudanças ocorridas na modernidade, haja vista o fenômeno da globalização, que muito contribuiu para a formação de identidades fragmentadas e do sujeito descentrado. Hall postula em suas concepções que é por meio de um processo que se produz o sujeito pós-moderno e a identidade acaba se tornando uma “celebração móvel” que se forma e se transforma ininterruptamente, na medida em que se convive dentro de uma sociedade específica. O sujeito se define dentro da história e como ele não consegue ser o mesmo em todas as situações assume papéis diferentes, sendo incoerente, às vezes, até consigo mesmo. O sujeito não é definido com facilidade, pois de vez em quando toma atitudes diferentes diante de acontecimentos semelhantes, desarticula-se perante as situações corriqueiras e muda de opinião constantemente. O sujeito imagina que a sua identidade é a mesma desde o seu nascimento, engana-se ao pensar que não mudou durante todos esses anos. Na verdade, a pessoa estabeleceu uma imagem de si mesma e acha que essa imagem permanece a mesma por toda a existência.

Acertadamente Hall (2006) diz que “uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (p. 13).

Como em toda sociedade há um conflito de interesses e, conseqüentemente, as identidades são envolvidas em grandes contradições, desarticulam-se, transformam-se constantemente. Essas contradições afetam os mais variados setores da vida social, pois elas estão em alguma medida na mente do sujeito. Não há uma identidade singular, original, fixa e imutável, mas uma identidade que se modifica na interpelação do sujeito.

5. A IDENTIDADE E AS RELAÇÕES SOCIAIS

Todo ser humano ao nascer encontra o mundo totalmente pronto e consolidado por um conjunto de costumes sociais pré-estabelecidos e acordado por todos os membros da comunidade, possuindo regras de conduta para que o indivíduo saiba comportar-se de maneira adequada, sendo a comunidade influenciada por ideologias que orientam suas decisões e impulsionam as ações das pessoas. As crianças recebem um nome, um sobrenome da família, são logo registradas para melhor identificação perante a sociedade.

Desde a infância, a criança passa a ser chamada pelo nome de seu registro de nascimento, aceita-o como seu, acostuma-se com ele e sem perceber se convence de que aquele é o nome dela. Ela será identificada pelos outros pelo nome e se identificará aos outros também por ele. Como Ciampa diz, “O nome é mais que um rótulo ou etiqueta: serve como uma espécie de sinete ou chancela, que confirma e autentica nossa identidade. É o símbolo de nós mesmos”. (p. 131). A utilização do nome dos pais também é uma forma de identificação usada pelos alunos da EJA.

Meu pai, Ademário Moreira (...) e minha mãe Aparecida Miranda. [Excerto – Texto 4]

Meu pai se chamava José e minha mãe Osterna (...) minha irmã mais velha Lindalva. [Excerto – Texto 6]

Deve-se esclarecer que o nome não é a identidade, apenas a representa, e à medida que se desenvolvem as faculdades mentais, a pessoa vai tomando consciência de si mesma, assume o seu nome, o da sua família e um papel

perante a sociedade. Além disso, quando as pessoas recebem o nome na infância, ainda não tem consciência de identidade.

Antigamente considerava-se a identidade como algo permanente e inalterável em uma pessoa. Contudo, os novos estudos comprovaram que a identidade é um processo individual e social construído consciente ou inconsciente, dentro das relações sociais, e diz respeito aos papéis que o indivíduo assume perante a sociedade. Ao falar das relações sociais, Ciampa (1987, p. 86) deixa claro que o indivíduo *precisa de condições objetivas* para ser ele quem é. E ainda registra:

Só se é alguém dentro das relações sociais. O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, abstrata, é falsa.

É a partir das relações sociais e das suas condições objetivas que os alunos da EJA se identificam em seus relatos autobiográficos, mencionando a data de nascimento, a localização geográfica da cidade onde nasceram, fazendo uma breve descrição da sua família, mencionando a quantidade de irmãos, seu relacionamento com os pais, contando como viviam na cidade onde nasceram, expondo as precárias condições de vida na infância. Ao retratarem suas vidas, os alunos se identificam e pela identificação nota-se que são pessoas pobres, cuja baixa condição econômica fez com que passassem necessidades e buscassem melhores condições em São Paulo. Pelos relatos, nada era estável: o trabalho do pai, a moradia que não pertencia à família, o estudo. E isso gerou instabilidade para toda a família. A influência primordial na formação inicial da identidade dos alunos coube ao pai e à mãe, pela observação das atitudes e do comportamento deles. Os alunos citam a presença e, por vezes, os nomes dos irmãos. Porém, o que a memória deles reteve com mais intensidade foram os conflitos e as brigas com os pais ou a bondade e a luta da mãe, sofredora.

Trabalhava na roça de sol a sol, meu pai era muito ignorante, minha mãe fazia tudo que ele mandava, e eu não suportava aquela situação. [Excerto – Texto 23]

Meu pai era do tipo que quando bebia os filhos dormiam nos vizinhos... Eu e meu pai não nos dávamos muito bem, porque quando comecei a trabalhar no Pará, com 10 anos de idade, eu

o sustentava e ajudava em casa, também pagava as contas dele nos bares. [Excerto – Texto 22].

Meu pai sempre foi muito ausente durante toda a minha infância e adolescência. [Excerto – Texto 15]

Enfim, eu dedico este livro a minha mãe Neuza, que amo de paixão... [Excerto – Texto 17].

À medida que o aluno da EJA conta a sua história de vida, mostra de forma natural o seu desenvolvimento, enquanto pessoa, no seio de uma família. Os alunos não se dão conta de que, pelo relatos, além de mostrarem a conduta da família, descrevem também o percurso da construção da sua identidade e como as relações familiares contribuíram para isso. Conforme os excertos acima, o *trabalho na roça*, chamar o pai de *ignorante*, assumir a responsabilidade das contas da casa aos dez anos de idade demonstram juízo de valor, a formação do caráter e o estabelecimento da sua maneira de pensar. Todo indivíduo que faz parte de uma sociedade possui uma identidade e esta se realiza na medida em que o indivíduo passa a ter uma posição política e ideológica, dada a sua relação com os outros indivíduos. Fernandes (2008, p. 32), ao refletir sobre a noção de identidade esclarece que “a identidade é apresentada como produto das novas relações sociopolíticas na sociedade e inacabada por não se esgotarem as transformações sociais que sofre” (p.32).

Em face dos relacionamentos familiares e sociais, o sujeito toma uma posição e a ocupa. Tal posição não foi construída de forma rápida. Assim, quando o aluno da EJA recorda os acontecimentos vividos em família, ele se dá a conhecer, pois a memória, de acordo com Pollack (1992, p. 5) “é um elemento constituinte do sentimento de identidade”. É na família que afloram os sentimentos, os embates, os conflitos e a consciência de pertencer a um grupo, no qual um membro enxerga o outro. Isso acontece porque, segundo Pollack (1992, p. 5), “ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros”. Em um dos relatos, notam-se as transformações que ocorreram na vida de um dos alunos:

Ao completar treze anos nos mudamos para a cidade de Álvaro de Carvalho e a minha vida mudou totalmente, pois estava acostumada com a liberdade e me vi encarcerada dentro de casa. Meu pai não me deixava sair nem na porta de casa e me

tirou da escola. Minha vida que até então era um paraíso, passou a ser um tormento. Um dia aconteceu um show de pagode... lá um rapaz me chamou a atenção e começamos a olhar.... Começamos a namorar e durante seis meses vivi no paraíso, depois nos separamos. Depois de um ano e meio conheci um rapaz em um rodeio que estava acontecendo na cidade. Namoramos durante um ano e três meses e nos casamos. E no mesmo dia do casamento vim morar em São Paulo. Então engravidei e fiquei muito feliz. Comprei roupinhas, fiz muitos planos, mas um dia tudo acabou, pois... tive hemorragia, fui ao hospital e o médico me disse que eu estava abortando... me vi sozinha, mais do que isto, desemparrada...fiquei traumatizada acabei entrando em depressão. Passaram-se quatro anos, e engravidei novamente.... tudo acabou dando certo e minha filha Talyta nasceu... Eu não cabia em mim de tanta felicidade. Porém, como nem tudo é perfeito, o meu marido começou a trabalhar à noite e depois disso começou a mudar. Pedi a separação e ele me chamou de louca três vezes. Procuo entender o porquê de muitos acontecimentos. O que valeu a pena e o que foi em vão.
[Excerto – Texto 3]

Pelo relato acima, percebe-se que a influência da modernidade faz com que o estado do sujeito não permaneça o mesmo, pois não há solidez nas relações sociais. Em cada situação vivida, houve mudança dos papéis. Hall (2006, p. 13) aponta que “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. A construção da identidade é um processo longo que se inicia no nascimento, como destaca Hall (*op. cit.*, p. 38) “Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

Nessa formação da identidade, há eventos que a memória seleciona ou rejeita e isso não acontece por acaso. As angústias e aflições que se desenrolam na vida de uma pessoa, bem como preocupações diárias de ordem pessoal e familiar, determinam aquilo que a memória registra ou despreza. Há acontecimentos tristes que o indivíduo jamais esquece e ficam marcados indelevelmente na memória, bem como pode haver momentos alegres que o indivíduo não se lembra mais. O ser humano tem por hábito tornar inesquecíveis os momentos difíceis, as situações de sofrimento em que a emoção é mais forte. Todas essas situações difíceis vividas trazem unidade e sentido de pertencimento à família.

Assim, a identidade que começou a ser forjada com um nome próprio dá à luz uma personalidade, todos em volta passam a ter uma imagem da pessoa; ela, por sua vez, faz uma imagem de si, a pessoa torna-se perceptível, porque o indivíduo se relaciona com o outro e age sobre o mundo. Ciampa (1987, p. 13) diz que “O indivíduo não é algo, mas sim o que faz o fazer é sempre atividade no mundo, em relação aos outros”.

Dentro de um grupo, todo indivíduo constrói uma imagem de si, para si e para os outros. Assim, define identidade:

A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLACK, op. cit., p. 5).

Acontece que essa imagem não é imutável, nem se torna a essência da pessoa. As modificações e transformações ocorrem na medida em que a pessoa cresce, amadurece e se relaciona com o grupo. Pollack (*op. cit.*, p. 5) diz que a “construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade”. A *aceitabilidade* pode ser entendida quando a pessoa é aceita pelo grupo, pertence a ele com todas as suas idiossincrasias; a *admissibilidade* é a consequência da aceitação: a pessoa é reconhecida, consentida na convivência; a *credibilidade* se caracteriza pela confiança que o grupo tem em determinada pessoa, na sua existência. Esses critérios não são percebidos pelos olhos humanos, nem discutidos, mas são subjetivamente negociados.

Essa negociação, na verdade, não é harmoniosa, porque há uma confrontação social, na medida em que os valores individuais entram em choque com os valores coletivos. Os conflitos sociais estão presentes nas lembranças familiares, na memória escolar, em toda e qualquer convivência por mais pacífico que o grupo se apresente. Cada indivíduo tem a sua ideologia, seus valores, sua preferência política, que carrega consigo e que, de uma forma ou de outra, pode estar em oposição com a ideologia, os valores e as preferências de outros com quem se relaciona.

A identidade sempre nos posiciona em relação ao outro. A existência de uma identidade depende de outra fora dela, ou seja, de outra identidade que ela não é, mas que oferece condições para sua própria existência. A identidade de uma pessoa é determinada pelos símbolos e isso pode ser exemplificado pelas escolhas que a pessoa faz, como a roupa que usou, o time para que torce, sendo algo significativo que se torna uma marca que a diferencia de outras pessoas.

Na leitura das histórias de vida dos alunos são notórias as escolhas que eles fazem. A opção pelo trabalho em vez dos estudos, o namoro contra a vontade dos pais, a gravidez precoce, a saída da cidade onde nasceram para vir a São Paulo são escolhas que alguns alunos fizeram, tomando uma posição diante de certas situações. Outros teriam tomado atitudes diferentes.

Com quinze anos deixei a escola para trabalhar... [Excerto – Texto 5]

Começamos a namorar e logo avançamos o sinal, e engravidei, foi uma fase muito difícil para mim, pois meu pai me pôs para fora de casa e minha mãe não pode pôde fazer nada. [Excerto – Texto 9]

Decidi vir tentar uma vida melhor aqui em São Paulo. [Excerto – Texto 12]

Eu dizia para mim mesma que quando fizesse 18 anos iria embora dali. Em 1978 vim para São Paulo, gostei daqui e voltei para o Pará só para passear. [Excerto – Texto 23]

Woodward (2009, p. 40, p. 14) assegura que “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença”. Woodward continua: “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. A identidade se dá na relação entre os seres humanos, no modo como se efetivam as relações sociais. Pode-se comprovar isso a partir de um dos relatos em que a vida da mãe, muito submissa, de uma das alunas não permaneceu estável, pelo contrário, sofreu muitos reveses a partir da perda do marido, ficando viúva com 28 anos, passando dificuldades, entregando-se ao fumo, à bebida e, conseqüentemente, em estado depressivo.

Minha mãe casou-se muito cedo... meu pai era muito machista e não deixava minha mãe trabalhar fora. Quando completei 4 anos meu pai veio a falecer. Então minha mãe ficou viúva com vinte e oito anos, com cinco filhos. Com a morte do meu pai nossa vida piorou, pois pagávamos aluguel. Minha mãe em desespero foi a procura de um orfanato para nós, mas não conseguiu vaga. Meu pai não havia deixado nada. Minha mãe com isso caiu em depressão, diante daquela situação e começou a beber, fumar e chorava muito. Após a morte da minha irmã o sofrimento da minha mãe foi ainda maior e ela voltou mais uma vez a um estado de calamidade. Minha mãe começou a fazer salgados para vender. Chegou então o benefício do INPS, após oito anos da morte do meu pai. Com a nossa ajuda e com o INPS minha mãe conseguiu comprar um barraco para morarmos. Conheceu [minha mãe] um viúvo chamado Antonio e depois de conhecê-lo foi morar com ele e nos levou. Meu padrasto sofreu um acidente, pois trabalhava como ajudante de caminhão e o caminhão tombou, capotou várias vezes e acarretou na perda de uma visão dele. Meu irmão [Fernando] que gostava de baladas, festas... arrumou uma confusão e levou cinco tiros e faleceu. Minha mãe e meu padrasto não se conformam de jeito nenhum. [Excerto – Texto 4]

A identidade, como afirma Hall (*op. cit.*, p. 13), “é definida historicamente, e não biologicamente” e por isso, no relato acima, a *mãe* assume identidades diferentes em diferentes momentos. É no discurso que as identidades se expõem, fundamentam-se, o sujeito assume uma posição, um homem dotado de uma memória fala ao outro, que diferente dele também se expõe. O discurso torna-se, assim, palco dos conflitos, por causa das oposições dos seres humanos que convivem, com suas diferenças em uma mesma sociedade. Cada um com sua história de vida, com seus valores sociais. Fiorin (2008, p. 45) assevera que “o discurso é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade”.

CAPÍTULO IV ANÁLISE DO CORPUS

O objetivo deste capítulo é analisar as narrativas autobiográficas para refletir acerca do perfil dos jovens e adultos da EJA, buscando identificar a possibilidade de uma identidade comum. Serão utilizados, como recurso metodológico, 24 textos de relatos memorialísticos que compõem o *corpus* desta dissertação. Justifica-se a utilização de relatos autobiográficos como fonte de pesquisa porque vem se constituindo como recurso metodológico na área das Ciências Humanas, na medida em que, por meio deles, vê-se como a memória auxilia na construção da identidade do indivíduo ao longo dos anos, pois são observáveis as mudanças ocorridas em sua vida. Além disso, como se trata da verificação dos contornos e dos aspectos do jovem e do adulto, aquilo que ele diz de si mesmo é fundamental para descobrir seu perfil, partindo-se do princípio de que as intenções dos alunos não podem ser ignoradas.

Para melhor análise e compreensão do *corpus* estudado, o conhecimento do contexto imediato, ou em sentido lato, das condições de produção, dos textos analisados, deve incluir o contexto sócio histórico e ideológico. Faz-se necessário esclarecer as condições em que os alunos da EJA escreveram seus relatos autobiográficos e leva-se em consideração, principalmente, como a memória dos alunos corroborou com as condições de produção dos tais textos.

As autobiografias foram escritas pelos alunos da EJA de uma escola municipal, localizada na Chácara Santa Maria, bairro da periferia de São Paulo, e originaram-se das aulas de língua portuguesa, quando a professora responsável pelo “Projeto Ler e Escrever – EJA” propôs aos alunos que lessem biografias de personalidades famosas. Depois, solicitou aos alunos que escrevessem a história de suas vidas para que, em seguida, elas fossem digitadas nas aulas de informática e posteriormente integrassem um livro autobiográfico.

Partindo do pressuposto de que aquilo que foi dito ou escrito é possível de ser objeto de análise e por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, busca-se nos textos analisados, por meio de compreensão, interpretação e análise,

aproximações e afastamentos que interpenetram tais textos, investigando os traços marcantes trazidos pela sua memória por meio dos próprios relatos dos alunos. Utiliza-se, para isso, a contribuição oferecida pela análise do conteúdo, segundo Lawrence Bardin, que se utiliza da classificação por categoria dos elementos que constituem o discurso autobiográfico dos alunos (conteúdo e continente) que possuem características comuns, buscando-se os pontos de semelhança entre autobiografias diferentes para, em seguida, reagrupá-los de acordo com seus critérios.

Todas as autobiografias são discursos na medida em que os alunos utilizam a linguagem para exprimir seus pensamentos, falar do mundo que está à sua volta e do seu mundo interior. Suas palavras, é bom que se esclareça, estão enriquecidas dos aspectos sociais e ideológicos. Considera-se aquilo que Orlandi (2003, p. 15) afirma quando discorre sobre o discurso: “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Nos discursos autobiográficos, os alunos se expressam e, por utilizarem a palavra (falada ou escrita), transmitem uma imagem de si, conceituada por Maingueneau (2006) como *ethos*. O *ethos* auxilia na construção da identidade, na medida em que representa o corpo do enunciador, que se responsabiliza por aquilo que enuncia. O discurso do jovem e do adulto corrobora para a identificação do seu ser, na medida em que sua enunciação manifesta sua conduta, reações em face do meio social, seu caráter, traços psicológicos e a maneira como reage frente aos conflitos familiares. Ao falar sobre o discurso como uma forma de representação, Fairclough (2001, p. 91) afirma que “implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

As autobiografias, confeccionadas em sala de aula, são produto de uma enunciação que vai além do sistema gramatical; por isso, ao escolhê-las como recurso metodológico, procurou-se captar a história de vida dos alunos com a certeza de que os enunciados constituem sentidos e trazem a marca da

realidade do jovem e do adulto. Essa realidade, vivida cotidianamente dentro de uma instituição familiar, em uma determinada classe social, com suas condições materiais e concretas são transmitidas pelos alunos, em seu discurso, sem que eles deem conta. Como aponta Fernandes (2008, p. 15), “A ideologia se materializa no discurso, que por sua vez é materializado pela linguagem em forma de texto”. No excerto abaixo, o aluno faz uma representação da sua vida familiar, das dificuldades pelas quais passou na infância:

Meu pai trabalhava como lavrador e o que colhia tinha que repartir com o dono da casa onde morávamos. Às vezes não tínhamos o que comer então minha mãe socava milho, colocava sal e dava para nós comermos. Quando não era milho, era fava o que tínhamos para comer. Estava sendo muito difícil ficar ali, então meus pais resolveram tentar a vida em outro lugar. Fomos morar em uma cidade no interior de Minas Gerais. Lá as coisas não foram diferentes. Meu pai não conseguia emprego e às vezes ia para a cidade a procura de algo para comermos, mas não arranjava nada. Um dia, ao voltar para casa, sem nada, desesperado, tentou se suicidar.
[Excerto – Texto 1]

O jovem e o adulto, quando relatam a sua vida, apresentam-se como o *eu*, locutor/enunciador, que se dirige a alguém, o *tu*, interlocutor/enunciatário, nesse caso, o professor. Jovem e adulto organizam seus textos em função do professor, por isso selecionam aquilo que querem dizer. Saveli (2006, p. 96) indica que “esta seleção denuncia que a memória não está reduzida ao indivíduo, mas ao contrário, ela envolve ambas as vozes: a social e a individual”. Por isso, apesar da autobiografia ser um discurso individual, não se trata de um texto monofônico, porque, como afirma Fiorin (1990, p. 41) “o texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social”.

Os relatos autobiográficos dos alunos da EJA são o resultado de tudo aquilo que foi interiorizado ao longo dos anos vividos, pela observação da realidade e, principalmente, pelos discursos dos membros da família. Aprenderam e aprenderam o mundo a partir dos discursos assimilados. Todos os membros de uma sociedade são formados discursivamente, porque a formação discursiva é ensinada automaticamente a cada um ao longo do processo de aprendizagem da língua.

Como fora da linguagem não existem ideias e representações é nos discursos que os alunos ouviram desde a infância que lhes foi transmitida, imperceptivelmente, uma visão de mundo, de uma determinada classe social. Assim, as autobiografias são discursos a partir da ótica dos dominados, em que os alunos veiculam ideologia, pois “o enunciador é o suporte da ideologia” (Fiorin, *op. cit.*, p. 42) e, sem perceber, reproduzem os discursos ouvidos como se fossem deles, porque “o seu dizer é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social” (Fiorin p. 42).

Os discursos ouvidos são armazenados na memória discursiva e é esta que fará como que os enunciados anteriores circulem. Maingueneau (1996, p. 96), chama essa memória de “uma interação verbal que se desenvolve no tempo” e a diferencia da memória psicológica. Os enunciados são situados em relação aos outros que já foram ditos e não há um discurso original. Ouvem-se discursos, interiorizam-nos, reproduzem-se de forma natural, imperceptível ao sujeito.

Considera-se o que Fiorin (*op. cit.*, p. 35) aponta: “O discurso não é, pois, a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida”.

Há em toda sociedade um campo de manipulação inconsciente, imperceptível ao sujeito, que constitui a consciência do sujeito e o faz pensar sobre o mundo. O sujeito é formado socialmente dentro de um estado determinado de relações entre classes que compõem uma comunidade em um determinado momento de sua história. Isto “porque o homem não é apenas uma individualidade (...) mas produto de relações sociais ativas e inteligentes” (Fiorin, *op. cit.*, p. 36).

De acordo com Fiorin (1990) numa formação social há dois níveis: o da *aparência*, que é o lado visível, fenomênico, e o da *essência*, lado invisível, que não é perceptível. É no nível da aparência que as ideias da classe dominante são construídas, para perpetuar a dominação e suas ideias. Na verdade, são “um conjunto de ideias, essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens” (Fiorin, *op. cit.*, p. 26).

No nível da aparência, o jovem e o adulto, ao relatarem acontecimentos de sua vida, demonstram que tudo o que aconteceu, como sustenta Chauí (2001, p. 73), “é uma fatalidade do destino”, algo natural, como algo já prefixado, e isso os faz ser o que são e a partir daí agir para que a situação melhore. Nem imaginam que ao nascerem “encontram suas condições de vida preestabelecidas e têm assim sua posição na vida e o seu desenvolvimento pessoal determinados pela classe”.

É assim que Schaff (1967, p. 71) se manifesta:

O homem nasce numa determinada sociedade, sob determinadas condições sociais e inter-humanas que ele próprio não escolhe; são elas o resultado da atividade de gerações anteriores. No fundamento dessas – e não de outras – condições cuja base são as condições de produção, ergue-se toda a complicada estrutura de concepções, sistemas de valores e instituições ligadas a ela. A opinião do que é bom e mau, do que é digno ou não, quer dizer, o determinado sistemas de valores, é dado socialmente, igualmente como o conhecimento do mundo, que é determinado pelo desenvolvimento histórico da sociedade. As condições sociais formam, com a ajuda da consciência social vigente, o indivíduo humano, que nasce e se desenvolve numa determinada sociedade. É nesse sentido que as condições criam o indivíduo.

O jovem e o adulto da EJA são exemplos do que foi exposto, porque, ao relatar suas histórias de vida, já estão inseridos na sua classe social, em sua família, não têm conhecimento adquirido da realidade. Assim, “a classe aparece como uma coisa em si e por si e da qual o indivíduo se converte numa parte, quer queira, quer não” (Chauí, *op. cit.*, P. 72). Narram suas autobiografias de forma natural, não “como um fato bruto que os domina” (Chauí, *op. cit.*, p. 73). A forma de relatar as condições de existência é tão espontânea que nem se constrangeram ao falar dos percalços e das necessidades que precisavam ser satisfeitas, caso contrário à existência estaria em risco.

Ao relatar suas relações familiares, em meio às condições reais de existência, fizeram uma representação ideológica da sua própria classe social, porque “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, como bem afirma Althusser (2007, p. 85). Explicam os acontecimentos históricos de forma invertida, porque partem do *fim*, do

momento presente, para explicar os eventos familiares passados “fazendo-os aparecer como as razões da história” (Chauí, *op. cit.*, p. 78). A vida é relatada como aparece na consciência do jovem e do adulto e essa “aparência social não é algo falso e errado, mas é o modo como o processo social aparece para a consciência direta dos homens”, reitera Chauí (*op. cit.*, p. 94). A história de vida relatada é tão precária, sem recursos financeiros, que precisa passar por um processo de transformação, porque as necessidades precisam ser satisfeitas. Essa transformação, de acordo com a consciência do jovem e do adulto, vem por meio do trabalho e é este que “dignifica o homem” e pode prover os bens materiais que o jovem e o adulto tanto precisam para mudar a própria história e, na opinião deles, a educação poderá qualificá-los melhor.

Como a ideologia se materializa no discurso, os relatos autobiográficos produzidos pelos jovens e adultos da EJA, são discursos que apresentam os enunciados dos alunos, trazem suas marcas sociais e ideológicas, sentimentos de famílias pobres e desestruturadas. Chauí (*op. cit.*, 2007, p. 109), de forma oportuna, assim se expressa sobre a ideologia:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social (...).

Assim, esta pesquisa busca desvelar o que não está aparente nos discursos autobiográficos (conteúdos e continentes). Como o relator das autobiografias transforma-se em um enunciador que produziu um discurso em uma dada situação, em um contexto determinado, efetuam-se, por meio desse discurso, deduções lógicas, procurando investigar quais os efeitos causados que

resultarão em indicadores quantitativos e/ou qualitativos. Busca-se, no discurso, as marcas ideológicas.

Para análise do conteúdo do *corpus*, traçam-se, segundo Bardin (2011) as seguintes categorias:

1. Razões econômicas

Para a Constituição Federal¹⁵, a família, união estável entre o homem e a mulher, formada pelos pais e seus descendentes é base da sociedade e o Estado deve protegê-la, assegurando assistência a todos os membros que a integram. Descumpridos esses dispositivos, as famílias brasileiras ficaram à mercê de si mesmas, empobreceram, modificando sua estrutura e os cônjuges alteraram os seus papéis. O artigo 227 preceitua:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Houve uma defasagem salarial, as famílias foram diminuindo seu poder aquisitivo. O salário mínimo, para o chefe de família, que conforme a Constituição Federal¹⁶ deveria ser “capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social” é insuficiente para cobrir todas as despesas. Instala-se a precariedade. Marx (1998, p. 54), filósofo e revolucionário alemão, em uma de suas críticas ao capitalismo, afirma que “A burguesia despedaçou o véu de sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações de dinheiro”. Quando as necessidades básicas não são supridas, instala-se a insegurança, gerando um caos familiar. Segundo Marx (1998), o proletário não tem propriedade em seu nome. Marx continua: “A classe de operários modernos, que só vivem com a condição de achar trabalho e que não encontram trabalho senão quando este cresce o capital” (*op. cit.*, p. 58). Os relatos são claros quando destacam a pobreza

¹⁵ Constituição da República Federativa do Brasil, artigo 226.

¹⁶ Constituição da República Federativa do Brasil, artigo 7º, alínea IV.

generalizada, criando situação de miséria e por questões financeiras a criança, o adolescente, o jovem e até mesmo a mulher vão para o mercado de trabalho mais cedo e Carvalho (1997, p. 14) diz que “A mulher tem tido significativo papel no mundo do trabalho, e o adolescente ingressa cada vez mais cedo no mercado, abandonando, precocemente, a escola para reforço da renda familiar”.

Pelos relatos analisados, fica claro que a condição financeira das famílias era precária. Apenas em um relato uma família possuía uma propriedade (fazenda), mas, pela má administração, perde-a. Com exceção dessa família, todas as outras não tinham casa própria. Evidencia-se que os problemas econômicos geraram outros problemas familiares. Famílias grandes, com filhos pequenos, em que apenas o pai era responsável pelo sustento da familiar. Por isso, os filhos mais velhos foram os mais sacrificados na medida em que deviam deixar a escola para trabalhar. Fica claro pelos exemplos a seguir que as razões econômicas fizeram com que muitas famílias passassem fome, com que as mães deixassem seus filhos menores com os mais velhos para trabalharem na roça e estes tivessem que largar os estudos para cuidar dos afazeres domésticos. Muitas famílias possuíam apenas um rádio de pilha, objeto de doação, nenhum outro eletrodoméstico havia em suas casas. Para não ficarem sem trabalhar, muitas mulheres foram trabalhar como domésticas, babás, homens foram para a construção civil trabalhar como pedreiros, recebendo muito pouco, tendo que largar os estudos. Sem condições financeiras para alugar uma casa, famílias tiveram que morar de favor ou em um barraco feito de latão, até mesmo em favela. Em um dos relatos, um dos alunos perde o irmão por desnutrição.

Passamos muita fome naquele local. [Excerto – Texto 1]

Nessa época minha mãe trabalhava na roça, ela colhia café e eu era responsável pela casa e por meus irmãos. Eu fazia de tudo, lavava, passava, cozinhava... [Excerto – Texto 3]

Minha mãe pegava cinco colheres e cada filho comia um pouco e ela mesmo não comia. [Excerto – Texto 4]

Em minha casa não possuíamos nenhum aparelho eletrodoméstico, não tínhamos geladeira, nem televisão.

Tínhamos apenas um rádio de pilha, que uma vizinha havia doado a meu pai. [Excerto – Texto 5]

Fiquei três meses sem trabalhar e depois consegui um emprego de doméstica na Avenida Santa Catarina. [Excerto – Texto 7]

Fomos morar na casa de alguns conhecidos, até meu pai comprar um terreno e construir. [Excerto – Texto 11]

Nós morávamos de favor na casa do meu cunhado [Excerto – Texto 12].

Minha mãe, como tinha esbanjado muito, começou a passar dificuldades e teve que vender a fazenda. [Excerto – Texto 14]

O barraco na verdade era de latão de alumínio, quando estava quente ninguém podia encostar, porque nós queimávamos e quando chovia escorria água. [Excerto – Texto 16]

Um irmão, mais novo do que eu, morreu de desnutrição e aquela doença que chamam de semioto. [Excerto – Texto 17]

Meu pai arranhou um emprego na construção civil. [Excerto – Texto 18].

Comecei a trabalhar como babá. [Excerto – Texto 20]

(...) comecei trabalhando como ajudante de pedreiro [Excerto - Texto 21].

2. Razões da migração

Um dos traços marcantes da história do Brasil, a partir da Revolução de 1930, segundo Sodré (1999), é o acelerado desenvolvimento do capitalismo, o que faz com que as relações entre burguesia e o proletariado desenvolvam-se de forma desigual. Sodré afirma que dos anos 1930 aos 1950 começam a surgir desigualdades entre as regiões brasileiras. Uma começa a se desenvolver em detrimento da estagnação de outra. Sodré destacada que:

A disparidade entre as áreas urbanas e as áreas rurais cresce; a desigualdade de desenvolvimento entre regiões do país reflete, em parte, tal disparidade; o desenvolvimento de umas se opera em prejuízo do de outras, que transferem às mais desenvolvidas a força de trabalho que as suas velhas estruturas marginalizam, enquanto se colocam como dependentes e consumidoras, semelhando colônias. (SODRÉ, 1999, p. 63).

Por meio dos relatos, nota-se isso. Dos 21 relatos autobiográficos, apenas três alunos são do Estado de São Paulo. Os outros estão divididos entre os Estados de Minas Gerais, Bahia, Paraná, Ceará, Pernambuco e Pará. Muitos foram os fatores que influenciaram os fluxos migratórios: as razões econômicas, a busca por melhores condições de vida, suprir necessidades básicas. Outros vêm para São Paulo para tomar conta dos filhos dos parentes. Pelos relatos, as famílias não tinham casa própria e viviam mudando para outras cidades. Em um caso específico, a perda de um filho fez com que a família se desgostasse com o lugar e por isso migrou para São Paulo. Marx diz que “a burguesia submeteu o campo à cidade (1998, p. 56). As autobiografias relatam os motivos pelos quais as famílias mudaram-se:

Morávamos em uma fazenda chamada Mandaguari e quando completei dez anos mudamos para outra fazenda chamada Boa Esperança (...). Ao completar treze anos mudamos para a cidade de Álvaro Carvalho. [Excerto – Texto 3]

Não tínhamos moradia, por isso fomos morar na residência de uma tia, fomos humilhados, até fome passamos, porque minha tia não nos ajudava financeiramente. [Excerto – Texto 5]

Certo dia, meu irmão Adilson, que era loiro, tinha olhos azuis e estava com três anos de idade, foi beber água, entretanto ele caiu no fundo do barril e morreu afogado. Meus pais ficaram desconsolados com o acontecido e resolveram morar em São Paulo. [Excerto – Texto 6]

Vim morar em São Paulo, com esta minha mãe adotiva, e cuidava das filhas dela e da casa. [Excerto – Texto 8]

Ao completar quinze anos vim para São Paulo morar com meu tio, pois este mandou me buscar lá na Bahia. [Excerto – Texto 10]

Decidi tentar vida melhor em São Paulo. [Excerto – Texto 12]

Cansado de trabalhar com doméstico, em Janeiro de 1993, procurei a minha irmã Lourdes que trabalhava em São Paulo. [Excerto – Texto 14]

[...] com dezessete anos vim morar em São Paulo na casa da minha tia Joanice. [Excerto – Texto 20]

Infere-se que muitas cidades, onde as famílias desses alunos moravam, não ofereciam condições mínimas para oferecer escola e emprego digno para todos.

3. Razões da evasão

A evasão escolar ocorreu em todos os casos. Com família grande, o pai sem um emprego fixo, alguns foram obrigados a deixar a escola para ajudar os pais na renda em casa; algumas alunas engravidaram muito cedo e foram obrigadas a largar a escola para cuidar do filho e do marido; e, em alguns casos, o próprio aluno foi obrigado a trabalhar para compor a renda familiar.

A. Trabalho fora para compor a renda:

O tempo foi passando e minha mãe me disse que eu não iria mais estudar, pois precisava trabalhar para ajudar em casa. Com doze anos de idade comecei a trabalhar. [Excerto – Texto 1]

Com quinze anos de idade deixei a escola para trabalhar e ajudar minha mãe. Eu era muito jovem para trabalhar e estudar, ou trabalhava ou estudava. [Excerto – Texto 5]

Meu pai veio a falecer quando eu estava com onze anos de idade e sofremos muito. Com quinze anos consegui meu primeiro emprego com carteira assinada, em um laboratório e por isso saí da escola. [Excerto – Texto 11]

B. Trabalhar para ajudar os pais na roça:

Estudar que era bom estudei muito pouco, pois o interesse dos meus pais era que os filhos trabalhassem na roça (...). [Excerto – Texto 10]

Comecei a trabalhar muito cedo, na agricultura e na pecuária, por isso não tive oportunidade de estudar. [Excerto – Texto 21]

C. Casamento precoce:

Começamos então a namorar e após um ano e alguns meses fiquei grávida. [Excerto – Texto 7]

Começamos a namorar e logo avançamos o sinal, e assim engravidei, foi uma fase muito difícil para mim, pois meu pai me pôs para fora de casa e minha mãe não pode fazer nada [Excerto – Texto 9]

Foi então que fiquei grávida. [Excerto – Texto 13]

Com dezesseis anos engravidei e após dois meses eu não conseguia olhar pra ele. [Excerto – Texto 16]

4. Razões familiares

Nas autobiografias, os alunos deixam transparecer as dificuldades do relacionamento familiar. Em grande parte dos relatos o pai não se relacionava nem com a mãe e nem com os filhos. Não havia afetividade, demonstrações de carinho dentro da família. Pelo contrário, em alguns casos o pai bebia, não trabalhava, maltratava a esposa e os filhos. Em outros casos, algumas alunas que se casaram muito cedo separaram-se de seus cônjuges e casaram-se novamente, também não dando certo o segundo relacionamento.

(...) meu pai não trabalhava mais, só bebia e ficava pescando na represa. [Excerto – Texto 1]

Meu pai voltou a beber e começou a ficar violento. Por qualquer motivo agredia a minha mãe. [Excerto – Texto 1]

Meu pai bebia muito e ele é daquele tipo que gostava de beber e ficar caído no chão. Com meu pai não podíamos contar, pois ele só viva bêbado. [Excerto – Texto 2]

(...) meu pai era muito machista e não deixava minha mãe trabalhar fora. Ele tinha um enorme defeito, bebia demais e em consequência disto ele maltratava muito minha mãe. [Excerto – Texto 4]

Meu pai veio a falecer quando eu tinha onze anos de idade e sofremos muito. Com dezessete anos minha mãe faleceu. [Excerto – Texto – 11]

Em 1982 conheci um rapaz e começamos a namorar. Foi então que fiquei grávida. Foi então que percebi que estava sozinha e nunca mais o vi. Então fui morar sozinha e um ano depois conheci o Miro, parecia um homem bom... Voltamos a nos separar. Fui morar com uma irmã em São Paulo. Cinco meses depois conheci o Antônio e resolvemos morar juntos. [Excerto – Texto 13]

*(...) meus pais se separaram, levei um choque imenso (...). Eu me revoltei ainda mais, comecei a fazer coisa ainda piores, abandonei a escola, passei perto da morte quatro vezes (...)
[Excerto - Texto - 19]*

As relações familiares prejudicaram a escolarização, pois os pais, não tendo a cultura escolar, não podiam comunicar a necessidade de uma boa educação aos filhos e, vivendo uma situação social desprivilegiada, não podiam dar melhores condições de vida aos seus.

CONCLUSÃO

A proposta precípua desta pesquisa foi comprovar a necessidade de se conhecer o perfil do aluno da EJA com o propósito de auxiliar o professor em sua tarefa didático-pedagógica, fornecendo-lhe referenciais para uma ação docente eficaz. Seus relatos autobiográficos mostraram-se uma ferramenta eficaz para atingir esse objetivo.

Esta pesquisa partiu da necessidade de aprofundar os conhecimentos que o pesquisador, professor da EJA, tinha dos seus alunos para que os objetivos da EJA em relação aos alunos fossem eficazmente atingidos.

A EJA, segmento específico da educação básica, é destinada a jovens acima de 20 anos, que por falta de condições socioeconômicas ingressaram no campo de trabalho na infância para auxiliarem os pais com as despesas da família; outros se casaram muito cedo, abandonando os estudos para cuidar do marido e dos filhos. As famílias desses jovens e adultos, fato constatado pelos relatos, viviam em míseras condições econômicas; o pai possuía um emprego com um ínfimo salário, a moradia não era digna, todos carentes das necessidades básicas e os pais pouco podiam fazer para oferecer aos filhos um estudo qualificado, sendo que eles mesmos não tiveram a oportunidade de estudarem também.

Todos os acontecimentos que se passaram na vida dos alunos da EJA são desconhecidos pelo professor, são desprezados e não são levados em conta. Quando o jovem e o adulto adentram a sala de aula sua história de vida é desconhecida pelo professor, por isso eles são tratados como alunos regulares e seus conhecimentos cotidianos e sensíveis não são levados em conta no ensino-aprendizagem. Esses conhecimentos construídos fora da escola devem ser valorizados e estimulados pelo professor e servem como ponto de partida para o ensino.

Um fator relevante para o professor, que deve ser levado em consideração, é a maneira como o jovem e o adulto da EJA enxergam o mundo a partir das experiências que adquiriram no mundo do trabalho e por meio dos

relacionamentos familiares. Além disso, os percalços e os conflitos familiares desenvolveram nos alunos uma consciência da necessidade do estudo.

Esta dissertação desenvolveu-se em etapas. A primeira delas tratou da definição da educação de jovens e adultos, dando suas características e sua importância. Há muitas divergências no conceito de educação de jovens e adultos, o que gera confusão nos meios educativos. As autobiografias estão de acordo com essa modalidade de ensino, pois todas elas tratam de jovens e adultos que foram privados ao acesso ou da continuidade dos estudos. Comprovou-se, por meio dos relatos, a difícil realidade, os traumas familiares e como o trabalho surgiu para suprir a necessidade de compor a renda da família e até mesmo sustentá-la em sua totalidade. Na verdade, as autobiografias acabaram se tornando um testemunho da veracidade da situação vivida pelo jovem e adulto, porque foi por meio delas que se pôde saber de detalhes de que antes não se tinha conhecimento.

A investigação feita, que ora é exposta por esta pesquisa, não traz a lume apenas o testemunhal do jovem e do adulto, mas contempla períodos históricos da educação brasileira, comprovando a ineficácia do sistema de ensino, que desde o passado alija a população menos favorecida de uma educação de qualidade. O legado de uma educação deficiente transformou-se em um grave problema de injustiça social e torna-se injusto culpar os pais por não oferecerem uma boa educação aos seus filhos e eximir o governo de suas responsabilidades.

Assim, na segunda etapa, buscou-se um aparato histórico investigando-se ao longo dos anos como se desenvolveu o ensino da educação de jovens e adultos na história da educação brasileira. Ao estudar o Período Imperial foi possível constatar que a educação de jovens e adultos não tinha prioridade diante de um ensino elitizado e os investimentos foram para o ensino superior. A manutenção de uma educação aristocrática acentuou a exclusão, pois se têm conhecimento da existência de jovens e adultos no Período Imperial, porém sem condição financeira para custear os estudos.

A presença da família real realçou o domínio da burguesia, que delimitava a ação educativa, por isso valorizava o ensino voltado para o pensamento e a cultura europeia. Com isso, não houve um plano de educação voltado para a realidade brasileira e que contemplasse as classes menos favorecidas, cuja demanda crescia. Os cursos de capacitação oferecidos aos operários e trabalhadores não surtiram o efeito esperado e a classe burguesa, que recebera a melhor educação, passou a ocupar os cargos administrativos e políticos, fazendo com que a massa popular, com pouca instrução, não tivesse voz, sendo esquecida. Começou-se a delinear o quadro de injustiça social que se instalou na sociedade brasileira e que perduraria décadas. Se a educação tinha um custo e como o negro, o escravo ou o livre, o indígena, o mestiço e as mulheres não possuíam recursos para custeá-la, iniciou-se a partir daí uma exclusão social. O deixar de investir na educação das pessoas menos favorecidas desencadeou, algo sem precedentes, gerações de pessoas iletradas, diminuindo as chances para melhorar as condições de vida por meio dos estudos, porque o problema da educação não foi tratado no seu nascedouro.

Proclamou-se a República e a manutenção de uma educação que se restringia à classe privilegiada persistia, pois a herança de uma malograda educação dos períodos anteriores não foi retificada, pelo contrário, agravou-se na medida em que a agricultura declinou e, conseqüentemente, enfraqueceu-se a zona rural aumentando a população das cidades e a comercialização, culminando em um aumento da demanda escolar. Assim, a construção de novas escolas não foi suficiente. O contingente de analfabetos adultos aumentou, pois não se cogitou sobre a possibilidade de prover ensino para esse segmento. Houve campanhas para a erradicação do analfabetismo, cujo alvo principal eram as crianças. A classe pobre nada podia fazer por si mesma, pois dependia das leis e das reformas do ensino, por isso estava fadada ao fracasso escolar. A classe privilegiada, que decidia os rumos da educação, por possuir recursos financeiros, custeava os estudos dos próprios filhos, não dependia das leis, por isso essa classe mantinha-se no poder alheia aos interesses dos menos favorecidos.

As mudanças ocorridas na economia a partir da década de 1930, passando-se de uma economia cafeeira para uma comercial e industrial, não geraram resultados melhores, porque o país não dispunha de pessoas bem instruídas e qualificadas para levar adiante as transformações e oferecer sustentabilidade ao novo panorama econômico. Diante disso, a educação ganhou importância, não para se atingir uma sociedade com conhecimento, letrada e com boa instrução, mas para propiciar mão de obra à promissora industrialização. O Brasil iniciou uma nova fase, completamente despreparado, sem que houvesse qualquer tipo de planejamento. Tornou-se tarefa imperiosa, tardia e de extrema urgência a alfabetização. A industrialização e o capitalismo adentraram o país de chofre, mudaram os rumos da nação, criando-se leis para o avanço educacional. Em 1940, havia 55% de analfabetos na faixa etária dos acima dos 18 anos, não havia um currículo para educação de jovens e adultos e a utilização da didática infantil não trouxe os resultados esperados. Houve uma infinidade de campanhas para a erradicação do analfabetismo. Todas as campanhas foram infrutíferas, pois a quantidade de pessoas analfabetas era extensa e o governo perdeu o controle. Nenhuma estratégia deu os resultados esperados, porque a defasagem entre pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas era grande.

Quando surgiu Paulo Freire com um método sistemático de educação de jovens e adultos, com bons auspícios para uma linha progressista na educação, aconteceu o golpe militar de 1964, frustrando-se as tentativas de uma visão educativa libertadora e específica para jovens e adultos. Houve uma manobra política e a criação do MOBRAL; longe de ser um projeto alfabetizador, tornou-se alienante, desvinculado da realidade, moldando a mente dos incautos para manter a ordem e dar consistência ao governo militar.

Em termos educativos a ditadura militar foi um grande retrocesso, uma vez que o ensino visava à coerção social e a coibir todos os movimentos populares. O ensino supletivo foi muito oportuno para os militares, porque o governo soube utilizar o ensino de jovens e adultos para alcançar seus objetivos, atrelando a necessidade da educação aos seus próprios interesses: a educação seria usada para coagir, manipular as pessoas, manter a ordem e incutir nas mentes

de jovens e adultos submissos o desejo de ascender socialmente. O MOBRAL tornou-se um grande engodo e a razão disso era a não utilização de uma educação que conscientizasse a população, pelo contrário, limitava o povo a permanecer no seu pequeno espaço.

A partir da década de 1970 tratou-se a alfabetização por meio de campanhas, em que o governo utilizava ações e esforços para erradicar por completo o analfabetismo. Foram campanhas, participações em congressos internacionais, criação de planos decenais e projetos, leis de diretrizes, encontros regionais, etc.

Na terceira etapa, esta pesquisa retratou a memória e a identidade dos alunos, destacando em suas recordações como suas identidades foram construídas. O gênero autobiográfico como *corpus* desta pesquisa correspondeu às expectativas na medida em que foi possível conhecer o aluno por meio dos seus próprios relatos, suas origens e todo o seu caminho percorrido até o retorno à escola. Por meio das autobiografias o aluno reviveu o passado, reavaliou o conhecimento que ele tinha a respeito de si, revelou sua própria consciência e sua personalidade ao selecionar, para relatar, suas experiências que considerou importantes para aqueles que leriam suas autobiografias.

As autobiografias foram um exercício em que os alunos utilizaram a memória para recordar o passado e essa recordação deu sentido à realidade, uma nova visão de si e do mundo e as lembranças que tinham que consideravam negativas tornaram-se mecanismos que auxiliaram na transformação do caráter e na visão que eles tinham de si e da suas vidas. De posse agora do estudo, do conhecimento que conscientiza e liberta o homem, o aluno da EJA renova o conhecimento que tinha de si e suas experiências deixaram de ser negativas para fazerem parte do aprendizado que o tornou mais forte e capaz de transformar sua própria vida.

Cada jovem e adulto teve a oportunidade de relatar os acontecimentos de sua vida, seus fatos marcantes, suas lembranças pessoais. A memória é coletiva e os fatos narrados se deram em uma coletividade e, inconscientemente, fizeram exposição de fatos de que não participaram, mas que foram transmitidos por

aqueles que os presenciaram, porque as lembranças permanecem coletivas, harmonizam-se e identificam-se com as lembranças do grupo.

Apesar de alguns estudos pós-modernos acreditarem na desvinculação dos referenciais históricos, fica realmente comprovado que a memória assinala os contornos da nossa existência e é por meio dela que sustentamos e desenvolvemos a nossa identidade. Nossas experiências do passado auxiliam as nossas escolhas no presente e determinam as escolhas do futuro. Se o aluno da EJA não der importância ao caminho que trilhou, como poderá chegar a ser quem ele deseja ser? A memória tornou-se imprescindível para jovens e adultos firmarem-se e se estabelecerem enquanto pessoas.

As memórias coletiva, autobiográfica e histórica constroem-se simultaneamente, pois vivemos um momento particular, mas que existe dentro do tempo histórico e ao mesmo tempo coletivo. Acontecimentos históricos marcam a coletividade, que é formada por indivíduos, e é por isso que muitas vezes as memórias de acontecimentos que envolveram uma família, às vezes não muito claras para as crianças, podem ser auxiliadas pelas recordações daqueles que eram adultos na época em que os fatos ocorreram e que podem ter acontecido por influência de acontecimentos históricos. Haja vista a ditadura militar, fato histórico que determinou o comportamento coletivo e individual, por meio da repressão, coerção e até mesmo da educação. As recordações sociais são registradas e contadas sob o ponto de vista histórico. Com filmes, livros, relatos e músicas sabemos do coletivo. Mas o individual sabe-se por meio das autobiografias e são estas que mostraram o indivíduo, jovem e adulto, da EJA de forma fragmentada, incompleta e como um autêntico sujeito pós-moderno, fruto das mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais ocorridas no Brasil.

As autobiografias, momento em que os alunos se deram a conhecer, privilegiam as relações sociais familiares, a memória, as mudanças que se passaram em suas vidas e, por conseguinte, o aluno mostra sua identidade e sua posição perante os acontecimentos familiares. Não houve solidez nas

relações sociais, tampouco os alunos permaneceram os mesmos, o que fica claro pelos relatos e por meio da imagem construída de si.

Na quarta etapa, na análise do *corpus*, tem-se de forma concreta o resultado de tudo aquilo que o aluno da EJA interiorizou ao longo dos anos. As quatro razões apresentadas – a econômica, a migração, a evasão e as familiares –, descrevem perfeitamente as fases da vida desse jovem e adulto. A razão econômica mostrou que a condição financeira deixou a família insegura, desestabilizada, sem recursos para garantir as necessidades básicas e, além disso, como o pai não ganhava o suficiente para sustentar a família houve a necessidade de os filhos abandonarem a escola para ingressarem no mercado de trabalho (ainda que informal). Como a família vivia em uma cidade que não oferecia grandes oportunidades, a solução encontrada foi a migração para uma cidade em que havia boas perspectivas de emprego: São Paulo.

O ser humano tem sempre boas expectativas e idealiza as fases da vida que acha que terá, isso é algo que lhe é inerente. Contudo, muitos são surpreendidos com situações que se apresentam e sobre as quais não se pode ter nenhum controle, mas que de alguma forma exercem domínio sobre a própria vontade e alteram todos os planos.

As razões descritas acima atingem a sociedade e não o indivíduo particularmente e essas situações fugiram ao controle, as famílias não puderam superá-las, gerando atitudes indesejáveis, porém necessárias para a sobrevivência familiar.

Quando os problemas econômicos atingem um país, geram efeitos catastróficos que se evidenciam na classe mais pobre. Muitos chefes de família procuram resolver esse problema procurando um lugar onde terão mais oportunidades e dá-se, assim, a migração, e para ajudar a sobrevivência familiar é necessário recorrer ao auxílio dos filhos, principalmente dos mais velhos; daí surge a evasão, pois o filho mais velho vai trabalhar ou, quando é mulher, fica cuidando da casa e assume o lugar da mãe que foi trabalhar. Quando nenhuma dessas ações resolve os problemas familiares, o chefe de família, frustrado por não conseguir atingir a vida que havia idealizado para si e

para seus filhos, sente-se fracassado, culpam-se, alguns abandonam seu lar, pois acreditam que o fracasso que se abateu sobre sua família é responsabilidade dele. Poucos chefes de família têm consciência de que o estado de miséria social que se abateu sobre a sociedade e atingiu frontalmente suas famílias foi ocasionado por má administração pública e que, eles mesmos, como adultos que não tiveram acesso à educação formal, foram desde sempre vítimas desse descaso histórico com as classes populares brasileiras.

A EJA proporciona a chance de os jovens e adultos vitimados pelos acontecimentos sócio-políticos do passado se apropriarem do conhecimento necessário para tornarem-se cidadãos eficazmente participativos na sociedade na qual estão inseridos. Sugere-se, então, ao professor da EJA lançar mão da importante ferramenta que são os relatos autobiográficos de seus alunos, usando-os como alicerce que o norteará no conhecimento de seu alunado e em sua tarefa didático-pedagógica. Muito mais do que isso, em sua tarefa de realizar sonhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ACHARD, Pierre (org.). **Papel da Memória**. 3ª ed. São Paulo, Pontes, 2010.
02. ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**, São Paulo, Graal, 2007.
03. ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e do Brasil**, 3ª ed. São Paulo, Moderna, 2006.
04. BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, São Paulo, Hucitec, 2010.
05. BARBOSA, Marialva & RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. Rio de Janeiro, 2005 – Comunicação e Sociedade – site acessado em 15/02/2012.
06. BARDIN, Lawrence. **Análise do Conteúdo**. São Paulo. Edições 70. 2011.
07. BARROS, Mariana Luz Pessoa. **Arquitetura das Memórias**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2006.
08. BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
09. BICCAS, Maurilane, Souza; FREITAS, Marcos Cezar, **História Social da Educação no Brasil (1926-1996)**, São Paulo, Cortez, 2009.
- 10 BRANDÃO, Carlos Fonseca, **LDB Passo a Passo**, 2ª ed. São Paulo, Avercamp, 2003.
11. BRANDÃO. Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**, São Paulo, Unicamp, 2005.
12. CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2011.
13. CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.) **A família contemporânea em debate**. São Paulo, Cortez, 1997.
14. CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**, São Paulo, Brasiliense, 1987.
15. CONNELL, R.W. Pobreza e Educação. In: Gentili Pablo (org.) **Pedagogia da Exclusão – Crítica ao Neoliberalismo na Educação**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2.000.
16. DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Rio de Janeiro, Vozes, 2011.
17. ENNE, Ana Lucia. - XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande, INTERCOM 2001.

18. FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília. Editora da UNB, 2001.
19. FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias**. São Paulo, Claraluz, 2008.
20. FIORIN, José Luiz, **Linguagem e Ideologia**. São Paulo, Ática, 1990.
21. _____, **Introdução ao pensamento de Bakhtin**, São Paulo, Ática, 2008.
22. FLECHA, Ramón e TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: **A educação no século XXI**, F. Imberón (org.) Porto Alegre, Artmed, 2000.
23. FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. 5ª ed. São Paulo. Cortez, 2001.
24. _____ **Educação e Mudança**. São Paulo, Paz e Terra. 1991.
25. _____ **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo, Paz e Terra, 2002, 26ª ed.
26. _____ **Conscientização**. São Paulo, Moraes Ltda. 1980.
27. FRIGOTTO, Gaudêncio. A educação e a formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In SILVA, Luiz Heron (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.
28. GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e Proposta**. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
29. _____ **O MOVA-SP – Parceria entre Estado e Movimentos Populares**, São Paulo in: www.paulofreire.org.br – acesso em 25 de março de 2011.
30. GHIRALDELLI, Paulo, **Introdução à Ed. Escolar Brasileira: História, Política e Filosofia da Educação**, www.miniweb.com.br/educadores/artigos/pdf/introdu-educ-bra.pdf (acesso em 25/03/2011).
31. GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
32. _____ **As consequências da Modernidade**, São Paulo, UNESP, 1991.

33. Revista Brasileira de Educação HADDAD, Sérgio, PIERRO, Maria Clara Di. **Escolarização de Jovens e Adultos**. São Paulo, n.14, p. 108-130, maio/ago. 2000.
34. HADDAD, Sérgio **Tendências Atuais na Educação de Jovens e Adultos**, Brasília, ano 11, nº 56, out/dez. 1992.
35. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro, 2006.
36. HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª ed. São Paulo, DP& A, 2006.
37. HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro. Aeroplano Editora e Consultoria Ltda., 2004.
38. KARL Marx e Friedrich Engels: **Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro, Garamond, 1998.
39. MAINGUENEAU, Dominique, **Termos Chaves da Análise do Discurso**. Belo Horizonte, UFMG, 2006.
40. MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**. São Paulo, Loyola, 1999.
- NORA, Pierre, **Entre memória e história – A problemática dos lugares**. São Paulo, Projeto História, EDUC-SP, 1985.
41. Revista Brasileira de Educação OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**, São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPED), n. 12, p. 59-73, 1999.
42. PAIVA, José Maria, Educação Jesuítica no Brasil Colônia, in: **500 Anos de Educação no Brasil**, 4ª ed. Minas Gerais, Autêntica, 2010.
43. PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil – Educação Popular e Educação de Adultos**. 6ª ed. São Paulo, Loyola, 2003.
44. PÊCHEUX, M. e FUCHS C. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas* in: **Por uma análise automática do discurso**, 3ª ed. São Paulo, Unicamp 1997.
45. Estudos Históricos POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social*, in:, 5, v. 2, nº 03, Rio de Janeiro, 1989. www.ebah.com.br/content/.../memoria-identidade-social - Consulta ao site em 28/02/2012.
46. PRADO, Maria Elizabete Sampaio e outros. **História da Educação: a escola no Brasil**, São Paulo, FTD, 1994.

47. RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da Educação Brasileira – A Organização Escolar**, 20ª ed. São Paulo, Autores Associados, 2007.
48. RIBEIRO, Vera Lucia Masagão. **Educação para Jovens e Adultos**. 3ª ed. São Paulo/Brasília, MEC, 2001.
49. ROCHA, Mara Aparecida dos Santos, A educação pública antes da Independência in: Cadernos de Formação – **História da Educação**, 3ª ed. São Paulo, UNESP, 2005.
50. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, **História da Educação no Brasil**. 36ª ed. São Paulo, Vozes, 2010.
51. SANT'ANNA, Sita M. L. **A Educação de Jovens e Adultos: uma perspectiva histórica**: www.pead.faced.ufrgs.br/.../contextualizacao_historica_da_EJA_sit... Acesso em 25/03/2011.
52. SANTOS, Myrian Sepúlveda, **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo, Annablume, 2003.
53. SANTOS, José C. & Sílvio S. GAMBOA. **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**, 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2009.
54. SAVIANI, Demerval. **Educação – Do Senso Comum à Consciência Filosófica**. 14ª ed. São Paulo, Autores Associados 1980.
55. SVELI, E. L. “Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação”. In: *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR, v.1, n.1, p.94-105, jan.-jun 2006.
56. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ - **Diretrizes Curriculares da Educação de jovens e adultos**. Curitiba, 2006.
57. SILVA, Ani Martins da Silva, **Construção da excelência escolar – desempenho de universitários oriundos de ensino supletivo**. São Paulo, Educ, 2009.
58. SILVA, Tomaz Tadeu da, *A escola cidadã no contexto da globalização: uma introdução*. In SILVA, L. H. (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.
59. SILVA, Tomaz Tadeu, **A identidade e diferença: impertinências**. São Paulo, Educação e Sociedade, ano XVIII, nº 79, agosto/2002.

60. SODRÉ, Nelson Werneck, **Síntese de História da Cultura Brasileira**, 19ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
61. TEIXEIRA, Wagner da Silva, **Educação em Tempos de luta: história dos movimentos de educação e cultura popular (1958-1964)**. 2008. 228 p. (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
62. VIEIRA, Álvaro. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.
63. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. 9ª ed. São Paulo, Vozes, 2009.

ANEXOS

Anexo 1 - Texto 01

Projeto ler e escrever- Autobiografias- EJA E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Nasci na Capital de São Paulo, ali bem perto de onde hoje tem a estátua do Borba Gato.

Naquele tempo não havia ainda aquela estátua, nem aquelas avenidas, eram ruas pequenas, estreitas, onde passava o bonde. Era muito bonito, tinha um arvoredo muito grande e não havia todo aquele trânsito que hoje existe lá.

Nossa casa era uma casa pequena, mas confortável, tinha um quintal bem grande, com bastante bananeiras, tínhamos muito espaço para brincar.

Certo dia ao acordar, eu vi a madrinha da minha irmã escolhendo no guarda-roupa, algumas peças de roupas e dizia para minha mãe que iriam levar minha irmã rapidamente para o hospital. Nunca mais vi minha irmãzinha.

Alguns dias depois, minha mãe pegou-me pela mão e foi andando muito depressa e me dizia para ir rápido, senão não daria tempo. Ao chegarmos em um lugar, minha mãe fez um sinal para um cano parar e o motorista desceu e meu pai estava com ele. Eles foram para os fundos do carro, de onde retiraram um caixão pequeno e branco. Minha mãe chorava e eu não entendia o porquê. Somente anos mais tarde é que fui saber que era o corpo de minha irmã que estava ali para ser sepultado.

Alguns dias se passaram e estávamos brincando no quintal, quando um homem vestido de branco entrou, com uma pequena maleta preta na mão e foi direto para dentro de minha casa e eu o segui, mas minha avó me pediu que eu continuasse brincando. Eu não entendia o que estava acontecendo, pois minha mãe não se levantou aquela manhã e nem sequer foi até o quintal.

Algumas horas se passaram e minha avó saiu de dentro de casa com uma bacia, havia alguma coisa que ela não me deixou ver, então ela jogou o conteúdo daquela bacia dentro de um buraco. Em seguida chamou-nos para conhecer o nosso irmãozinho que acabara de nascer.

Era um menino muito branco, de olhos azuis e que chorava muito e minha mãe tentava fazê-lo parar de chorar.

Nossa vida ali naquele lugar era muito boa, minha mãe pintava tecidos e pendurava nos varais para secar. Era muito bonito ver aqueles tecidos sendo balançados pelo vento. Havia várias figuras de peixes, borboletas, etc, e quando o vento batia pareciam se mexer.

Minha avó cozinhava em um fogão a lenha, sempre tinha comida e café bem quentinhos. Meu pai trabalhava, mas infelizmente bebia muito. Ganhava bem, mas gastava com bebidas e esse era o motivo de muitas brigas.

Os patrões de minha mãe eram alemães e foram muito bons conosco. Eles nos davam tecidos e a madrinha Regina fazia lindos vestidos para nós.

Em um de meus aniversários a patroa da minha mãe me deu de presente uma boneca alemã, ela era linda.

Nossa vida ia transcorrendo bem, até o dia em que um caminhão parou em frente ao nosso portão e meus pais começaram a carregar nossas coisas e colocar dentro daquele caminhão. Entramos também e fomos levados para muito longe dali.

Ao chegarmos ao nosso destino já era noite e eu fiquei muito assustada, aquele lugar era feio e muito escuro, minha mãe acendeu um lampião e aos poucos começamos a ver a casa. Ela era muito grande, feita de pau-a-pique, minha mãe logo arrumou um lugar e nos colocou para dormir.

No dia seguinte acordamos muito cedo, então vimos que aquele lugar não era tão feio como parecia na noite anterior, ao contrário era bastante bonito. Tinha muitos pássaros, animais, bichos, era realmente lindo. Tinha um lago onde vários marrecos e patos nadavam. Havia árvores frutíferas, mas não podíamos mexer nas frutas, pois era ordem do patrão. Lá era maravilhoso para se morar, porém não havia comida e tudo o que meus pais levaram já tinha acabado e não havia um local para se comprar alimentos. Minha mãe reclamava, mas meu pai não tinha dinheiro. Meu pai dizia a minha mãe que o Doutor Valente logo viria trazer o pagamento. Passamos muita fome naquele local, embora o local fosse repleto de frutas, não podíamos tocar nelas.

Minha mãe saía e quando retomava trazia algumas batatas doces, que cozinhava e dava para nós comermos. O sofrimento era muito grande.

Certa madrugada, minha mãe nos acordou e pediu para que trocássemos de roupas, estava muito escuro e nós saímos andando pelo meio do mato. Andamos durante o dia todo e quando anoiteceu minha mãe arrumou um lugar embaixo de uma árvore e ali dormimos. Eu não sabia o quê estava acontecendo, só sabia que estávamos fugindo.

Andamos novamente pelo mato e muito tempo depois chegamos em uma estrada onde pegamos um ônibus e fomos para casa de minha tia, e lá ficamos parados na porta, enquanto minha tia abraçava a minha mãe e as duas choravam muito.

Depois deste episódio fomos morar bem perto da represa do Guarapiranga. Lá tudo era muito bonito, mas sofremos muito, pois meu pai já não trabalhava mais, só bebia e ficava pescando na represa.

Certo dia ele me pegou, segurou-me pelos pés e me enfiou de cabeça para baixo dentro do rio. Eu tentava respirar, mas não conseguia, quase morri afogada. Se não fosse um homem me tirar, teria morrido. Meu pai me disse que era uma simpatia para que eu me curasse da bronquite, fiquei com pena do meu pai.

Ficamos neste local até o nascimento da minha próxima irmã. Parecia incrível, quanto mais sofriamos; mais irmãos nasciam. Minha mãe teve treze filhos.

Minha mãe sempre trabalhou e comprou um terreno no Jardim São Luís. Nesta época meu pai havia parado de beber e nós nos mudamos para lá e quem construiu a nossa casa foi o meu próprio pai.

Não sei se foi por falta de experiência, mas a casa caiu e ficamos morando embaixo de uma parede coberta por' uma lona. O tempo foi passando e eu comecei a estudar. A escola era bem bonitinha e eu ia contente com minha saia azul e camisa branca.

O tempo foi passando e minha mãe me disse que eu não iria mais estudar, pois precisava trabalhar para ajudar em casa. Chorei muito e pedi para que ela me deixasse concluir a quarta série e ela permitiu. Foi nesta época que inauguraram a Escola do Jardim São Luís e todos nós fomos marchando, carregando as bandeiras do Brasil e de São Paulo. Foi uma festa muito bonita e até o governador veio na inauguração da escola.

Anexo 2 - TEXTO 02

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A. E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Minha história é um pouco sofrida. Vou começar a contar sobre meu pai.

Meu pai bebia muito e ele é daquele tipo que gostava de beber e ficar caído pelo chão. Ele não se contentava em beber pouco, bebia e quando chegava em casa, logo ia batendo em mim e em meus irmãos. Ele acordava de madrugada bagunçando, acordando todo mundo. Mandava eu esquentar comida para ele e se eu não fosse, apanhava. Meus irmãos ficavam muito assustados, principalmente meu irmão que é deficiente. Ele começava a gritar, chorar, ficava muito nervoso.

Eu me lembro como ainda se fosse hoje o dia em que meu irmão nasceu. Minha mãe engravidou dele e nessa época nós morávamos em um barraco, debaixo de pés de imensas árvores. Minha mãe começou a sentir as dores do parto e foi sozinha para o hospital, pois o meu pai estava em um bar, bebendo. Eu e meus irmãos ficamos em casa sozinhos, morrendo de medo. Meu pai chegou de madrugada, gritando e aterrorizando-nos, pois ele arrumava confusão nos bares e descontava nos filhos e na esposa, nós éramos todos pequenos e indefesos.

Minha mãe retomou do hospital e ele ficou dois dias sem beber, entretanto depois continuou na mesma vida, nem sequer respeitou o resguardo de minha mãe.

Onde morávamos não havia água e eu e minhas irmãs mais velhas, íamos buscar água com baldes. Minha mãe não podia ir, pois ela tinha que ficar com o bebê e com os meus três outros irmãos pequenos.

Com meu pai nós não podíamos contar, pois ele só vivia bêbado e onde nós íamos buscar água era muito longe. Tínhamos que subir uma ladeira grande.

Certo dia, eu e minha irmã fomos buscar água, ela foi na frente e eu atrás. Eu estava distraída, quando de repente fui atropelada por uma bicicleta. Acordei no hospital e por pouco não fiquei cega por causa da pancada.

Fiquei desesperada quando vi o meu rosto todo enfaixado e costurado, sem contar a dor que eu estava sentindo.

Sofremos muito, passamos por muitas necessidades. Quantas vezes eu e minha irmã tivemos que pedir ajuda em faróis, pois senão morreríamos de fome.

Certo dia, minha mãe foi levar meu irmão pequeno ao médico e ele ficou internado durante um mês. Ela não podia sair do hospital e nós passamos muitas necessidades, pois meu pai só vivia no bar e não tínhamos quem pudesse cuidar de nós e nos dar alimentação.

Então eu e minha irmã mais velha fomos até um farol, atravessamos um lado da avenida e ficamos no meio da faixa amarela. Minha irmã pôs o pé na avenida para atravessar e eu a puxei, mas já enrtde, pois um carro a atropelou. Ela caiu no chão, no meio da avenida e eu fiquei desesperada. Não sabia o que fazer. Arrastei-a até a calçada e corri até a minha casa para chamar a minha mãe. Ela estava saindo para ir até o hospital para ficar com o meu irmão que estava internado, tinha ido em casa apenas para trocar de roupas.

Assim que soube da história do atropelamento, minha mãe ficou doida. Na hora largou tudo e correu para ajudar a minha irmã. Chegando lá, minha irmã estava gritando e chorando de dor.

Minha mãe ficou desesperada, começou a chorar e eu não sabia o que fazer, então corri e fui chamar a ambulância.

Ao chegar no hospital os médicos disseram a minha mãe que iriam apenas enfaixar a perna da minha irmã e que ela poderia voltar para casa.

Ela então deixou minha irmã em casa e correu para o hospital para ficar com o meu irmão. Chegando lá, os médicos disseram que ele estava de alta e que também poderia voltar para casa.

Minha mãe chorou de felicidade, pois achava que talvez ele não sobrevivesse.

Após alguns dias, minha irmã mais nova ficou muito mal, ela começou a vomitar e estava com muita febre. Minha mãe novamente correu para o hospital, mas felizmente deram alguns medicamentos e ela voltou bem para casa.

Eu já não agüentava mais a vida que estava levando e com oito anos de idade resolvi sair de casa. Fui morar na casa de uma amiga e lá comecei a trabalhar. Mandava o dinheiro todos os meses para minha mãe, pois ela não podia contar com o dinheiro do meu pai, já que ele gastava tudo em bebida. Já com o meu dinheiro, ela podia comprar alimentos para ela e para meus irmãos e não precisavam pedir em faróis.

Hoje a maioria de nós já somos adultos. A minha irmã caçula está com oito anos e a mais velha com vinte e quatro anos e está casada.

Eu também já me casei, tenho um filho com um ano e quatro meses, sou evangélica e meu pai melhorou muito, pois não bebe tanto quanto antigamente.

Anexo 3 - TEXTO 03

Projeto ler e escrever- Autobiografias- EJA E.M.E.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Eu nasci no dia 19 de junho de 1980, às quatro horas da tarde, no Hospital e Maternidade São Maritano, na cidade de Garça, interior de São Paulo.

Fui registrada com o nome de Elaine Martins e foi minha mãe que escolheu, este nome. Na semana que nasci caiu uma geada tão forte na região que queimou todas as plantações de café.

Logo que fui para casa foram muitos parentes me conhecer. Minha tia Maria foi quem cuidou de mim enquanto minha mãe se recuperava é minha avó também ajudou, pois minha mãe não tinha experiência para cuidar de uma criança.

O tempo passou rápido, e com um ano e seis meses ganhei um irmão, que se chamou Pedro. Deste em dia em diante nunca mais fiquei sozinha, pois nos tomamos grandes amigos, crescemos juntos e não nos separávamos por nada.

Com cinco anos de vida ganhei outro irmão, o José Augusto e logo apelidamos de Zezé. Nós três crescemos livres, morávamos em uma fazenda chamada Mandaguari e quando eu estava com dez anos mudamos para outra fazenda chamada Boa Esperança. Nesta época minha mãe trabalhava na roça, ela colhia, café e eu era responsável pela casa e por meus irmãos. Eu fazia de tudo, lavava, assava, cozinhava e ainda ia para à escola; que ficava distante quatro quilômetros de minha casa.

Meus Irmãos também iam, estudávamos no mesmo horário. Era uma vida sofrida, pois quando voltávamos da escola, tínhamos que apartar vacas, para o meu pai tirar o leite no outro dia.

Nas férias era muito divertido, pois nós caçávamos passarinhos com estilingue, pescávamos, andávamos a cavalo e todo fim de tarde fazíamos uma parada no pomar antes de voltarmos para casa.

Ao completar treze anos nos mudamos para a cidade Álvaro de Carvalho e minha vida mudou totalmente, pois estava acostumada com a liberdade e me vi encarcerada dentro de casa. Meu pai não me deixava sair nem na porta casa e me tirou da escola. Dizia que mulher não' precisava estudar, pois para ficar coma barriga no fogão bastava saber ler e escrever.

Minha vida que até então era um paraíso, passou a ser um tormento. Minha sorte é que a vizinha teve um bebê e eu comecei a cuidar dele. Era um japonêsinho, o Carlinhos e ele foi o meu pretexto para sair de casa. Eu o levava ao parquinho, na missa e a qualquer evento que tivesse na cidade.

Um dia aconteceu um show de pagode ria cidade, minha prima Neide me convidou para irmos ao show e passou em casa para me buscar. Chegando lá um rapaz me chamou a atenção e começamos a nos olhar. Uma pessoa conhecida nos apresentou e conversamos muito naquela noite. Marcamos um encontro para o outro dia, em um campo de futebol, pois haveria um jogo na cidade.

Começamos então a namorar e durante seis meses vivi no paraíso, depois disto Dos separamos, pois meu pai não aceitou o nosso namoro e o rapaz foi embora da cidade.

Depois de um ano e meio conheci outro rapaz em um rodeio que estava acontecendo na cidade, seu nome era Jair. Namoramos durante um ano e três meses e nos casamos. E no mesmo dia do casamento vim morar em São Paulo, capital, pois ele morava aqui.

Fomos morar em dois cômodos, no fundo da casa do irmão dele e com o tempo eu já não agüentava mais de saudades da minha família e do Carlinhos, o menino que eu cuidava.

Íamos somente uma vez por ano para o interior, e eu não gostava de São Paulo, era muito difícil estar em uma cidade onde eu não conhecia ninguém, e que as pessoas viviam se metendo na minha vida, me importunavam por tudo, se eu acendia a luz, se eu acordava tarde, se eu comprava roupas, em tudo davam palpites.

Eu não tinha muito o que fazer, ficava o dia inteiro dentro de casa sozinha. Então engravidei e fiquei muito feliz, pois teria alguém para me fazer companhia. Comprei roupinhas, fiz muitos planos, mas um dia tudo acabou, pois comecei a sentir fortes dores, tive muita hemorragia, fui para o hospital e o médico me disse que eu estava abortando. Fiquei desesperada, não sabia o que fazer e novamente me vi sozinha, mais do que isto, desamparada. Não tinha ninguém para me ajudar, e o aborto foi inevitável. Perdi meu bebê, quando estava grávida de quase quatro meses.

Depois disto fiquei muito traumatizada e acabei entrando em depressão.

Passaram-se quatro anos, e engravidei novamente, mas desta vez foi um pouco diferente, apesar de ser uma gravidez de alto risco, e de ter que passar os nove meses em repouso, tudo acabou dando certo e minha filha Talyta nasceu no dia 12 de agosto de 2000, no Hospital e Maternidade Alvorada em Santo Amaro- SP.

Eu não cabia em mim de tanta felicidade, apesar de todos os obstáculos, ela estava ali, nos meus braços, linda e perfeita.

Depois do nascimento dela parecia que tudo estava melhorando, eu e meu marido compramos um terreno e tínhamos muitos planos e já não me importava mais com o que os outros falavam.

Dois anos depois começamos a construir, tudo ia muito bem, construímos dois cômodos, com banheiro e lavanderia e possuíamos um quintal bem grande. Tudo estava perfeito, mudamos para a nossa casa no dia dois de junho de 2004.

Porém como nem tudo é perfeito, o meu marido começou a trabalhar à noite e depois disso começou a mudar. Já não era mais o mesmo nem comigo e nem com a nossa filha. Ficou mau humorado, qualquer coisa era motivo para ele gritar, reclamar e até bater na Talyta. Foi então que tive uma conversa muito séria com ele, e disse a ele que se não houvesse melhora, iria me separar dele.

Ele melhorou por algum tempo, mas em outubro de 2005, ele cometeu o maior erro de sua vida. Era uma sexta-feira e como de costume eu me levantei às nove horas da manhã e ele não havia chegado do serviço. Fiquei preocupada, já imaginei o pior. Achei até que ele tinha sido assaltado, pois sempre chegava às sete horas. Eu não podia fazer nada, a não ser esperar. Esperei durante duas horas, duas longas horas, até que o telefone tocou. Eram onze e meia da manhã, atendi o telefone, e ele me disse que ainda iria demorar, pois havia pego uma carona com um amigo e este tinha atropelado uma pessoa e estavam na delegacia. Ele tinha que ficar, pois era testemunha.

Fiquei com pena dele, pois tinha trabalhado à noite toda e ainda teria que ficar por horas e horas em uma delegacia. Meu marido era acostumado a me ligar e sempre que ele se despedia eu desligava o telefone entretanto neste dia eu não desliguei, fiquei ouvindo. Parece até que eu estava desconfiando de alguma coisa. E comecei a ouvir risadas e pessoas falando alto, eram os amigos dele que diziam como é que ele podia mentir para a esposa daquela forma e ele também ria sem parar.

Fiquei paralisada, e não falei nada, fiquei apenas ouvindo. Eles zombavam de mim, me senti a pior pessoa da face da Terra, ofendida, magoada, traída e sem poder fazer nada. Fiquei ouvindo até ele desligar o telefone.

Quando ele chegou em casa, eu perguntei onde estava a cópia do Boletim de Ocorrência, já que ele tinha sido testemunha, teria que ter uma cópia. Na verdade eu não sabia se ele ficaria mesmo com uma cópia, mas ele também não sabia, então joguei verde e pode se dizer que colhi maduro.

Ele começou a se contradizer e eu falei o que tinha ouvido pelo telefone, e ele sem argumentos tentou me convencer de que eu não tinha ouvido nada, que aquilo tudo era imaginação, ele acabava que eu era burra, idiota e que iria cair naquela conversa.

Foi então que pedi a separação e ele me chamou de louca por três vezes. Ele entrou no banheiro e bateu a porta, eu troquei de roupas e peguei os documentos para entrar com o pedido de separação.

Ele voltou e me perguntou o que eu tinha ouvido realmente, e acabei falando.

Então ele me disse que um amigo estava fazendo aniversário e eles foram comemorar tomando cervejas em um bar.

Liguei para minha mãe e disse a ela o que estava acontecendo e ela me pediu para que eu fosse para o interior de São Paulo. Fiquei lá durante dois meses, mas acabei voltando por causa de minha filha. Fiquei com medo de perder a guarda dela, já que eu havia abandonado o lar.

Depois que voltei, ele começou a fazer tudo para me agradar e eu impus uma condição a ele, que eu só ficaria se pudesse voltar a estudar e ele concordou.

Eu quero terminar os meus estudos para que possa me tornar uma pessoa independente e feliz, por isso voltei a estudar no EJA.

Nesta autobiografia reconstitui o percurso de minha vida e ao relembrar experiências busco atribuir algum sentido a minha história.

Procuo entender o porquê de muitos acontecimentos. O que valeu a pena e o que foi em vão.

Quero que você que venha a ler esta autobiografia possa entender a importância de minhas experiências e desse modo compreender melhor as grandezas e limitações humanas.

Anexo 4 - TEXTO 04

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Nasci no dia 16 de julho de 1975, na cidade de Embu das Artes, na grande São Paulo.

Sou de uma família muito humilde. Meu pai, -----, nasceu em Salvador, capital da Bahia, era soteropolitano e minha mãe, Aparecida de Miranda Bastos, nasceu em São Paulo, capital.

Minha mãe casou-se muito cedo. Éramos uma família formada por cinco filhos, José, Sueli, Roseli, eu e Solange, a caçula.

Meu pai era cobrador de ônibus e minha mãe era do lar, pois meu pai era bastante machista e não deixava minha mãe trabalhar fora.

Ele tinha um enorme defeito, bebia demais e em consequência disto, ele maltratava muito minha mãe, e a nós todos também. Ficava violento e tínhamos que às vezes até dormir fora, nas casas de vizinhos. Tínhamos uma vida sacrificada, devido as bebedeiras de meu pai, mas tínhamos roupas, sapatos e alimentos com fartura, pois ele não deixava faltar nada em casa.

Quando completei meus 4 anos de idade, meu pai veio a falecer, vítima de uma violência ocorrida em um transporte coletivo. Segundo testemunhas, ele foi empurrado para fora do ônibus e nesse empurrão ele caiu e bateu a cabeça na guia, que deu seqüência a um traumatismo craniano. Então minha mãe ficou viúva com vinte e oito anos de idade e com cinco filhos, mas éramos uma família muito unida e minha mãe nos ensinou a respeitar os mais velhos e a sermos honestos e ter responsabilidade.

Com a morte de meu pai, nossa vida piorou, pois pagávamos aluguel e com a saída do caixão do meu pai de casa, tivemos que sair também.

Minha mãe enfrentou várias dificuldades para nos criar, pois éramos todos pequeninos, tínhamos de dois a oito anos de idade.

Moramos então em vários lugares de favor, para comer os vizinhos davam alguma coisa, porque minha mãe nunca havia trabalhado fora e não tinha experiência e nem carteira assinada. E naquele tempo a mulher era submissa ao homem, não é como hoje, que a mulher é mais ativa, independente e sabe resolver seus problemas, sem necessitar de um homem.

Minha mãe não sabia nada e conseguiu receber uma pensão do INPS, pelo falecimento do meu pai, graças a ajuda de uma vizinha. Ela nem sabia que tinha direito de receber, pois o meu pai trabalhava registrado como cobrador de ônibus. A família de minha mãe nem queria saber da gente, com medo de minha mãe pedir alguma ajuda.

Uma senhora chamada Iraci, que hoje já é falecida e que Deus a tenha em um bom lugar, com o pouco que tinha ela nos ajudava.

Ela trabalhava por dia e quando chegava à noite em casa, sempre fazia o jantar para sua família e nos mandava uma marmita.

Minha mãe pegava cinco colheres e cada filho comia um pouco e ela mesmo não comia.

Minha mãe em desespero foi a procura de um orfanato para nós, mas não conseguiu vaga. Foi até a FEBEM e lá ela conseguiu, entretanto minha mãe não tinha conhecido do que era a

FEBEM, achava que era uma escola, onde poderíamos ficar o dia todo. Lá eles solicitaram todos os documentos e no outro dia um carro da Instituição foi nos buscar.

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Estávamos felizes, pois iríamos para à escola, só que minha começou a chorar desesperada e sentou-se comigo e com minha irmã caçula e rasgou os papéis da FEBEM. Disse a nós que se tivéssemos de comer feijão, comeríamos todos juntos e se tivéssemos de comer pedras, também faríamos todos juntos, mas não iria se separar de nenhum de nós.

E não acabou por aí, porque minha mãe não tinha onde morar e nem o que comer e vestir, e meus tios só sabiam ofender e nunca ajudar.

Meu pai não havia deixado nada, a não ser a pensão do INPS, que demorou anos para que ela recebesse. Minha mãe com isso caiu em depressão, diante daquela situação e começou a beber, fumar e chorava muito.

Fomos então morar com minha avó e com sete anos de idade, perdi minha irmã caçula, a Solange, que-estava com cinco anos de idade, ela faleceu de câncer.

Após o falecimento da minha irmã, foi ainda maior o sofrimento de minha mãe, ela voltou mais uma vez ao estado de calamidade.

Foi esta vida sofrida até os meus nove anos de idade, após isto, minha mãe arrumou um emprego e foi superando a depressão. Meu irmão também conseguiu um emprego.

Minha mãe também começou a fazer salgados para vender e eu e minha irmã saíamos para vendê-los.

Não tínhamos sapatos para irmos à escola e uma senhora prometeu para a minha irmã Roseli que daria um tênis para ela. Entretanto a mulher confundiu-me com a Roseli e deu o tênis para mim. Nós não brigamos, quando íamos para à escola, íamos em horários diferentes, quando eu saía, a Roseli entrava. Eu ia com o tênis de manhã para a escola e quando saía, tirava o tênis e passava para ela no meio da rua mesmo e calçava os seus chinelos. Essa foi uma das coisas engraçadas que ocorreram.

Chegou então o benefício do INPS, após oito anos da morte de meu pai. Foi então que as coisas começaram a melhorar. Meu irmão conseguiu um emprego em uma carvoaria, minha irmã começou a trabalhar, em uma casa de família e eu fui a procura de um bico para ajudar a minha mãe.

Com a nossa ajuda e com o INPS minha mãe conseguiu comprar um barraco para nós morarmos e com isso passamos a ter mais condições de vida e driblar um pouco as dificuldades.

Conheceu um viúvo chamado Antônio e depois de conhecê-lo bastante foi morar com ele e nos levou. Ele era uma pessoa de boa família e seus filhos já estavam todos criados. Ele possuía sua casa própria.

Fomos morar com ele e depois de alguns meses minha mãe engravidou e deu a luz a uma menina chamada Fabiana. Logo depois nasceu o Fernando e depois de seis anos nasceu o Alex. E vivemos muito bem, muito bem mesmo.

Após alguns anos o meu padrasto sofreu um acidente, pois trabalhava como ajudante de caminhão e o caminhão tombou, capotou várias vezes, e acarretou na perda de uma visão dele. Foram necessários vários conselhos e força para que ele se conformasse com o acontecido, porque perder uma parte do corpo, ainda mais a visão deve ser muito difícil. Hoje ele está conformado com a situação.

Minha irmã Sueli ao completar dezoito anos se casou e foi morar em outro bairro e todos os outros também se casaram e foram morar em suas casa, como é o caso do meu irmão José, que foi morar em São José do Rio Preto, onde está até hoje.

Quando completei quinze anos conheci o Ricardo e comecei a namorar com ele. Com dezoito anos fiquei noiva dele e com dezenove anos me casei. Fomos morar de aluguel.

Durante um ano e meio não fiquei grávida. Ajudei o meu marido a construir a nossa casa e quando ela já estava pronta, faltando apenas o acabamento fomos morar nela. Depois de alguns meses dei a luz a um lindo menino, com três quilos, quatrocentos e cinquenta gramas e cinquenta e um centímetros. E demos o nome de Vinícius.

Continuei trabalhando, contra a vontade de meu marido e após um ano e dois meses dei a luz a uma linda garotinha, com dois quilos, trezentos e noventa gramas e quarenta centímetros e que nasceu de sete meses. Demos o nome a ela de Ingrid e após quatro meses voltei a trabalhar, pois eu estava recebendo o auxílio maternidade.

Dois meses depois eu saí do meu emprego e aplicamos um pouco o dinheiro que recebi como indenização e compramos um carro simples. Após dez meses fomos roubados e levaram nosso carro e meu marido ficou bastante abalado. Hoje só temos os documentos e as chaves daquele veículo.

Meus filhos já estão-na escola, o menino está com nove anos e está cursando a terceira série primária o a menina está com sete anos e cursa a segunda série, também do primeiro grau.

Eu e meu marido fazemos o que está no nosso alcance para os dois. Damos sempre conforto a eles.

Na minha infância nunca tive oportunidade de ter bonecas de verdade, a não ser feitas a mão com cabo de vassoura e desfiava babosa e fazíamos cabelos para elas, «minha boneca imaginária».

Faço de tudo para que minha filha tenha uma infância de uma menina normal, como as outras, diferente da infância que tive, bastante sofrida. Faço o mesmo para o meu filho.

Minha irmã Fabiana também se casou e foi morar com o marido e na casa ficou apenas minha mãe, meu padrasto, meu irmão Fernando de dezoito anos e meu irmão Alex de onze anos.

Com dezenove anos, Fernando começou a trabalhar como cobrador de lotação, conheceu uma garota e teve um filho com ela, e deram o nome de Peterson.

Meu irmão gostava muito de baladas, festas, etc. E neste ano de 2006, ele completou vinte anos no mês de janeiro e continuava com sua vida de baladeiro. Já o meu irmão de doze anos era o contrário, freqüentava a igreja e já está fazendo a catequese, na igreja católica.

Foi em uma destas festas, no dia doze de abril deste ano, que meu irmão Fernando arrumou uma confusão e levou cinco tiros e faleceu.

Ficamos muito tristes com o seu falecimento. Minha mãe e meu padrasto então, não se conformam de jeito nenhum, mas tentamos dar conforto a eles, pois eles ainda possuem um filho pequeno de doze anos de idade e que precisa muito deles.

E assim vou vivendo, com a graça de Deus e esta é um pouco da minha autobiografia, triste, complicada e vitoriosa, vida com muita luta e batalha, sem passar por cima de ninguém. Vivendo cada dia como se fosse o último e como se não existisse o amanhã.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna da E.J.A. da E.M.E.F. Prof. Jorge Americano

Anexo 5 - TEXTO 05

Projeto ler e escrever- Autobiografias- EJA E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Nasci em Minas Gerais e no ano de 1985 meus pais e eu chegamos em São Paulo.

Não tínhamos moradia, por isso fomos morar na residência de uma tia, fomos humilhados, até fome nós passamos, porque minha tia não nos ajudava financeiramente. Nossa luta estava apenas começando. Alguns meses depois meu pai conseguiu um emprego, ganhava pouco, o salário mal dava para comprar alimentos, e na casa havia mais crianças além de mim e de minha irmã. Crianças estas que nos maltratavam, batiam em minha irmã e deixavam minha mãe aborrecida.

Mamãe ficou sofrendo por nós, pois via aquela situação e não podia fazer nada, já que morávamos na casa dos outros.

Meu pai então conseguiu um emprego melhor e assim pudemos construir nossa casa, mas não foi fácil, meus pais sofreram muito.

Minha mãe engravidou de meu irmão e cada vez mais sua vida ficava mais difícil, para ela seus filhos eram seu grande tesouro, por isso ela ergueu a cabeça e foi à luta. Conseguiu um bom emprego e ajudou meu pai. Eu já estava crescida e não dava tanto trabalho, e com dez anos de idade eu era babá de meu irmão de apenas três meses de vida.

Eu não conheci as brincadeiras infantis, pois a minha infância eu só aproveitava quando o meu irmão dormia. Somente neste momento é que eu podia brincar com uma única boneca que eu cuidadosamente guardava.

Em minha casa não possuíamos nenhum aparelho eletrodoméstico, não tínhamos geladeira, nem televisão. Tínhamos apenas um pequeno rádio de pilha, que uma vizinha havia dado a meu pai

Nossos vizinhos não gostavam de nós, pois não possuíamos roupas bonitas e éramos muito pobres e quando Deus enviava alguém para nos ajudar, eu ficava muito feliz.

Certo dia, uma vizinha estava passando em frente à nossa casa e viu que eu e minha irmã estávamos usando roupas rasgadas, então ela teve pena de nós e nos deu algumas roupas. Ficamos tão felizes que choramos.

Minha mãe nestas situações ficava cabisbaixa e dava um sorriso de agradecimento. Eu a olhava e percebia que estava triste, entretanto eu não podia ajudar pois ainda era pequena.

Com quinze anos de idade deixei à escola para trabalhar e ajudar minha mãe. Eu era muito jovem para trabalhar e estudar, ou eu trabalhava ou estudava.

Alguns anos depois me tomei uma mulher, casei-me com um homem maravilhoso. Hoje tenho um casal de filhos lindos, a menina tem três anos e o menino oito anos. Tudo que faço penso neles primeiro, pois temos que pensar em nossos filhos e lhe dar uma boa educação, carinho, amor e ensiná-los a serem pessoas simples e humildes.

Depois que eu constituí minha família é que pude perceber como minha mãe lutou para que hoje eu possa dar uma educação digna para meus filhos e sempre dou conselhos ao meu filho mais velho, para que ele estude bastante, para que possa ter uma profissão de sua escolha e não viver a vida toda sendo empregado de outras pessoas, pois somente agora, depois de tanto sofrimento é que eu estou tendo oportunidade de ter uma profissão digna.

Eu sou um exemplo de perseverança, luta e coragem. Foi assim que minha mãe me ensinou e eu quero passar também isto para meus filhos, porque quero que aprendam tudo o que for bom.

Hoje sou uma pessoa vencedora, voltei a estudar e sou feliz, graças a Deus.

Anexo 6 - TEXTO 06

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A. E.M.E.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Nasci no Estado do Paraná e tinha seis irmãos, Edinaldo, Lindalva, Aparecida, Cecília, Ernaldo e Adilson.

Meu pai se chama José e minha mãe Osterna.

Lá no Paraná, meus pais trabalhavam na roça e deixavam os filhos, ainda pequenos, com a minha irmã mais velha, a Lindalva, que também ainda era criança.

Certo dia, o meu irmão Adilson, que era loiro, tinha olhos azuis e estava com três anos de idade, foi beber água, entretanto ele caiu no fundo do barril e morreu' afogado.

Meus pais ficaram desconsolados com o acontecimento e resolveram morar em São Paulo.

Nós todos éramos em oito pessoas e eu e meus irmãos éramos todos ainda pequenos.

Chegando aqui, ficamos na casa do meu tio, irmão de meu pai. Ficamos em um cômodo muito pequeno para tanta gente e nós todos dormíamos em uma única cama de casal. Para comermos tínhamos que sair do quarto, pois não cabíamos todos lá.

Foi muito difícil para meus pais aqui em São Paulo. Foi uma vida muito sofrida.

Meu pai conseguiu emprego em uma Empresa chamada Metal Leve. Conseguiu economizar dinheiro e comprou um terreno e logo em seguida construiu um cômodo.

Mudamos para lá, a casa era muito simples e pequena, mas era nossa e ficamos felizes com o nosso novo lar.

Começamos a estudar, entretanto não tínhamos roupas e nem sapatos para irmos à escola, então paramos de ir à escola.

Aqui em São Paulo, nasceram mais dois irmãos, o Edson e a caçula Eronilda, a Nida.

Crescemos e nos tomamos moças e rapazes.

Começamos a trabalhar e esta foi uma época muito boa, pois ajudamos nossos pais a ampliar nossa casa.

Meu irmão Ernaldo, porém, começou a usar drogas. Foi muito difícil para nós todos e minha mãe sofria muito. Ela chorava dia e noite por causa do meu irmão, Já o meu pai não tinha paciência com ele, xingava-o muito, dizia que ele não prestava, foi então que ele se revoltou e começou a fumar muito.

Meu irmão era um rapaz trabalhador e brincava com todo mundo, mas meu pai brigava o tempo todo com ele. Ele se revoltava, saía de casa e ia dormir na rua e nos matos. Minha mãe saía atrás dele e o trazia de volta para casa.

Ele então começou a trabalhar de ajudante de pedreiro e em um certo dia saiu cedo de casa para ir trabalhar, entretanto às 13 horas recebemos a notícia de que meu irmão tinha morrido. Ele estava trabalhando em uma construção de um prédio no vigésimo quinto andar, quando caiu. Foi uma morte muito triste e dolorosa para todos nós.

Se ele estivesse vivo, hoje estaria com trinta e quatro anos de idade, pois já faz nove anos que ele faleceu.

Quando fomos este ano ao teatro, no C.E.U.

Campo Limpo e assistimos a uma peça sobre drogas, chorei muito, pois lembrei-me o tempo todo de meu irmão. Lembrei-me daquela vida sofrida que ele passou, das vezes que meu pai não tinha paciência com ele e de como é duro a família não apoiar o filho em um momento como aquele.

Com dezoito anos comecei a namorar sério, namorei com o Zezé durante quatro anos e fiquei grávida de minha filha.

Fomos morar juntos e tivemos nossa filha, a Cássia, que hoje tem sete anos.

Passei muita raiva com meu marido, foi a maior decepção de minha vida. Nós vivíamos brigando, pois ele vivia me traindo com outras mulheres.

Ficamos juntos apenas dois anos e nos separamos, pois não agüentei tanto sofrimento.

Ao me separar, eu não tinha emprego e quase passei fome, então fui morar com a minha mãe. Ela me ajudou muito, arrumei um emprego e fui vivendo a minha vida. Já estou separada há sete anos e ele nunca me ajudou monetariamente na criação de minha filha.

Estou casada novamente, há três anos, com o Gebson e minha filha o chama de pai. Hoje sou muito feliz.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna da E.J.A da E.M.E.F. Prof. Jorge Americano - 2006

Anexo 7 - TEXTO 07

Projeto ler e escrever- Autobiografias- EJA E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Nasci em Nova Soure, uma cidade do interior da Bahia, no dia 19 de abril de 1979. Sou filha de Marinalva Alves dos Santos e José Gonçalves dos Santos. Sou do signo de áries, sou mulata, tenho um metro e sessenta e oito centímetros de altura, (1,68 m.), peso cinquenta e oito quilos e tenho vinte e sete anos.

Comecei a trabalhar muito cedo e estudei só até a quinta série, pois tive que parar de estudar para trabalhar. Fui trabalhar de doméstica em Salvador, capital da Bahia, para ajudar meus pais.

O melhor de tudo isto é que conheci coisas lindas em Salvador, conheci as praias, a cidade e tudo de belo que tem lá.

Voltei para Nova Soure e lá conheci um menino muito bonito e começamos a namorar, foi então que resolvi vir para São Paulo. Ele ficou muito triste em saber disto, chorou muito e eu também chorei em nossa despedida, pois eu gostava muito dele.

Minhas amigas e ele foram até a rodoviária se despedirem de mim, ele continuou pedindo para que eu não viesse para São Paulo, mas mesmo assim decidi vir.

No ônibus conheci um belo rapaz, mas eu sempre fui uma moça muito tímida e não quis saber de conversa com ele.

Cheguei em São Paulo no dia 16 de abril de 1996 e fui para casa da minha tia. Fiquei três meses sem trabalhar e depois consegui um emprego de doméstica na Avenida Santa Catarina, Nesta residência eu tinha que arrumar a casa, passar roupas, e ainda cozinhar, eu não dava conta de tanto serviço. Então sai e consegui um novo emprego como babá e fiquei cuidando de dois meninos lindos. Fiquei três anos, depois a minha patroa mudou-se para Moema e eu não fui com ela. Os meninos choraram muito e eu também.

Depois disto a minha ex- patroa ainda me ligou, perguntando se eu não queria mesmo ir trabalhar com ela, e eu não fui, por ser muito longe e ela conseguiu um novo emprego para mim em uma outra casa, mais próxima.

Só que nesta residência eu tinha que arrumar, cozinhar e passar, no entanto eu não sabia passar roupas, então fiquei apenas um mês e não fui mais, porque fiquei com vergonha de falar que eu não sabia passar roupas.

Conheci um rapaz em São Paulo e comecei a namorar com ele, no entanto ele era um rapaz muito ciumento e queria ser dono de mim. Ele começou a querer me bater e eu terminei o namoro. Após o término do namoro, ele começou a me ligar dizendo que me amava, mas mesmo assim eu não reatei o namoro. Foi então que ele começou a me ameaçar de morte, dizia que me mataria se eu não voltasse para ele. Eu fiquei muito assustada.

Minha mãe ficou sabendo lá na Bahia destas ameaças e me pediu para que eu retomasse para lá, no entanto eu não fui, pois estava trabalhando e estava muito feliz aqui em São Paulo.

Conheci uma pessoa muito especial, que ficou sabendo das ameaças e alugou uma casa para que eu me mudasse e saísse de onde eu morava. Começamos então a namorar e após um ano e alguns meses fiquei grávida.

Ao saber de minha gravidez ele ficou muito feliz, porque era o seu primeiro filho. Nós, no entanto, não tínhamos nada, mas construímos nossa casa e fomos morar juntos.

Eu trabalhava nesta época em uma casa, onde tinha que dormir e eu já estava lá há oito meses, entretanto quando minha patroa ficou sabendo que eu estava grávida começou a me humilhar, passei inclusive muita fome nesta época, na casa dela. Eu e o pai do meu filho nos víamos nos finais de semana.

Fizemos nossa casa e fomos morar juntos. Era inverno quando nos mudamos e passei muito frio na minha casa, pois não tínhamos cobertores, só tínhamos um edredon que não esquentava nada. Comecei a comprar as coisas do meu bebê, comprei primeiro o berço e as coisas menores.

Ao sentir as dores do parto, fui levada para o Hospital Campo Limpo, entretanto fui transferida para o Hospital de São Roque, interior de São Paulo. Ao chegar lá fui imediatamente para a sala de partos e quando a criança nasceu perguntei para o médico qual era o sexo da criança e ele me disse que era um menino. Fiquei muito feliz. Fui para a sala de visitas e todas as mães tinham visitas, menos eu, pois meu esposo não sabia ir em São Roque. Eu chorava muito de tristeza, porque ele não ia me visitar, para que eu pudesse lhe mostrar o nosso filho. Ele ficou muito feliz quando soube que era um menino.

Fiquei três anos sem trabalhar e arrumei um emprego próximo de casa como babá, para cuidar de dois meninos e levá-los para à escola. Fiquei neste emprego durante dois anos, pois podia cuidar do meu filho também.

Após isto consegui um emprego em uma firma, como ajudante geral e fiquei durante onze meses, e o meu patrão morreu. Ele era muito bom para seus funcionários. A firma foi terceirizada após a morte de meu patrão e continuei na mesma atividade, só que não era mais tão bom como antes.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna da E.J.A da E.M.E.F. Prof. Jorge Americano - 2006

Anexo 8 - TEXTO 08

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof Jorge Americano- 2006

Minha vida desde pequena não foi tão como eu queria.

Minha mãe trabalhava como doméstica, só que o que ela recebia era muito pouco, tinha época que não tinha dinheiro nem para pagar as contas de água e luz, muitas vezes ela tinha que fazer bico, só que ela gostava de comprar muito, ficava devendo e os cobradores vinham buscar as coisas que ela havia comprado.

Minha mãe tinha quatro filhos, ela acabou dando três, e ficou só com uma, depois engravidou de mim.

Quando eu estava com apenas um mês de vida, minha mãe resolveu se separar do meu pai e saiu de casa. Após algum tempo ela conheceu o meu padrasto e foi morar com ele. Ele era um homem muito bom.

Nesta época nós fomos muito felizes, só que minha mãe resolveu dar minha irmã para uma mulher criar, pois minha irmã não gostava do meu padrasto e nem ele dela.

Eu era tratada pelo meu padrasto como se fosse uma filha legítima e gostava muito dele.

O tempo foi passando e ele ficou doente, teve o primeiro derrame e ficou internado em um hospital durante dois meses.

Minha mãe então ligou para minha tia e perguntou se ela queria me adotar e ela aceitou. Meu padrasto, que eu considerava como pai, não sabia disto, ele teve alta do hospital e não podia ter emoções fortes, por isso minha mãe não contou a ele que havia pedido para minha tia me adotar.

Ele foi melhorando, no entanto ouviu uma conversa da minha mãe que iria me mandar para casa de minha tia e no mesmo momento ele teve uma recaída, começou a ter febre, começou a entortar a boca, então levaram-no para o Hospital de Juazeiro na Bahia. Ele deu entrada no hospital pela manhã e à tarde faleceu.

Eu perdi a pessoa que eu mais amava, e que considerava como um pai verdadeiro, com apenas quatro anos de idade.

Minha mãe então voltou a trabalhar e eu fui morar com a minha tia. Minha mãe ficou morando com as minhas duas irmãs e com meu irmão, filhos dela com o meu padrasto, e a filha mais velha dele que já havia casado foi morarem São Paulo.

Foi nesta época que perdi contato com minha mãe, só falava com ela pelo telefone. Então aprendi a viver sozinha, não tive apoio da minha mãe e nem de meu pai, para me dizer o que era certo o ou errado. Meus tios não tinham diálogo comigo, não me ensinaram como proceder diante das situações da vida.

Aos onze anos de idade eu fui morar na casa de uma conhecida da minha mãe, na mesma cidade, só que nós mal nos víamos, pois esta pessoa trabalhava e estudava.

Vim morar em São Paulo, com esta minha mãe adotiva, e cuidava das filhas dela e da casa. Eu não sabia fazer nenhuma tarefa de casa e nem como cuidar de crianças, mas tive que aprender, porque eu iria receber para executar estes serviços, mesmo morando com ela.

Eu passei quase um ano com esta mulher e falava com minha mãe apenas pelo telefone e nesta época minha mãe ficou muito doente, estava com problemas no coração e meus irmãos cuidavam dela, até minha irmã que tinha sido adotada, no tempo em que morávamos com nosso padrasto, tinha voltado a morar com a minha mãe.

Certo dia, eu e minha mãe adotiva brigamos e ela ligou para minha mãe e conversaram muito. Minha mãe pediu para conversar comigo e também brigamos pelo telefone e a ligação caiu.

Minha mãe adotiva ligou novamente para minha mãe e minha mãe disse que eu havia desligado o telefone na cara dela, só que eu não tinha feito isto.

Após uma semana a minha avó adotiva ligou para saber notícias de minha mãe e ficou sabendo que ela tinha tido um ataque cardíaco e estava viva apenas por meio de aparelhos. Ela não resistiu e veio a falecer.

Quando minha mãe faleceu eu estava morando em São Paulo, foi então que começou o meu tormento, pois fiquei sem mãe e sem pai, tive que me virar sozinha, um dia na casa de um, outro dia na casa de outra pessoa.

Então saí da casa da minha mãe adotiva e voltei para minha cidade. No entanto não fui bem recebida por minhas irmãs.

Resolvi então morar com a minha avó adotiva, mãe de minha mãe adotiva. Minha irmã era casada com o filho dela, mas eu não falava com a minha irmã e não falo até hoje.

Minha irmã nesta época, já estava separada, e tinha uma filha, que ficava com a avó. Era a avó que cuidava da menina e minha irmã vinha vê-la todo final de semana. Nós não podíamos nos ver que brigávamos, e como eu estava morando com a avó de minha sobrinha e ex- sogra de minha irmã, resolvi morar na casa de uma colega. Esta colega logo me arrumou um emprego, eu tinha folga nos finais de semana e sempre ia visitar minha avó adotiva.

Eu não me arrependo de ter passado por tudo que eu passei, apenas me arrependo de ter brigado com a minha mãe biológica.

Vim pela segunda vez para São Paulo e fui morar novamente com a minha mãe adotiva e ela me arrumou um outro emprego, pois já estava com uma empregada, trabalhando em sua casa.

Morei dois anos com ela e voltei a trabalhar para ela, pois a menina que estava trabalhando lá, resolveu sair.

Conheci então uma amiga, nós fomos em uma festa e ela me apresentou a seus dois irmãos. Gostei logo de cara de um de seus irmãos.

Comecei a namorar com ele, nos casamos e eu engravidei. Hoje tenho uma família que pedi a Deus. Tenho um filho lindo e um marido maravilhoso.

Anexo 9 - TEXTO 09

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof Jorge Americano- 2006

Nasci em 1978, nesta época, minha mãe tinha apenas 16 anos, e era muito imatura, meu pai havia chegado recentemente da Bahia, e estava com 18 anos, também era ainda uma criança, contudo meu pai resolveu alugar uma casa, pois morávamos no Campo Belo, junto com meus avós e minhas tias, que nos ajudavam muito.

Fomos morar no bairro de Jabaquara, passamos algum tempo lá, mas minha mãe não agüentou ficar longe de sua família, e resolveu alugar uma casa próxima a residência de minha avó, foi lá que passei grande parte da minha infância. Ao completar sete anos de vida, fomos morar na cidade de Cotia-SP, entretanto nunca me adaptei, não gostava do lugar e nem das pessoas. Minha mãe então decidiu vender o apartamento e voltar para a capital de São Paulo, e eu pulei de alegria quando isto aconteceu. Fomos morar com a minha avó.

Fui estudar numa escola chamada Mário de Andrade, no Brooklin, mas só fiquei lá quatro meses, porque descobri que estava grávida de um rapaz vizinho de minha tia, que mora no Capão Redondo. Começamos a namorar e logo avançamos o sinal, e assim engravidei, foi uma fase muito difícil para mim, pois meu pai me pôs para fora de casa e minha mãe não pode fazer nada.

Fiquei então morando com minha tia, pois meu namorado logo que ficou sabendo que eu estava grávida, terminou o namoro. Eu cuidava de meu priminho de um ano, enquanto ela trabalhava de manicure em casa e no dia 16 de fevereiro de 1995, meu filho nasceu, meu pai foi me buscar no hospital e me trouxe para casa, pois tinha se arrependido de ter me expulsado. Comecei então a trabalhar em casa de família para ajudar nas despesas e sustentar o meu filho, pois o pai dele nunca ajudou em nada, apesar de ter registrado o menino. Nunca ingressei com ação de pensão alimentícia, pois eu pensava que enquanto eu trabalhasse e tivesse saúde, sustentaria o meu filho e nunca deixaria faltar nada a ele. Hoje meu filho tem onze anos.

E assim os anos foram se passando e no ano de 2000, resolvi ir trabalhar no interior, na cidade de Santa Bárbara do Oeste, junto com a mesma tia materna que morei quando estava grávida. Trabalhei numa firma, em um refeitório, fiz muitas amizades e aprendi muita coisa também.

Nesta época morávamos eu, meu filho, minha tia com seus dois filhos e minha avó. Fomos muito felizes neste tempo, a casa era maravilhosa, apesar de simples.

No ano de 2002 minha tia começou a namorar o vizinho da casa da frente, e resolveram se casar. Minha avó resolveu ir para Sergipe, sua terra natal, e eu fiquei morando sozinha em Americana, uma cidade próxima a Santa Bárbara, pois meu filho foi para o nordeste com minha mãe.

Foi uma fase muito difícil, pois fiquei só, mas aprendi que sou forte e que podia me virar sozinha. No ano de 2003, voltei para São Paulo e logo comecei a trabalhar de babá, que é a profissão que estou exercendo até hoje.

Neste ano de 2006 resolvi mudar, e dar outro rumo a minha vida. Resolvi voltar a estudar e pretendo terminar meus estudos e ser enfermeira, não pretendo desistir nunca mais de meus sonhos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna do EJA da EMEF Prof. Jorge Americano- 2006

Anexo 10 - TEXTO 10

Projeto ler e escrever- autobiografias- E.J.A. E.M.E.F. Prof Jorge Americano- 2006

Nasci no dia 03 de outubro de 1958, em uma sexta-feira, às nove horas da manhã, na cidade de Santo Estevão no Estado da Bahia. Sou filho de Armando da Conceição Machado e de Dona Isidora Maria dos Santos, ambos lavradores.

Meus pais trabalhavam na roça, na plantação de feijão, milho, macacheira, mandioca e também na plantação de fumo, batata e cebola, etc.

Desde os meus oito meses de vida, me levavam para à roça, em um balaio. Me colocavam embaixo de uma bananeira ou de uma mangueira, quando eu não ia para à roça, ficava com meus avós. Passei então a morar com meus avós, pois na roça, às dez da manhã a temperatura já era de quarenta graus.

Comecei a trabalhar com seis anos de idade, pois sempre que eu pedia algum dinheiro a meus avós ou aos meus pais, eles sempre me davam alguma coisa para fazer, como capinar na roça, catar fumo ou buscar o gado no pasto.

Estudar que era bom, estudei muito pouco, pois o interesse dos pais era que os filhos trabalhassem na roça e quando comecei a estudar em uma escola distante vinte quilômetros de minha residência, eu apanhava mais do que estudava, pois a professora mandava fazer a lição, se errasse era um "bolo" que a professora dava com a palmatória. Outro castigo era ajoelhar atrás da porta, em cima de carochos de milhos.

Eu ficava com medo de ir à escola, pois se eu errasse, com certeza apanharia. Nós andávamos vinte quilômetros a pé e a professora pedia ainda que os meninos levassem lenhas para cozinhar a merenda e as meninas buscavam água na fonte. Na escola não aprendi nada, porque fiquei em depressão, só pensava em apanhar da professora, morria de medo dela. . Ao completar quinze anos, vim para São Paulo morar com meu tio, pois este mandou-me buscar lá na Bahia. Comecei então a trabalhar em um supermercado e só ganhava gorjetas dos clientes, mesmo assim sobrava dinheiro para as despesas de casa.

Hoje estou estudando na Escola Municipal Professor Jorge Americano, na E.J.A., admiro meus professores e todo aquele trauma de escola que tive quando criança não tenho mais.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluno do E.JA da E.M.E.F. Prof. Jorge Americano - 2006

Anexo 11 - TEXTO 11

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A. E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Nasci no dia 13 de abril de 1964, na cidade de Córrego Novo no Estado de Minas Gerais.

Meus pais tiveram nove filhos, oito mulheres e um homem e em 1968 eles decidiram vir morar em São Paulo. Minha irmã que já era casada e tinha quatro filhos ficou morando lá, em Minas Gerais.

Chegando em São Paulo, fomos morar na casa de alguns conhecidos, até meu pai comprar um terreno e construir. Não demorou muito e mudamos para nossa casa, no Jardim São Bento.

Meu pai começou a trabalhar de pedreiro e minha mãe de costureira.

Na nossa casa, vivíamos eu, meu pai, minha mãe, duas irmãs e um irmão, pois os outros filhos já estavam casados e vieram para São Paulo antes de nós.

Eu sou a filha caçula, quando eu nasci minha mãe já estava com quarenta e cinco anos.

Minhas irmãs foram trabalhar em casas de famílias e só vinham para casa nos finais de semana. Graças a Deus não passamos dificuldades e tive uma infância bem tranquila. Alguns anos depois uma de minhas irmãs se casou e a outra arrumou um namorado, que morava perto do Brooklin. Nós não conhecíamos o namorado de minha irmã e ele forçou-a a ter relações sexuais com ele, ela não aceitou e ele a estuprou, machucando-a toda. Um mês depois ela descobriu que estava grávida.

Quando ela contou ao meu pai que estava grávida, meu pai ficou sem falar com ela por algum tempo e minha mãe a perdoou.

O namorado dela não quis assumir a criança e ela terminou o namoro e nós nem sequer chegamos a conhecê-lo.

Eu estava com nove anos, quando meu sobrinho nasceu, hoje ele está com trinta e quatro anos, é casado e tem três filhos.

Minha mãe me matriculou na escola Professor Jorge Americano e eu estudei nesta escola até a sexta série.

Meu pai veio a falecer quando eu estava com onze anos de idade e sofremos muito, mas a vida continuou.

Meu irmão estudou muito pouco e também não gostava muito de trabalhar. Minha mãe sofreu muito com ele, pois além de dar trabalho, maltratava minha mãe e eu não podia fazer nada, pois ainda era criança.

Com quinze anos consegui o meu primeiro emprego com carteira assinada, em um laboratório e por isso saí da escola.

Com dezessete anos minha mãe faleceu e foi muito difícil superar a perda de minha mãe.

Ficamos morando em nossa casa, eu, meu irmão e minha irmã, com meus dois sobrinhos, pois antes de minha mãe falecer, minha irmã teve o segundo filho, de outro namorado.

Tempos depois o meu irmão se casou e eu saí da empresa que trabalhei por três anos e fui trabalhar como babá. Fiquei neste emprego por quatro anos. Quando fiz dezoito anos ingressei na igreja evangélica e estou até hoje lá.

Conheci um rapaz e me apaixonei por ele, começamos a namorar, ficamos noivos e estava tudo pronto para o nosso casamento. Já tínhamos casa, móveis e enxoval completo, mas não deu certo e terminamos.

Fui trabalhar em uma outra empresa e saí da minha casa, onde eu morava com a minha irmã e com os dois filhos dela. Eu saí de lá porque minha irmã um dia estava ouvindo um programa de rádio e ouviu um presidiário que gostaria de corresponder-se com mulheres e minha irmã se interessou e começou a ir visitá-lo na cadeia. Ele estava preso já há nove anos e ela nunca quis saber o porquê dele estar preso há tanto tempo.

Certo dia estávamos nos preparando para irmos dormir, quando alguém bateu na porta. Era o rapaz que havia saído da cadeia e não tinha para onde ir e também não possuía parentes em São Paulo. Eu tinha muito medo dele, tinha muito medo dele fazer alguma coisa comigo e com meus sobrinhos que eram pequenos.

Foi quando saí de casa e fui morar na casa de minha irmã mais velha. Ela teve quinze filhos, era muita gente na casa, mas vivíamos bem.

Consegui um emprego em uma empresa e trabalhava das dez horas da manhã até às vinte e duas horas, fazendo horas extras.

Um dia a igreja que eu congregava fez uma viagem para Curitiba, pois lá estava sendo inaugurada uma das nossas igrejas. Conheci um rapaz que me convidou para ir viajar com ele, pois ele pagaria a minha passagem e eu aceitei.

Foram seis ônibus nesta excursão e só tinham jovens. Foi um pastor em cada ônibus para cuidar dos jovens, foi uma viagem maravilhosa.

Chegando lá aquele jovem me pediu em namoro e eu aceitei, entretanto muitas amigas minhas ficaram com raiva de mim, pois gostavam dele.

Entre namoro e noivado foram nove meses e nos casamos na igreja Assembleia de Deus, no Capão Redondo.

A empresa em que eu trabalhava estava passando por uma crise e antes que viesse a falência eu saí da empresa. E após seis meses de casamento eu engravidei.

Tive meu filho, que nasceu muito saudável e após o nascimento dele saímos da casa em que morávamos e pagávamos aluguel e fomos morar na casa de meu cunhado.

Em um domingo aconteceu algo muito triste, que jamais vou esquecer. Neste dia chovia muito e como eu morava na beira de um córrego, as paredes começaram a trincar. Tirei meu filho do berço, pois ele estava dormindo e meu marido e meus vizinhos retiraram nossos móveis da casa. Assim que acabaram de retirar os móveis a casa desabou.

Então começou o nosso drama. Onde nós iríamos morar e nosso cunhado nos cedeu parte de seu bar, onde ele guardava as bebidas.

E assim moramos lá durante oito meses, pois construímos uma casa no terreno onde eu morava quando criança, já que lá era grande, resolvemos dividi-lo em três

partes. Meu irmão já morava lá e minha irmã e meus dois sobrinhos continuavam morando na casa que era dos meus pais.

Quando minha casa caiu, os amigos de trabalho do meu marido fizeram uma "vaquinha" e com o dinheiro pagamos algumas dívidas e logo meu marido saiu de férias e investiu o dinheiro na construção de nossa casa.

Antes dele voltar a trabalhar, eu pedi que ele comprasse leite para o nosso filho e ele disse que iria até o banco retirar CZ\$ 20, OO, (Vinte cruzados), pois estávamos na época do cruzado e quando ele digitou a senha, para a nossa surpresa havia CZ\$140, OO, (Cento e quarenta cruzados), e ele ficou assustado, porque ele não tinha aquele dinheiro.

Ele foi até o gerente e contou o que estava acontecendo e o gerente lhe informou que não havia nada de errado em sua conta.

Ele perguntou ao seu chefe e aos seus colegas de trabalho se alguém havia depositado o dinheiro, entretanto ninguém havia depositado.

Ao chegar em casa, ele me contou o que havia acontecido e fomos falar com o pastor e ele nos falou que se o gerente disse que não tinha nada de errado na conta, o dinheiro era nosso.

Foi somente então que eu me lembrei que quando meu marido saiu de casa para ir até o banco, pediu para que eu orasse para que tivesse dinheiro lá para que pudéssemos comprar o leite para o nosso filho. E creio que realmente aconteceu um milagre.

Usamos o dinheiro para pagar o material utilizado em nossa casa, pagamos o pedreiro e ainda ofertamos na igreja.

Moramos nesta casa durante quatro anos e meu marido ficou desempregado. Ele foi então vender cosméticos e vendia bem. A gerente da perfumaria convidou-o para trabalhar como zelador, no condomínio onde ela morava no Morumbi.

Alugamos nossa casa e mudamos e eu consegui um emprego em um dos apartamentos. Colocamos nosso filho que estava com quatro anos, em uma escola particular e nossa vida melhorou muito. Compramos até o nosso primeiro carro, depois de um tempo, trocamos de carro.

Fizemos inscrição na C.D.H.U. para termos um apartamento e fomos sorteados, entretanto como nós não podíamos ir morar lá, uma amiga nossa foi.

Três anos depois houve troca de síndico no prédio e meu marido foi dispensado do serviço. Tivemos que mudar novamente.

Então fizemos uma troca com nossa amiga. Ela foi morar na casa que estava alugada e foi desocupada e nós fomos morar no apartamento. Onde moramos até hoje.

Matriculei o meu filho na Escola Estadual Joiti Hirata, e ele estudou lá durante quatro anos, mas como ele não estava indo bem, resolvemos colocá-lo em uma escola particular e ele foi estudar na Escola Fidens, onde está até hoje.

Meu esposo foi trabalhar como porteiro em um condomínio de alto padrão, na região do Real Park, no Morumbi e certo dia um morador perguntou a ele se ele não queria ir trabalhar em seu escritório, como auxiliar e ele aceitou. E já está lá há seis anos.

Como eu estava desempregada, o patrão do meu marido também me convidou para ir trabalhar com ele, como copeira e eu fui.

Trabalhei lá durante um ano e depois fui transferida para a casa dele, onde já estou há cinco anos.

Hoje conquistamos muitas coisas. Estou agora com quarenta e dois anos, meu marido com quarenta anos e meu filho com quinze anos.

Somos uma família feliz, graças a Deus. Meu esposo é maravilhoso, cuida muito bem de mim e de nosso filho Felipe. Nosso filho é um ótimo filho e não nos dá trabalho.

Voltei a estudar e estou feliz, quero concluir meus estudos, pois pretendo conquistar todos os meus objetivos, não importa à idade.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX - Aluna da E.J.A da E.M.E.F. Prof. Jorge Americano - 2006

Anexo 12 - TEXTO 12

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.Á E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Eu nasci na cidade de Senador Pompeu- Ceará, no dia primeiro de janeiro de 1967. Meu pai era agricultor e trabalhava de arrendar terras para plantio, por esse motivo nós viajávamos muito. Minha mãe era dona de casa, e tínhamos muitas dificuldades financeiras, por isso não consegui terminar meus estudos.

Decidi vir tentar uma vida melhor aqui em São Paulo, pois já tinha trabalhado em um supermercado onde eu morava, na cidade de Cajazeiras, na Parmoa. Chegando aqui, fui trabalhar em uma fábrica de costura, mas ganhava pouco, trabalhei alguns meses, até arrumar outro emprego. Meu irmão conseguiu um emprego para mim, como balconista na confeitaria Brunella, porque ele já trabalhava lá, como garçon. Comecei a trabalhar e em poucos meses veio uma balconista de outra loja para trabalhar comigo. Eu era uma pessoa muito solitária, por causa de uma decepção com uma pessoa que amei muito e esta nova balconista, a Giane, convidou-me para ir até a sua casa, para conhecer seu cunhado, que era solteiro e sozinho. Eu não aceitei na primeira vez.

Então a Giane me pediu para que eu a deixasse levar uma foto minha para que o José Hairto, seu cunhado, me visse. Mande a foto e ele marcou um encontro comigo no meu trabalho, então começamos a namorar- em poucos meses, não sei se foi por amor ou por impulso, mas fomos nos conhecendo com o passar do tempo, e o tempo foi passando rápido. Um dia estávamos sozinhos na casa dele e tivemos nossa primeira relação mais íntima.

Certo dia ele chegou e me disse que iria voltar para sua terra natal, e eu com medo de perdê-lo, menti e disse a ele que estava grávida. Ele viajou dizendo que ia só passear, mas não era verdade, ele escondia de mim um fato, tinha uma noiva em sua cidade, que estava o esperando para se casar, entretanto ao chegar lá descobriu que sua noiva havia o traído. Então voltou para São Paulo, procurei-o para que reatássemos o nosso namoro e foi o que aconteceu, e logo fiquei realmente grávida. Ele não acreditou quando contei da gravidez, mesmo mostrando o exame, e esperou que minha barriga crescesse, para que fôssemos morar juntos. Minha primeira filha, Aline, hoje tem quinze anos, continuei trabalhando de balconista e nesta época já estava em outra doceria, chamada Yramaia, em Santo Amaro.

Nós orávamos a favor da casa do meu cunhado, ou seja; ele nos deu o terreno e nós construímos nossa casa, porém antes da minha segunda filha nascer, passamos por uma crise financeira, e minha filha chegou a passar fome, pois procurávamos farinha para dar para ela comer e não tínhamos: Meu marido só faltou morrer, ficamos uns meses assim, mas eu fui a procura de emprego e consegui de balconista em uma doceria. Então as coisas começaram a melhorar, uma luz começou a brilhar no fim do túnel. Trabalhei três anos e pedi para que meu patrão fizesse um acordo comigo, porque precisava de dinheiro para comprar um terreno, pois o prazo que meu cunhado tinha nos dado para morar no terreno estava se esgotando. Meu patrão fez o acordo, recebi o dinheiro e juntei algumas economias e dei de entrada em um terreno e construímos três cômodos. Não esperamos nem terminar o acabamento, pois queríamos estar em nossa casa. Nesta época meu marido conseguiu um emprego e eu saí do meu, mas fiquei desempregada até meu ex-patrão abrir outra loja no Itaim Bibi, pois ele soube que eu estava desempregada e mandou me chamar. Lógico que eu aceitei o emprego de balconista, trabalhei uns dois anos e fiquei grávida da minha segunda filha, Sabrina, que hoje tem nove anos. Continuei trabalhando, e contratei uma pessoa para cuidar da Sabrina enquanto eu trabalhava. Após três anos fiquei grávida novamente, da terceira filha, Gabriela, que hoje tem seis anos. Foi o parto mais difícil para mim, tiveram que fazer força encima de minha barriga para que o bebê nascesse.

Neste parto eu fiz laqueadura, porque todos os outros métodos anticonceptivos haviam falhados e acabei gerando três filhas. Tive que pagar na época R\$ 800,00, (Oitocentos reais) pela laqueadura. Após o nascimento da Gabriela achei que não iria poder trabalhar mais, comecei a frequentar uma igreja evangélica por meio de uma vizinha, e pedi a Deus para que ele providenciasse uma pessoa para cuidar de minhas filhas e fui atendida em meu pedido, pois uma senhora chamada Maria se ofereceu para cuidar delas. A Gabriela a chama de vovó até hoje. Dona Maria para mim é uma Segunda mãe e sempre que preciso dela para cuidar das meninas, ela está sempre

disposta a ajudar. Ela é uma pessoa de um coração imenso, ajuda todas as pessoas que necessitam, ela é abençoada por Deus.

Comecei a congregar em uma Igreja Evangélica, entretanto meu marido não gostou nada, no primeiro Domingo eu já aceitei a Jesus e fui me batizar, ele bebeu e ficou me esperando e estava jantando quando eu cheguei, pegou então o copo e o prato e jogou no quintal, porque ele não queria que eu fosse à igreja, mesmo com as discussões eu continuei indo, pois através de minhas orações hoje ele não bebe e nem fuma.

Já tive decepções na igreja, pois minha filha que era da igreja, hoje não é mais, só Deus sabe o que sentimos quando um parente sai da igreja, é como se fosse uma batalha perdida, e mesmo com todas as tentações eu não vou deixar Jesus, pois assim diz Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, e ninguém vem ao pai senão por mim".

Depois que eu tive três partos normais, precisei fazer outra cirurgia na bexiga, pois ficou baixa e não segurava a urina. Fiz a cirurgia, correu tudo bem, graças a Deus, mesmo estando com Jesus não estamos livres de lutas e decepções, mas é "Ele" que nos fortalece para vencer.

Faz três anos que meu irmão veio do Norte e me pediu ajuda, mesmo sem ter dinheiro, comprei móveis e roupas para ele e ele ficou de pagar as prestações. Ele não conseguiu emprego aqui e voltou para sua terra natal, deixando todas as dívidas para que eu pagasse. Já tem três anos que estou lutando para pagar as dívidas que meu irmão deixou e é por isso que eu digo que não devemos financiar nada para ninguém, pois é o nosso nome que está em jogo. Hoje estou trabalhando na mesma loja, estou exercendo a profissão mais difícil que eu já encontrei, fui promovida a gerente da doceria, após ter mudado três vezes de dono. Esta minha função é muito difícil, pois é complicado gerenciar os seres humanos, pois encontramos pessoas de todo tipo, e vários gênios difíceis de serem comandados.

Eu pretendo prestar um concurso, para ter uma estabilidade maior, mas todo emprego e concurso hoje em dia exigem que as pessoas tenham concluído o Ensino Médio, por isso voltei a estudar, e esta foi mais uma batalha, pois meu marido foi contra esta decisão, mas como ele viu que não iria adiantar nada ele ser contra, resolveu me apoiar.

Minha filha Aline, hoje está na adolescência e está dando muito trabalho, pois chega tarde em casa, e só pensa em suas amigas. A família para ela não existe mais, depois que ela saiu da igreja.

Neste momento da minha vida eu estou vivendo só para pagar dívidas e meu marido não quer saber se eu consigo pagar ou não. Só Deus pode me ajudar, pois eu sou uma pessoa que não sei dizer não para uma pessoa que me pede ajuda, mas pelas condições que estou vivendo hoje, penso que para ajudar outra, eu primeiro tenho que ver as minhas condições.

O meu marido continua no mesmo emprego desde aquele ano que nós passamos por uma crise financeira, acho que ele aprendeu uma lição da vida.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna do EJA da EMEF Prof. Jorge Americano - 2006

Anexo 13 - TEXTO 13

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A. E.M.E.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Em 1978 eu morava no interior, distante da cidade. Minha mãe teve dez filhos, por isso com oito anos de idade, tinha que cuidar de meus irmãos, além de cozinhar para todos, para que meus pais pudessem trabalhar na lavoura.

Sempre me preocupei com a quantidade de filhos que minha mãe tinha, por isso prometi para mim mesma que nunca teria tantos filhos quanto ela.

O tempo passou e com dezesseis anos fui trabalhar como babá, na mesma casa em que minha irmã trabalhava como arrumadeira-há três anos. Trabalhei nesta casa durante dois anos e sete meses. Trabalhava durante o dia e estudava à noite, entretanto fui reprovada, pois não tinha tempo de estudar, era muito cansativo cuidar de duas crianças e ainda estudar à noite, então resolvi só trabalhar.

Em 1982 conheci um rapaz e começamos a namorar, não tínhamos muito tempo, por isso aproveitava as minhas folgas para ficarmos juntos. Foi então que fiquei grávida, mas quando ele soube ficou desesperado e eu não entendi o porquê do desespero, foi então que ele me contou de uma outra pessoa que também estava grávida dele. Foi então que percebi que estava sozinha e nunca mais o vi.

Tive que trabalhar dobrado para criar minha filha sozinha, era muito difícil trabalhar com uma criança pequena nos braços, então voltei a morar com a minha mãe, mas não deu certo, pois ela não gostava da ideia de ter uma filha solteira com um filho nos braços. Brigamos muito, ao ponto de eu ir morar com o meu irmão, na cidade, mas também não deu certo, pois minha cunhada sempre dizia que minha filhinha a incomodava, então fui morar sozinha e um ano depois conheci o Miro.

O Miro parecia ser um homem bom, e muito legal, e sempre insistia dizendo que queria ficar comigo. Eu estava em uma situação muito difícil, ou melhor, desesperadora e uma semana depois, estávamos morando juntos. Ao completarem cinco meses da nossa união fiquei grávida e começaram as brigas. Os meus amigos e parentes não podiam ir na minha casa, até que nos separamos. Então sem que eu soubesse ele vendeu nossa casa, ou melhor, nosso barraco. Voltamos a morar juntos novamente um mês após a separação, em um outro barraco bem humilde e que ficava bem próximo de um córrego. Ficamos um ano e dois meses neste local e voltamos a nos separar. Então ele levou nosso filho que estava com um ano e oito meses para o interior e não queria me devolver a criança. Não suportando a saudade e a ausência de meu filho fui atrás deles.

Chegando lá ele não quis me devolver o menino, então ficamos morando juntos na casa dos pais dele. Sete anos depois engravidei novamente, mas nosso relacionamento não estava bom.

Ele veio para São Paulo e cinco meses depois foi nos buscar. Ficamos juntos mais três semanas e nos separamos definitivamente.

Fui morar com uma irmã que morava aqui em São Paulo, ficamos na mesma casa durante sete dias e ela alugou uma casa para mim, ela me deu a maior força e dois meses depois eu já havia conseguido um emprego.

Cinco meses mais tarde conheci o Antônio e após um mês de namoro eu e o Antônio resolvemos morar juntos. Ele é uma pessoa maravilhosa, está sempre disposto a contribuir, está sempre pronto para ajudar. Com ele construí uma família, pois ele está ajudando a criar e educar os meus filhos, orientado e ajudando a encontrar o melhor caminho.

Com ele construímos nosso lar, a casa dos meus sonhos. Hoje posso dizer que tenho uma casa, a primeira casa que construí com cimento e blocos, graças ao apoio do meu marido, Antônio José da Silva.

Hoje posso dizer que tenho uma família. Hoje consigo trabalhar e estudar sem me sentir tão cansada. Agradeço a Deus todos os dias a nova chance que Deus me deu. Já tenho um neto de quatro anos de idade, fruto da minha primeira filha, que criei sozinha e sou feliz.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna do EJA da E.M.E.F. Prof. Jorge Americano – 2006

Anexo 14 - TEXTO 14

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof Jorge Americano- 2006

Nasci em Timbaúba, uma cidade do interior do Estado de Pernambuco, no dia 19 de janeiro de 1976, às 17 horas.

Minha mãe, Enedina, sofreu três dias antes do meu nascimento, pois o meu parto foi muito complicado. Ela era acostumada a ter seus filhos no próprio roçado e poucos foram aqueles que nasceram no hospital.

Nasci de parto normal, pesando quatro quilos e setecentos gramas, muito saudável. Sou o filho caçula, pois após o meu nascimento, minha mãe encerrou a maternidade, pois fui o vigésimo quinto filho dela.

Minha mãe conheceu o meu pai em 1972, em um ônibus, que fazia o trajeto de Recife até a cidade de Timbaúba e que passava pela cidade de Aliança, que ficava próxima da sua fazenda. Esta amizade durou muito tempo, pois Henrique era o motorista do ônibus e minha mãe ia sempre fazer tratamentos médicos em Recife.

Minha mãe já estava separada de seu primeiro marido, o senhor Antônio, que era trinta anos mais velho que ela e com quem teve vinte e quatro filhos, e mesmo separados minha mãe ia todo final de semana à cidade, visitá-lo e levar os filhos para que ele os visse. Sempre foram amigos, apesar de não viverem mais sobre o mesmo teto.

Em 1974, minha mãe convidou Henrique para conhecer sua pequena fazenda e ele aceitou. Então ele começou a frequentar a casa e foi ganhando a confiança e o carinho da família. Ele era uma pessoa simpática e muito palhaço, brincava até com suas tristezas. Foi assim que ele foi conquistando a família e o coração de minha mãe.

Em 1975, minha mãe se envolveu amorosamente com o jovem Henrique, vinte e nove anos mais novo do que ela, e engravidou.

Sua gestação foi muito complicada, pois já possuía algumas enfermidades que os médicos ainda não haviam diagnosticado. Fez muito repouso durante a sua gravidez e com os cuidados dos filhos e de Henrique, conseguiu dar a luz a mim. Embora o parto tenha sido difícil, ocorreu tudo bem comigo e com ela.

Meus irmãos a ajudaram após o meu nascimento e a vizinhança toda também. Mesmo ela dizendo que não precisava de ajuda nenhuma, os vizinhos sempre a auxiliavam.

Muitas vezes ela ia fazer alguma coisa e se alguém a impedisse, ela fazia assim mesmo, pois não aguentava ficar parada. Dizia que quando morresse teria todo o tempo para o descanso. Mesmo grávida ela pastorava o gado, levava-a o para o açude, dava banho em água limpa e no final da tarde regressava com seu rebanho. Sempre dizia que apesar de tudo havia herdado isto do pai, que apesar de bruto, era muito trabalhador.

Bem antes da sua última gravidez, minha mãe foi desenganada pelos médicos, pois nenhum conseguia descobrir sua doença. Um médico chegou a falar para ela que sua doença não tinha cura e que era para ela ir para casa e passar um pouco de tempo com os filhos. Foi um abalo muito grande com aquela notícia, mas mesmo assim ela não desanimou e nem desistiu de viver.

Chegou em casa contou aos filhos o ocorrido e minha tia Elisa estava em casa, pois havia ido visitar minha mãe, e não teve dúvidas, embarcou em um ônibus até Recife e foi tirar satisfações com o médico e Henrique foi junto. Elisa não poupou palavras, disse coisas que devia e que não devia e quando o médico ia falar, ela pedia para que ele ficasse calado, esta discussão durou horas e a segurança do hospital foi acionada. Saindo dali com raiva e frustrada, Elisa voltou à casa de minha mãe para consolá-la, mas foi minha mãe que consolou Elisa.

Minha mãe apesar de doente, era uma pessoa feliz e adorava organizar festas. Não se preocupava com o dia de amanhã, sempre ajudava as pessoas. E foi por sua generosidade e por gastos excessivos que ela esbanjou o que havia conseguido com tanto luta. Se alguém lhe aconselhava a economizar, ela dizia que o futuro a Deus pertencia e que não sabia se acordaria viva no dia seguinte. Não tinha em mente um futuro reservado para os filhos e vivia o presente com abundância, desfrutando do que tinha.

Após o meu nascimento, meu pai ficou muito feliz, pois era seu primeiro filho. No entanto ele e minha mãe não foram morar juntos, pois minha mãe não queria se separar dos seus outros vinte e quatro filhos e para Henrique, a fazenda era muito longe de onde trabalhava. Não tinha como sair de lá para ir trabalhar, pois não havia transportes.

Foi Dona Lúcia, patroa de uma de minhas irmãs que escolheu meu nome. Ela disse que gostava muito do nome Mauricio, além é claro de ser um nome de artista. E com certeza todos gostaram.

Fui registrado com o sobrenome do Senhor Antônio e não do Henrique, pois ainda não havia a lei do divórcio e eu não poderia ser registrado como filho do meu pai biológico.

Meu pai não se importou muito, pois queria mesmo era estar ao meu lado. Após alguns meses ele foi transferido de itinerário e às visitas ficaram mais difíceis, mas sempre que possível ele estava presente.

Fui crescendo na fazenda, brincava e me divertia muito.

Em 1979 outra notícia desagradável, meu pai teria que ser transferido para São Paulo, pois a empresa em que trabalhava viria para cá.

Ele conversou com minha mãe para que nós três viéssemos para cá. Esta foi para ela uma decisão muito difícil, pois não queria deixar os seus outros filhos lá, mas também não queria ficar sem o Henrique. Elisa a aconselhou ficar com o Henrique.

Minha mãe resolveu ficar em Pernambuco e no dia da despedida choraram muito e meu pai veio para São Paulo.

Meu pai sempre escrevia e mandava o necessário para que minha mãe me criasse, mesmo sem nunca ela ter pedido. Todo mês era a mesma coisa, chegava um vale postal para que ela comprasse para mim o que eu necessitasse.

Entretanto minha mãe nunca respondeu-lhe as cartas e apenas uma vez mandou-lhe uma foto minha, Em 1982, meu pai enviou a sua última carta, lamentando o fato de que não recebia cartas de minha mãe e que a partir de então não iria mais escrever e nem mandar dinheiro, até que ela o respondesse, pois não tinha mais nenhuma notícia dela e nem do filho e nem sabia ao certo se ela estava ou não recebendo o dinheiro que ele mandava.

Minha mãe, como tinha esbanjado muito começou a passar dificuldades e teve que vender a fazenda.

Fomos então morar na cidade de Aliança e passamos por um grande sufoco, pois o que minha mãe ganhava não dava nem para pagar o aluguel e o mais complicado era arrumar emprego para todo.

Passamos fome nesta época e com nove anos de idade comecei a trabalhar. Fui trabalhar em uma casa de família, fazendo coisas simples, junto com a minha irmã Severina, na cidade de Nazaré da Mata. Minha irmã trabalhava nesta casa desde 1979. .

O salário que eu recebia era muito pouco e a minha patroa pagava para minha mãe, para que ela pudesse comprar alimentos. Minha mãe se lamentou muito por ter esbanjado tanto, por não ter pensado no futuro dos filhos.

Eu trabalhei nesta CASA durante cinco anos e minha patroa manteve meus estudos. Minha irmã Severina ganhou um terreno do prefeito da cidade e seu patrão construiu uma casa para nós e assim saímos do aluguel e fomos todos morar em Nazaré da Mata, onde eu já morava, com a minha patroa.

Eu sempre me lembrava dos tempos em que vivíamos na fazenda. Era um tempo de muita fartura e bonança e todos nós morávamos juntos. Eu tinha brinquedos novos e meus sobrinhos que tinham a minha idade adoravam quebrar os meus brinquedos. Ficava chateado, mas a brincadeira nunca terminava. Meus irmãos diziam que eu era o xodó da família, pois sempre tive tudo quando morávamos na fazenda.

Com quinze anos de idade fui trabalhar em uma praia, chamada Ponta da Pedra e ali fiz novos amigos e conheci muita gente. Trabalhei lá durante onze meses e foi o tempo suficiente para que eu aprendesse bastante coisa.

Voltei para Nazaré da Mata e fui trabalhar novamente naquela casa em que havia ficado durante cinco anos.

Cansado de trabalhar como doméstico, em janeiro de 1993, procurei minha irmã Lourdes que trabalhava e morava em São Paulo há muito tempo.

Ela pediu para que ligasse no outro dia, e assim que liguei ela me informou que já havia conseguido um emprego para mim e que o dinheiro das minhas passagens estavam a caminho e era para eu ir naquela mesma semana.

Minha mãe ficou muito triste, chorou muito, não queria que eu viesse. Não sei se pela separação ou se tinha medo de eu me reencontrar com o meu pai depois de tantos anos, pois eu achava que meu pai verdadeiro era o Senhor Antônio e somente depois de anos é que eu soube que na verdade meu pai era o Henrique.

Meus irmãos foram até a rodoviária me levar, minha mãe ficou chorando no sofá de casa e me disse que oraria a Deus para que "Ele" me protegesse pelos meus novos caminhos.

No dia 19 de janeiro de 1993 cheguei em São Paulo, em uma cidade estranha e muito habitada. O tempo estava nublado e eu não conseguia ver minha irmã Lourdes na rodoviária do Tietê, pois nós dois somos baixinhos. Então consegui ouvir os gritos dela no meio da multidão.

Nos reencontramos e fomos para sua casa. No caminho ela me contou que havia ocorrido um incidente com o homem que iria me dar o emprego e eu não mais teria o trabalho.

Fui então trabalhar na casa da patroa da Lourdes, junto com ela. Dona Lídia me empregou, pois sabia que eu já havia trabalhado em casa de família durante anos e comecei a trabalhar no mesmo dia em que cheguei em São Paulo e naquele mesmo dia ganhei muitos presentes, pois era o meu aniversário.

O telefone tocou minutos depois e era minha mãe, querendo saber como eu estava, se havia chegado bem e me parabenizou pelo meu aniversário e meus irmãos também me felicitaram por telefone.

Trabalhei com Dona Lídia durante oito anos e quatro meses, pois o salário que ela me ofereceu foi muito bom.

Às vezes eu chorava pelos cantos de saudades de meus irmãos e de minha mãe e Dona Lídia me perguntava se eu queria voltar para Pernambuco. Eu não podia voltar, pois mandava dinheiro para minha mãe e economizava um pouco para voltar no final do ano, em férias.

Onze meses depois voltei a passeio e reencontrei meus familiares.

No dia em que fui até a casa da Carminha, minha irmã mais nova, que era casada e tinha três filhos, conheci uma jovem moça, vizinha da minha irmã.

Começamos a conversar e com o passar dos dias fomos conversando ainda mais. Perguntei a ela se queria namorar comigo e ela aceitou.

Conversei com a mãe dela e ela também concordou.

No dia seguinte contei para minha mãe que estava namorando.

Sempre trabalhei para ajudar alguém e nunca pude guardar nem um centavo para o futuro e sempre que guardava aparecia alguma coisa para gastá-la. Queria muito voltar a ter a vida que tive quando criança e sempre lutei por isso, sei que não se deve desistir nunca, se tenho no sangue a garra, a força e a coragem de encontrar dias melhores para mim, vou continuar lutando até o fim.

Em junho de 1994 comecei a pintar quadros, que também é uma paixão desde criança. Gosto muito de pintar e trabalhar com as mãos.

Foi observando outras pessoas que aprendi algumas coisas, nunca estudei em nenhuma escola de artes, nem tive professores particulares, apenas a curiosidade para fazer o que gostava, mesmo assim, fiz vários quadros, como natureza morta e paisagens.

Foi em 1997 que eu vendi um dos meus quadros por R\$500,00, (Quinhentos reais), o quadro era de ameixas, e media sessenta centímetros por oitenta. Este foi o quadro mais caro que vendi. Para mim foi o máximo, pois fazia o que gostava e ainda tinha lucro com aquilo.

Em 1995, eu convidei Ana, a minha namorada, para morarmos juntos e ela aceitou. Veio de Pernambuco para São Paulo para ficar comigo e ser minha companheira. Estava apaixonado e continuo até hoje.

Em 1997 nasceu nossa primeira filha, Amanda, depois vieram Abigail, Marcos e Maurício Filho. Casamos no civil em 2000 e somos muito felizes.

Nossos filhos são crianças adoráveis e muito atenciosas.

Em 2003 recebi uma notícia muito triste, minha mãe havia falecido. Aquela mulher que tanto lutou, tanto batalhou e que me deu a vida, tinha partido deste mundo. Faleceu no dia 31 de julho de 2003, com sessenta e nove anos de idade e muito pobre, após ter sido fazendeira e possuir uma enorme propriedade cheia de açudes, de animais, de pomares e dar festas todos os finais de semana para nossos vizinhos. Ela deixou vinte e cinco filhos, três já falecidos, cinquenta e três netos e dezesseis bisnetos.

A notícia da morte da minha mãe' me abalou muito, me fez pensar que a vida é uma droga e muito injusta, embora eu nunca tenha me desabafado com ninguém, isto mudou muito a minha maneira de pensar a respeito da vida.

Sei que o criador nos fez do pó da terra e que ao pó retomaremos um dia, mas eu pensei, porque morrer? Que coisa injusta. E deixar tudo isso que Deus nos fornece, esse mundo bonito e belo. Sei que erro com esse pensamento, mas isso é o que penso da vida e tenho que me conformar. Bom seria se o homem não precisasse morrer, mas fazer o quê, esse é o ciclo da vida, talvez eu seja mais um revoltado com este ciclo.

Minha mãe faleceu e eu sei que aqui eu nunca mais a verei, deixou em mim muitas saudades.

Hoje tenho filhos que precisam de mim e tenho que dar uma vida digna a eles, pois com meus filhos tenho só alegrias. Brinco com eles, reclamo quando necessário e dou e recebo carinho. Eu os amo demais.

Tenho muito o que ensinar para que sejam pessoas sinceras e honestas na vida. Sou feliz por ter a família que tenho e preciso muito encontrar meu pai, Henrique, conhecê-lo e também tirar um peso de mim.

Mesmo tendo certos pensamentos que guardo só para mim, sou uma pessoa feliz, alegre e gosto de fazer amigos. Gosto muito de conversar e ajudar alguém sempre que possível.

Gosto de ajudar as pessoas naquilo que posso e detesto contar para outras pessoas o que fiz. Creio que se eu ajudei uma pessoa que estava passando necessidades, não tenho direito de contar para as outras pessoas.

Em 2002 ajudei uma colega que estava passando por muitas dificuldades. Segundo ela, não tinha nada em sua casa para comer, as contas estavam todas atrasadas, inclusive o aluguel e o dinheiro de seu salário ficava todo no banco, onde recebia, já que recebíamos por depósitos efetuados em nossas contas.

Ela estava desesperada e certo dia cheguei na empresa e vi que ela estava muito triste. Conversei com ela e ela me disse que naquele dia os filhos não teriam o que comer. Sem pensar duas vezes, eu perguntei a ela se podia pedir ajuda aos colegas e ela respondeu que ficaria morta de vergonha. Então disse a ela que explicaria a situação, mas não falaria quem era a pessoa e ela aceitou.

Desci até a oficina e comecei a conversar com um e com outro e em poucos minutos consegui arrecadar algum dinheiro para alegria daquela pessoa.

No dia seguinte, vieram várias cestas básicas e foram necessários três dias para que ela levasse tudo para casa. Ela ficou muito feliz com aquela ajuda e eu também, pois percebi que existem muitas pessoas solidárias, dispostas a ajudar o próximo.

Já ocorreram vários casos como este na empresa, e eu ajudei da mesma forma, mas até hoje não souberam que fui eu que ajudei, nem mesmo os meus familiares sabem.

Hoje tenho trinta anos, sou pai de quatro filhos, que amo demais. Eles são minhas alegrias, meus motivos para esquecer situações difíceis da minha vida e ao lado de minha amada esposa Ana, que tanto me ajuda nas horas em que preciso. Com ela posso contar em todas as circunstâncias e já são onze anos que estamos juntos, vivendo sob o mesmo teto, amando-nos e respeitando-nos cada dia mais.

Sou feliz e muito feliz, embora em algum lugar dentro de mim há uma infelicidade, uma incerteza muito grande, que nem eu mesmo sei qual é. Sou carente de alguma coisa que nem eu mesmo sei o que é, talvez uma herança que nunca existiu, um trabalho que não tenho capacidade para executá-lo ou coisa parecida, ou um pai que tenho vontade de conhecer.

Meu nome é XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, filho de Enedina Gomes de Santana e Henrique, pai este que não conheci, mas tenho certeza que um dia o conhecerei.

Toda esta história é verídica, contada para um trabalho escolar e tendo com título autobiografia.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX - Aluno da E.J.A da E.ME.F. Prof. Jorge Americano - 2006

Anexo 15 - TEXTO 15

Projeto ler e escrever- Autobiografias- EJA E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Nasci no dia dezoito de dezembro de 1981, e tive várias fases em minha vida, fases boas e ruins.

Quando eu estava com dois meses de vida, meu pai se separou de minha querida mãe, esta mulher guerreira, se sou o que sou hoje, devo muito a ela e a minha avó, que trabalharam e lutaram muito. Minha mãe não me deu tudo o que eu queria, mas me deu tudo o que eu precisava que é carinho, conforto e muito amor.

Devo muito também aos meus tios, que sempre estavam ali para me ajudar. Minha tia Cidoca sempre me deu conselhos para que eu não me envolvesse com coisas erradas e droga minha adolescência foi a pior fase da minha vida, dava muito trabalho para minha mãe e para os meus tios.

Meu pai sempre foi muito ausente durante toda a minha infância e adolescência. Lembro-me como se fosse hoje quando pedi para que ele me desse um videogame e ele me respondeu que já dava demais, pois pagava uma pensão mensal de R\$ 120,00, (Cento e vinte reais). Aquilo me doeu muito, não pelo fato dele não ter me dado o videogame, mas pelas palavras que foram ditas. Naquele dia tive a certeza que era a criança mais infeliz da face da Terra, por não ter um pai que eu pudesse contar com ele.

Tive uma briga muito feia com meu pai, pois minha irmã o chamou para entrar com ela na igreja no dia de seu casamento, e ele se recusou, nunca tinha visto minha irmã tão triste. Este fato me deixou tão abalado que quando ele foi brigar com a minha mãe por ela ter permitido o casamento, quase atropeliei meu pai com a minha moto, só não fiz isto porque minha mãe não permitiu, entretanto falei para ele um monte de coisas que estavam engasgadas, tudo que um filho jamais deve falar para seu pai.

Depois acho que ele se arrependeu, porque veio procurar minha irmã para falar que entraria com ela na igreja. Eu não gostei desta atitude dele, pois ele já havia humilhado demais minha irmã.

Dos dezessete para os dezoito anos foi a fase mais difícil da minha vida, pois comecei a andar com más companhias e fazer coisas erradas, estava me perdendo na vida. Foi quando apareceu na minha vida uma pessoa muito importante, e que hoje é minha esposa. Ela abriu os olhos da minha mãe para as coisas que eu estava fazendo, e minha mãe resolveu me mandar para a Bahia, e lá fiquei durante dois meses, só refletindo no que eu estava me transformando. Lá eu quase morri, pois fui caçar pássaros com meus primos e a espingarda explodiu, a pólvora e o cano da espingarda bateram na minha testa, fiquei desmaiado, tudo ficou escuro, mas graças a Deus, só levei alguns pontos.

Voltei para São Paulo, arrumei emprego, hoje sou cozinheiro, e cozinheiro para pessoas importantes em eventos, em todo o país, me casei, tenho dois filhos, Stephane e Richard. Minha esposa foi a pessoa que mais me aconselhou voltar a estudar, espero que eu não a decepcione.

Quando uma pessoa tem um objetivo para sua vida, ela tem que ir até o final, mesmo que tenha muitos obstáculos, pois estes empecilhos só vão fortalecê-la, pense positivo e siga sua trilha.

XXXXXXXXXXXX - Aluno do EJA da EMEF Prof. Jorge Americano – 2006

Anexo 16 - TEXTO 16

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Eu nasci no dia 08 de abril de 1981, no Hospital Amparo Maternal, proximo ao Hospital São Paulo. Minha mãe, Dejaníra, engravidou pela primeira vez com 30 anos, sou a filha mais velha, tenho hoje 25 anos de idade.

Minha mãe teve uma vida difícil, veio de Pernambuco ainda nova, conheceu meu pai com 30 anos, ficou grávida e ele não assumiu a paternidade, entretanto ela não desistiu, me criou sozinha. Casou-se com outro rapaz com 35 anos e ficou grávida logo, porém seu esposo quis lhe agredir, mesmo grávida, ela para se defender pegou um facão, ele estava bêbado, e fugiu, com medo de que minha mãe tomasse alguma atitude mais drástica. Minha mãe sempre dizia, se deixar o homem bater uma vez, ele sempre irá bater, só sei que minha mãe colocou-o para fora de casa na mesma noite.

Minha mãe tentou mais dois relacionamentos, no entanto, ela só ficou com os frutos destes novos amores nos braços. Já faz treze anos que minha mãe não possui mais nenhum relacionamento afetivo, porém ela criou os quatro filhos sem a ajuda de ninguém e sem jamais requer pensão alimentícia aos pais de seus filhos.

Eu hoje tenho vinte e cinco anos, a Denise tem 20 anos, o Bruno 15 anos e a Alexandra tem 13 anos e somos felizes com tanto amor que nossa mãe nos deu sozinha. Nunca faltou nada, comprava tudo que precisávamos, deixava de comprar coisas para ela, só para não faltar nada para nós.

Minha mãe morava comigo e com minha irmã Denise no Bairro de Jabaquara, pagando aluguel. Quando nasceu meu irmão Bruno, e minha mãe ainda estava de resguardo, minha tia que morava em Diadema, foi nos visitar, e disse que tinha conseguido um barraco, numa favela, e que em alguns meses iria conseguir um apartamento. Nós fomos para a favela, na esperança de também conseguir um apartamento, e o que era alguns meses viraram três anos.

O barraco na verdade era feito de latão de alumínio, quando estava quente, ninguém podia encostar, porque nós nos queimávamos e quando chovia escorria água, molhava a lata e tudo que estava dentro.

Nesta época eu estava com 9 anos, 'nunca tinha ouvido tiros, quando ouvi, achei que fosse bombinha, mas ao sair de casa, vi um homem caído, com muitos tiros, fiquei muito assustada, porque nunca tinha visto algo assim, e a partir de então comecei a ver de tudo um pouco.

Nesta casa de lata não tinha banheiro, nem cozinha, à noite tínhamos que usar um pinico, porque o banheiro era fechado às vinte e três horas e só reabrimos às oito horas da manhã. No começo não tínhamos a chave do banheiro, mas mesmo assim, não podíamos utilizá-lo, pois era longe e usuários de drogas permaneciam à noite na porta do banheiro. Para tomarmos banho, tínhamos que levar roupas e também ficarmos em uma fila imensa. Havia um banheiro para mulheres e outro para homens. Às seis horas da manhã já havia fila para lavar louças e roupas, eram-cinco tanques para tudo.

Alguns dias minha mãe acordava às quatro horas da manhã para lavar roupas, e deixar a louça limpa para que não ficássemos na fila.

Em época de chuvas todos tinham medo, corríamos para debaixo das camas, porque muitas vezes os barracos de alumínio eram levados pelo vento, quando os barracos não caíam, eram as telhas que o vento levava. Muitos pais e crianças se machucavam, pois seus barracos caíam, e eu ficava com muito medo que nossa casa caísse. Até que um dia a C.D.H.U começou a visitar a favela para saber quantas pessoas moravam nos barracos, então começaram a fazer os cadastros para o sorteio de apartamentos.

Demoraram mais nove meses para o sorteio, até que minha mãe foi sorteada e conseguiu o apartamento no prédio três, no terceiro andar. Também moravam na favela duas irmãs de minha mãe, com seus filhos e maridos e que também foram morar no mesmo prédio, uma no primeiro andar e a outra no quarto andar. Nós mudamos para o apartamento no dia 07 de abril de 1993.

Após um ano, conheci meu grande amor, eu nunca tinha namorado, foi amor à primeira vista. Eu morava no terceiro andar e ele morava com a irmã no primeiro, no mesmo prédio. Ele é do Piauí e veio morar em São Paulo depois que se separou da esposa, e já tinha um filho que hoje está com quatorze anos.

Após a separação, ele ficou muito carente e com isso foi mais fácil ele se apaixonar por mim. Ele tinha vinte e quatro anos e eu quatorze, ele era muito mulherengo. Começamos a namorar e aos quinze anos decidi me entregar a ele, entretanto ele continuou saindo com outras mulheres. Com dezesseis anos engravidei e após dois meses eu não conseguia nem olhar para ele. Neste intervalo de tempo ele se relacionou com outra pessoa que morava em outro prédio e ela também ficou grávida.

A nossa separação não durou meses, foi ele mesmo que me contou da gravidez da outra namorada, para mim foi um choque, mas conversei com ele com quem ele iria ficar, já que as duas estavam grávidas. E ele decidiu ficar comigo, pois me amava, e disse que a outra foi apenas uma aventura.

Decidimos morar juntos, entretanto ele morava com três amigos, e um outro amigo também resolveu levar a namorada para morar no mesmo apartamento, já que ela também estava grávida.

Ele trabalhava à noite e durante o dia estava em casa. Em uma noite eu estava dormindo, quando um colega que morava lá caiu em cima de mim. Todos dormiam no mesmo quarto, este colega estava bêbado e 'caiu em cima da minha barriga, comecei então a gritar e a namorada dele tirou-o de cima-de mim. De manhã, quando meu marido chegou, contei a ele tudo que havia ocorrido e decidimos conversar com minha mãe se poderíamos ficar um tempo lá e ela deixou.

Após alguns meses minha filha nasceu, exatamente no dia 16 de outubro de 1997. Foi um momento mágico ser mãe tão nova, embora sempre tenha sido responsável por crianças, já que sempre cuidei de meus irmãos, este momento foi inesquecível.

Eu não me sentia mal por não poder ir a salões e curtir festas, pois isto nunca me fez falta. Quando minha filha estava com um ano e cinco meses, meu marido comprou uma casa com dois cômodos no Jardim Caema, em Diadema e nós ficamos morando lá só dois meses, porque meu marido resolveu voltar para o Piauí. Eu aceitei ir, mas logo descobri que estava grávida de novo, já tínhamos vendido a nossa casa, mesmo assim mandamos 110SS0S móveis e uma moto por uma transportadora, tudo para a casa da minha sogra.

Esperamos minha filha nascer para irmos para o Piauí e ela nasceu 110 dia oito de dezembro de 1999, quando completou quatro meses, nós fomos para lá.

Anexo 17 - TEXTO 17

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof Jorge Americano- 2006

Meu nome é Ruth Soares da Silva e nasci no a 16 de junho de 1955, na cidade de Jundiá do Sul, no Estado do Paraná, Sou filha de Bendito de Moura e Maria Neuza Soares de Moura.

Nasci em uma família bem pobre. Meus pais trabalhavam na roça, criavam galinhas e não recebiam dinheiro. Faziam trocas ou compravam sem dinheiro para o dono da roça pagar. Era tudo controlado. Por exemplo, ceavam arroz por macarrão e assim por diante, o que mais tinha era mandioca, era no bife, no almoço e jantar. As trocas eram feitas por galinhas, porcos, cabritos.

Minha mãe fazia sopa de mandioca com galinha, ela me disse que eu chorava para não comer, mas era o que tinha para se comer, só era quando se perdia plantação por causa de geada.

Nós morávamos em casa de barro, coberta de sapé. As vasilhas que minha mãe tinha eram latas vazias. Lata de extrato de tomate serviam e copos. Um dia um menino colocou fogo no sapé e perdemos tudo! Só sei que minha mãe me jogou junto com os porcos de tanto desespero, pois já não tinha nada e o pouco que tinha ela queria salvar. Quando ela lembrou-se de mim, eu estava na lama junto com os porcos. Ela sempre dizia que nem sabe como fez isso.

Nasci em casa, eu e todos os meus irmãos. Um irmão, mais novo que eu, morreu de desnutrição e aquela doença que chamam de Semioto, eu também tive essa doença, fiquei pele e ossos. Minha mãe diz que eu mal espirava.

Tive um irmão que pesou 7Kg. Minha mãe quase morreu, ficou 3 meses acamada, totalmente fora de si, era minha avó que fazia os partos, nessa mesma época tivemos sarampo, um tipo de sarampo roxo, quase morri. Tive sangramento pelo nariz durante vários dias. Eu não sei se não tinha médico, ou se o atraso era demais. Nessa época não morávamos mais na roça, so que meu pai sempre trabalhava fora de casa, vinha de vez em quando, ele mandava dinheiro e quando vinha era só para deixar minha mãe grávida.

Esse meu irmão que nasceu com 7 Kg, morreu com seis meses e a minha mãe ainda não tinha se recuperado. Hoje eu sei disso e lembro direito de tudo. Minha avó tirava-nos de casa para avião trazer o neném, eu acreditava, só que hoje eu me lembro que minha mãe quando esperava esse neném, não aguentava nem andar, e nós não sabíamos o que era, pois não contavam nada para nós. Só sei dizer uma coisa, sofremos muito, mas acho que quem mais sofreu nessa história foi a minha mãe.

Nós tínhamos duas trocas de roupas, lavava uma e vestia a outra, me lembro quando ganhei um chinelo, para mim foi tudo na vida

Quando minha mãe ganhou minha irmã mais nova, minha avó morava aqui em São Paulo, meu pai nos deixou aqui mais de um ano e veio nos buscar quando bem entendeu, voltamos para Platina de novo. Ficamos lá, naquela mesma vida, nós e minha mãe juntos e ele longe.

Um belo dia ele apareceu do nada em casa e disse para minha mãe arrumar tudo que nós viríamos embora de vez para São Paulo, eu já estava com 12 anos. Lá estava minha mãe grávida de novo. Ele e meu avô se desentenderam e me lembro como hoje (meu avô disse se você for homem vá embora agora), ele simplesmente pegou uma foice e um par de sapatos e colocou em um saco e até hoje eu nunca mais o vi.

Minha mãe estava grávida de três meses e esse meu irmão não conhece o pai. Só tenho este irmão homem, porque os outros dois morreram pequenos.

Minha mãe sempre esteve doente, só que ninguém conversava com nós sobre nada. Quando ela começou a ter um pouquinho de saúde, foi trabalhar em casa de família.

Quando vim para morar definitivo em São Paulo, eu estava na quarta série, foi no começo do ano que eu faria 12 anos, então eu de lá com 11 anos e meio, perdi a metade do ano, mas mesmo assim passei, mas com nota baixa.

Agora, não sei porque minha mãe me colocou na escola com nove anos, já que ela estava me ensinando em casa. E outra coisa, o ensino lá era bem diferente, mais tinha muitas disciplinas, aqui foi completamente diferente, me lembro que teve uma prova que comentava sobre o trânsito e tipos de moradia, eu nunca tinha ouvido essa palavra: trânsito. Fiquei perdida, eu não sabia o que era sobrado, então a professora teve paciência comigo e me explicou o que era sobrado e prédio. Eu via, mas não sabia os nomes, pois onde eu morava só conhecia casas de madeiras e poucas de alvenaria.

Tirei diploma aqui em São Paulo, como eu disse com 12 anos e meio. Fiquei um ano sem escola, depois consegui vaga no Porcino Rodrigues, em Itapeverica da Serra. Fiz o primeiro e segundo ano que na época era considerado colegial. O diploma era recebido na quarta série. Só que nem entendo mais como era que funcionava. Durou pouco, não pude terminar, tive que parar para ir trabalhar em casa de família, pois era minha mãe que trabalhava e nós ficávamos com meus avós. Ela vinha nos ver só nos finais de semana. Quando eu e minha irmã mais nova que eu começamos a trabalhar, ela parou para ficar com meus irmãos mais novos, éramos seis, cinco meninas e um menino, eu comecei a trabalhar com 16 anos, fiquei pouco tempo, depois fui trabalhar com o filho da patroa da minha irmã, que era recém-casado.

A patroa da minha irmã ensinou-me a cozinhar para eu fazer comida na casa de seu filho, depois que o filhinho deles nasceu, ficou uma enfermeira durante três meses cuidando e ensinando-me a cuidar do bebê, fiquei sendo babá, eu tinha uns dezessete anos. Foi nesse período que trabalhava que conheci meu marido, ele foi o meu primeiro namorado e depois de oito meses nos casamos.

Namoro naquela época era um lá outro cá, meus avós e minha mãe eram à moda antiga mesmo. Quando minha menstruação veio, já tinha quatorze anos, eu não sabia o que era, passei o pior sufoco, trocava a calcinha, lavava escondido, só que troquei uma seguida da outra, tinha só algumas e fiquei sem nenhuma para colocar. Como não parava de sangrar, com muito medo e vergonha fui falar com minha avó, ela simplesmente me deu uns panos para eu me forrar e disse que era assim mesmo e não explicou mais nada, nem se quer disse que no mês seguinte viria de novo. Para resumir minha história, o que tenho a dizer é que passei a ter liberdade depois que casei.

Casei-me sem ter nada, fiquei morando com os meus patrões, só que não era mais em apartamento, eles compraram uma casa e tinha dependência de empregados, eles mesmos compraram um dormitório para nós. Fiquei lá até quando meu primeiro filho nasceu. Casei-me

com vinte e vinte anos e fui mãe com vinte e quatro anos, eles queriam que eu continuasse lá, mas eu achei que com filho não iria dar certo.

Demorei a engravidar, depois que tive o primeiro fiquei grávida de novo e perdi, tive cinco abortos espontâneos, engravidava e quando completava três meses, perdia. O meu segundo filho, quando eu estava com seis meses, tive hemorragia, mas graças a Deus ele está aqui com 25 anos e casado há um mês.

O meu primeiro é o Dudu, está com 27 anos, o segundo é o meu Fabinho, e o terceiro é o meu Tato com 22 anos. Tive uma vida muito difícil, três meninos pequenos, e meu marido não trabalhava mais na empresa onde o conheci, arrumou um serviço que ganhava menos, depois pediu a conta, pois não gostava do que fazia.

Ele sempre gostou de liberdade, de executar serviços em diversos lugares, como na época que o conheci, ele trabalhava como técnico em manutenção de elevadores.

Ele ficou só um mês desempregado, depois que pediu a conta de onde ele não gostava, arrumou outro emprego na mesma profissão dele. Ficou durante 25 anos neste local, foi mandado embora faz pouco tempo, ele se aposentou cedo, quarenta e cinco anos, e amU110Uoutro serviço na mesma profissão.

Agora, entretanto, não ganha mais como antes, pois na outra ele chegou a supervisor e ganhava bem, mas não reclamamos de nada, pois conseguimos comprar casa, carro, etc ...

Mas nada me faz tão feliz quanto a família que tenho, minha mãe, minhas irmãs, e todas estão bem de vida.

A minha irmã mais nova, faleceu no dia dezessete de junho de 2003, esta data para mim é muito triste, pois é um dia após o meu aniversário. Fiquei com filho dela de sete anos, agora ele já está com dez anos, me chama de mãe e meu marido de pai, em maio do ano passado ele ficou doente, ficou internado durante vinte e seis dias, pois ficou sem andar, quando faltava um dia para completar um mês, ele voltou a andar, mas faço tratamento psicológico com ele.

Tive três AVCs, sou diabética, etc, mas estou aqui para escrever esta autobiografia. Acho que nada é por acaso, pois por tudo que passei na vida, sou muito feliz, pois vejo uma grande recompensa. Hoje não tenho preocupações, tenho um marido e filhos maravilhosos e duas noras que são as filhas que não tive.

Ninguém quis acreditar que eu ia voltar a estudar, depois de trinta e quatro anos fora da escola, no entanto me deram o maior apoio, mas percebi que eles não estavam acreditando.

A Dona Alzira da escola que estou estudando *foi* que me deu a idéia de ir no Colégio Porcino Rodrigues, atrás de meu histórico. Se não fosse ela, eu iria entrar na quinta série, pois até mudar de lugar o colégio mudou, jamais achei que ia ter algo depois de trinta e quatro anos, e não é que tinha, trouxe o histórico e matriculei-me na 7³ série.

Amo meus professores e meus colegas de classe, mas não sei o porquê, desde o começo tive mais afinidade com minha professora de Português, a professora Janete.

A aula que mais gosto é a de Artes, a que menos gosto é a de Inglês, mas não é pela professora e sim pela língua e acho o professor de geografia muito divertido.

Também quero contar que tenho cinco cachorrinhas que são as coisas mais fofas do mundo. Chamam-se Nina, Milli, Pepita, Molly e a Kika que é a filhinha da Nina.

Enfim, eu dedico este livro a minha mãe Neuza, que amo de paixão, se não fosse ela eu não estaria aqui, a minha família, incluindo as minhas lindas cachorrinhas e ao Jorge Americano, que surgiu das Escolas Agrupadas Municipais do Vala Velho, onde tirei meu diploma de 4^a série.

Quem diria? Eu aqui com meio século, escrevendo um pouco de minha vida. Agora são exatamente duas horas da madrugada, minha mão está doendo, mas terminei.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna do EJA da EMEF Prof. Jorge Americano – 2006

Anexo – 18 - TEXTO 18

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof Jorge Americano- 2006

Nasci no dia 10 de outubro de 1980. Foi um dia muito especial para a minha família, pois neste dia nascia uma criança muito clara, pesando dois quilos, novecentos e noventa e nove gramas.

Minha mãe sofreu muito com o meu nascimento, pois teve hemorragia. Por pouco nós duas não morremos.

A minha infância foi muito complicada, pois não tinha liberdade. Eu e meus quatro irmãos não tínhamos com o quê brincar. Éramos quatro filhas e um filho.

Minha mãe sofreu muito, pois quando foi morar com o meu pai possuía apenas quatorze anos de idade. Com dezesseis anos de idade ela teve a minha irmã mais velha, e no ano seguinte nasceu meu irmão.

Nessa época o meu pai tinha problemas com o álcool, ele bebia demais; e chegou ao ponto de colocar minha mãe para fora de casa, ameaçando-a com uma faca.

Minha mãe levou consigo os meus dois irmãos ainda pequenos e não tinha para onde ir. Acabou dormindo na rua, debaixo de chuva, mas deu um jeito de proteger seus filhos.

Minha mãe teve dois abortos espontâneos, depois do nascimento de minha irmã, e o meu único irmão homem tinha nascido com paralisia infantil. Ele não possuía movimentos nem nas pernas e nem nos braços. E minha mãe fez um pedido a Deus, que se «Ele" curasse seu filho ela seria uma serva de Deus e foi assim que ocorreu.

Meu irmão ficou bom e ela passou a ser evangélica a partir de então.

Meus pais se converteram ao evangelho e então nossa vida começou a mudar

No dia 19 de julho de 1979, nasceu minha outra irmã, que é uma ano mais velha que eu. Em 1980 eu nasci, e logo depois veio o nascimento da minha irmã caçula.

Em 1985 o meu pai resolveu vir morar em São Paulo e minha mãe concordou.

Meu pai veio primeiro, arrumou um emprego na construção civil e em 1986 minha mãe veio também. Eu e meus irmãos ficamos morando com a minha avó na cidade de Parnaíba- Piauí, porém neste mesmo ano meu pai foi nos buscar para que também morássemos em São Paulo.

Cheguei aqui com sete anos de idade e fui para à escola. Como toda criança, eu achava a escola um lugar muito legal, mas nem tanto, pois só conseguia vaga para estudar no período da manhã.

Vimos morar em uma favela, e fomos crescendo. Nunca nos envolvemos com drogas e nem com nada de ruim. Era de casa para à escola, da escola para. à casa, da casa para à igreja, da igreja para casa.

Com o passar do tempo, nossa casa que já não era mais um barraco foi pedida pela Prefeitura de São Paulo para fazerem a pavimentação da avenida Água Espreada e nossa moradia ficava bem no meio de onde seria o acostamento. Foi feito então um cadastro e nova família foi transferida para um outro local.

Nós havíamos passado a nossa adolescência no Jardim Aeroporto. Já tínhamos namorado, ficado e já não íamos mais à escola.

Vimos então morar aqui no Valo Velho em 1995 e aqui conheci o meu esposo. Nos casamos no ano de 2000 e no ano seguinte nasceu o meu filho.

Hoje ele está com seis anos de idade e assim como a minha mãe me ensinou, quero ensiná-lo e orientá-lo para as coisas boas da vida.

Hoje me considero uma pessoa feliz e realizada, pois o meu sonho de consumo está se realizando, estou construindo a minha casa e o futuro do meu filho.

Quero agradecer a cada um de vocês que leram esta história de vida, e quero dizer a todos que ainda não conseguiram realizar os seus sonhos que nunca deixem de lutar, que não desistam nunca, porque nós podemos perder uma luta, mas nunca uma batalha. Não se dê por vencido só porque você não ganhou esta luta. Lute com todas as suas forças, com toda sua garra e um dia você vai conseguir vencer.

E não se esqueça de sempre agradecer a Deus, pois "Ele" nos dá forças e nos capacita para lutar pelos nossos ideais.

Anexo 19 - TEXTO 19

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Eu nasci em Surubim- PE, e quando estava com quase um ano de idade, meu pai foi buscar eu e minha mãe para virmos morar em São Paulo, e após dois anos minha mãe engravidou novamente.

Eu era doce e meiga, tinha simpatia no olhar, meu pai sempre me tratou como se eu fosse uma rainha, eu sempre dizia a meus pais que os amava. Minhas notas na escola eram ótimas, os professores sempre me elogiavam, não tinham motivos para reclamar, pois sempre fui uma aluna dedicada. Entretanto ao completar 12 anos tudo mudou, eu passei a conhecer pessoas novas, conhecer um mundo novo, comecei a fumar, deixei o meu lado ruim falar mais alto, já não era aquela aluna dedicada e nem aquela filha presente, passei a deixar de lado meus pais, para escutar os «amigos», comecei a andar no estilo hip-hop, escutar rap e nesta fase conheci um extraticante com quem namorei. Ele passou a ser muito importante para mim, tanto que eu não conseguia me imaginar sem a presença dele. Não ouvi mais meus pais, minha mãe começou a ser chamada porque os professores não acreditavam 110 que estava acontecendo, aquela menina meiga tomou-se uma menina ruim, bruta e revoltada, não queria saber de nada, dei várias cabeçadas na vida. Era rodeada de "amigos" e nesse tempo consegui um respeito e coletividade que tenho até hoje. Quando foi a virada do ano novo, do ano de 2000 para 2001, às vinte e quatro horas em ponto, meus pais se separaram, levei um choque imenso. Nos seis primeiros meses eu fiquei com meu pai, mas tinha esperança de que eles voltassem, mas isto não aconteceu. Eu me revoltei ainda mais, comecei a fazer coisa ainda piores, abandonei a escola, passei perto da morte quatro vezes, e não abandonava o mundo de ilusão que eu criei. Minha família me abandonou, pois todos me davam conselhos e eu não ouvia ninguém e cada dia que passava eu ia recebendo mais desprezo, fazia meus pais chorarem muito, ninguém tinha esperança que eu me recuperasse, para eles o meu destino seria a morte, porém uma de minhas tias acreditou em mim, acreditou que era uma revolta besta, e que logo passaria, esta tia jamais me criticou.

Certo dia comecei a perceber que aquele não era meu mundo, pois sou uma jovem bonita e não ganharia nada naquela vida, passei a perceber que meus pais não mereciam todas as decepções que lhes causei, porém ninguém acreditou que eu estava acordando para a vida, todos achavam que eu estava apenas _pregando-mais uma peça, entretanto minha tia Maria me apoiou quando eu mais precisei, ela fez por mim o que muitas pessoas se negaram a fazer, mas com fé em Deus comecei a me recuperar, demorou porém para recuperar a confiança dos meus familiares novamente e quando eu menos esperava eu os conquistei aos poucos. Não que eu não tenha amigos, mas aprendi a dar mais valor a minha família. Passei a pensar que eu que deveria curtir a vida e não a vida me curtir, então aos poucos foi ressurgindo aquela menina sorridente, brincalhona e com vontade de viver. Aprendi a dar valor as pessoas que estão ao meu redor e que gostam de mim de verdade.

Porém, quando pensei que tudo tinha terminado, e que agora eu seria feliz de verdade, mesmo com meus pais separados, mas do meu lado, o destino me pregou mais uma peça, descubro que minha mãe está com outro homem, agora mais do que nunca, meu pai não teria mais nenhuma chance. Dois meses depois comecei a trabalhar, eu tinha apenas dezesseis anos. Trabalhei como atendente durante seis meses, e seis meses como caixa, e ao completar um ano de serviço, pedi minha demissão. Eu achei que estava tudo bem, contudo lá vem o destino outra vez, pois no dia 26 de setembro de 2005 meu pai faleceu e nem deu tempo de dizer a ele que sem ele eu não conseguiria viver. Eu só chorava, e pensava comigo, chorar é dizer em lágrimas o que a nossa boca, por tempo ou por orgulho, não tem coragem de dizer. Estou tentando me recuperar do baque, estou conseguindo pelo menos o que interessa. Voltei a estudar, pois era a vontade de meu pai, estou conhecendo pessoas novas e acho que estou amando alguém, tenho medo de me decepcionar novamente, mas se eu não arriscar, eu não saberei. Tenho hoje dezenove anos e não vou dizer que conheço tudo da vida, mas conheço quase tudo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX - Aluna do EJA da EMEF Prof. Jorge Americano – 2006.

Anexo 20 - TEXTO 20

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.JA. E.ME.F. Prof Jorge Americano- 2006

Nasci em Cruz das Almas, interior do Estado da Bahia, o dia dois de setembro de 1974. Eu era filha única e morava apenas com a minha mãe, pois meu pai nos tinha abandonado quando minha mãe estava grávida de oito meses.

Minha mãe resolveu casar-se novamente quando eu estava com quatro anos de idade e logo em seguida nasceu minha irmã Silvana. Nós morávamos com minha avó e a vida era boa. Após dois anos minha mãe engravidou novamente e nasceu a Ivonete e dois anos depois, nasceu o Ivan.

Todos os dias eu ia para à escola com a minha irmã Silvana e os meus dois outros irmãos ficavam em casa, com a minha tia Marinalva. Ao retomar da escola, eu arrumava a casa e cuidava de meus irmãos para que minha mãe pudesse trabalhar.

Ao completar dez anos ganhei mais um irmão, o Sandro e minhas responsabilidades também aumentaram, pois além da Silvana, eu tinha também que levar a Ivonete à escola e ao retomar fazer os afazeres de casa.

No ano seguinte, com onze anos, ganhei outro irmão, o Pedro e um ano depois nasceu o Renato.

Minha família era grande e todos nós tínhamos nossos afazeres, porém, eu era quem fazia mais coisas, já que era a mais velha.

Com quatorze anos de idade dei o meu primeiro beijo e quando minha mãe descobriu foi aquela confusão. Ela me disse que se descobrisse mais alguma coisa, eu levaria uma surra.

Foi também com quatorze anos que conheci o meu pai, foi emocionante, pois eu era louca para conhecê-lo, mas isto não modificou a minha vida. Ele já era casado com outra mulher e tinha três filhas, Rosimércia, Rosileine e Rosileide. Ele estava morando em Pernambuco e vinha nos ver na Bahia.

Ainda com quatorze, conheci um garoto chamado Wilton, ele era lindo, moreno, alto e nós nos tornamos amigos. Somente eu me apaixonei, pois ele tinha namorada e ficamos apenas bons amigos.

Com quinze anos fui visitar meu pai em Pernambuco e a visita foi animada, porque fui tratada bem por todos, inclusive pela esposa dele.

Com dezesseis anos comecei a namorar sério com o Carlos, mas tivemos que terminar, pois com dezessete anos eu vim morar em São Paulo, com a minha tia Joanice.

Ao chegar em São Paulo fiquei decepcionada, pois quando morava na Bahia, achava que São Paulo era um paraíso e que eu iria ser muito feliz aqui, porém não foi nada do que eu pensava. Logo que cheguei tive que arrumar um emprego para me sustentar e ajudar a minha família na Bahia.

Comecei a trabalhar como babá em uma casa e família. Esta família era muito boa e com eles viajei para muitos lugares dentro de São Paulo e conheci muito sobre a cidade.

Em uma folga fui passear no Parque do Ibirapuera e conheci o Paulo, que era colega de uma de minhas amigas. Nós conversamos e ele me convidou para ir ao show do Djavan para nos conhecermos melhor.

Neste show começamos a "ficar" e foi muito divertido. Depois de muita insistência dele, começamos a namorar sério. Ele era muito carinhoso, educado, simpático e assim aos poucos comecei a gostar dele.

Eu já estava com dezoito anos e foi com esta idade que eu recebi uma notícia muito triste. Meu irmão Pedro, que estava com oito anos de idade faleceu afogado, quando tentava salvar seu cachorrinho. Este fato me abalou muito e me deixou muito triste, ainda mais pelo fato de que eu não poderia comparecer em seu enterro, já que estava morando aqui em São Paulo.

Quando eu e o Paulo completamos sete meses de namoro, ele me deu uma aliança de compromisso.

E quando fiz dezenove anos de idade e um ano de namoro, descobri que o Paulo estava me traindo e terminei o-namoro.

Ele implorou muito para que eu voltasse e me disse que só estava com um outro relacionamento porque precisava de algo a mais e que o nosso namoro era muito sério e eu era uma menina de família, entretanto não aceitei reatar o namoro.

Na véspera de natal, dois meses depois do término do meu namoro, recebi um cartão de natal muito lindo, mas não sabia quem o havia mandado. Era alguém que se chamava Wilton.

Enviei um cartão para aquele rapaz e junto também enviei o número do meu telefone e pedi para que ele me ligasse. Após três dias ele me ligou e então descobri que o tal do Wilton era aquele da Bahia, o meu primeiro amor e então marcamos um encontro.

Nos encontramos e ficamos conversando horas e horas sobre a Bahia. Conversamos sobre nossas vidas e na conversa descobri que ele estava solteiro e a fim de mim, também fiquei sabendo como ele me descobriu aqui. Uma prima dele que era minha amiga contou-lhe onde eu estava e ele então descobriu o meu endereço. Na despedida ele me roubou um beijo.

Ele me ligava todos os dias, querendo que nós nos encontrássemos de novo. Então eu cedi. Após vários encontros e vários pedidos em namoro, resolvi namorar com ele e foi maravilhoso.

Com vinte anos de idade fiquei noiva do Wilton e eu estava muito feliz, pois estava trabalhando, conseguindo ajudar a minha família e muito bem no amor. Comecei então a fazer o meu enxoval, fui comprando as minhas coisas aos poucos.

Com vinte e um anos ganhei mais uma irmã, chamada Bruna e nós fomos até a Bahia para conhecê-la e lá nos casamos e logo depois voltamos para São Paulo.

Nossa vida mudou, alugamos uma casa para morarmos e vivermos felizes. Então minha irmã Ivonete veio morar conosco com a intenção de fazer o mesmo que eu, trabalhar e mudar de vida. A chegada dela não alterou em nada nossa vida de casados, pois ela logo arrumou um emprego e passou a morar no emprego e vinha para casa só nos finais de semana.

Depois de curtir bastante o nosso casamento, resolvemos então nos preparar para a chegada de um filho, pois já estávamos com uma certa estabilidade financeira e não queríamos que nosso filho passasse pelo que passamos.

Após dois anos de casamento fizemos inscrição para os apartamentos do C.D.H.U que estavam sendo construídos no Jardim Guarujá e após termos certeza de que iríamos morar nesses apartamentos e sair do aluguel, resolvemos que estava na hora de ter um filho para completar a nossa felicidade.

Após três anos de casados, tivemos a Letícia, ela foi muito esperada e nós ficamos muito felizes com a sua chegada.

Já no nosso apartamento, fizemos amizade com nossa vizinha Néia, e com sua filha Kelly, que quando conhecemos tinha onze anos. Nós sempre estávamos nos ajudando.

Logo que a Letícia nasceu, minha mãe veio para São Paulo me ajudar e trouxe a minha irmã caçula, Bruna. Ficaram aqui dois meses.

Depois que minha mãe foi embora, quem me ajudava eram minhas vizinhas, assim como também eu as ajudava nas horas em que precisavam.

Minha irmã ficou desempregada e passou a morar comigo todos os dias e não somente nos finais de semana.

Quando minha filha completou quatro meses voltei a trabalhar e ela começou a ficar com a minha vizinha Priscila, até que ela completou um ano e passou a frequentar uma escolinha que ficava em frente aos prédios. Eu a deixava lá de manhã quando ia trabalhar e só a pegava à noite. Às vezes quando eu me atrasava, a Kelly ia buscá-la para mim.

Desde que mudei para cá minha vida não tem mudado muito, tenho muitas alegrias e algumas tristezas também, já que nem tudo são flores.

No ano passado, 2005, me animei e pensei em voltar a estudar, entretanto não consegui vaga, porém não desisti e esse ano tentei de novo e consegui a tão sonhada vaga. Estou muito feliz por ter voltado e desta forma tentar conseguir um emprego melhor e dar um futuro digno para minha filha.

Eu não penso em ter outro filho, pois quero dar muito conforto para minha filha, se tivermos outro, quero que tenha também o mesmo conforto e tudo de bom que a Letícia tem.

Nesta autobiografia você leu toda a história de minha vida, desde o meu nascimento até os dias atuais, conheceu os amores que vivi, as decepções que tive e tudo que aconteceu comigo. Não sei se esta história vai lhe interessar, tão sei nem sequer se você vai lê-la, só sei que estou muito feliz por tê-la escrito e poder mostrar a todos minha vida, sem vergonha de como ela foi e é.

Muito obrigada se você tiver a paciência de ler, pois aqui você vai também perceber, assim como eu, que o que Deus destina para você, ninguém tira. Pode demorar o tempo que for, mas você irá conseguir. Isso pode servir para um amor, um trabalho, uma amizade ou qualquer outra coisa que você queira na vida.

Anexo 21 - TEXTO 21

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.M.E.F. Prof Jorge Americano- 2006

Eu sou filho de uma família pobre, mas muito feliz e honrada.

Comecei a trabalhar muito cedo, na agricultura e na pecuária, por isso não tive oportunidade de estudar.

Assim comecei a ajudar meus pais, com o meu trabalho, em 1976, contribuindo desta forma com a renda familiar.

Vim para São Paulo, comecei trabalhando como ajudante de pedreiro e não demorou muito para ser promovido a meio oficial de pedreiro. Em 1981 passei a assumir a profissão de pedreiro e em 1997 fui promovido para encarregado de pedreiro.

Hoje trabalho na função de encarregado de manutenção. Em 2003 eu voltei a estudar, fiz a terceira e a quarta série na Escola Herbert de Souza, o "Betinho".

Hoje estou fazendo a sétima série, na E.J.A, da Escola Municipal Professor Jorge Americano e pretendo estudar até pelo menos ser mestre de obras. Este é um de meus sonhos e vou conseguir se Deus assim o permitir.

Eu sou casado com Iracema Silva Santos, tivemos dois lindos filhos. Douglas que hoje tem dezenove anos e Diógenes, hoje com doze anos. Formamos uma família muito feliz e abençoada por Deus.

Agradeço as duas escolas em que estudei. Começo agradecendo o senhor que trabalha no estacionamento, as moças da limpeza, os cozinheiros, a direção, os professores e os colegas de classe. E essa é a minha história.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluno do E.J.A da E.M.E.F. Prof. Jorge Americano - 2006

Anexo 22 - TEXTO 22

Projeto ler e escrever- Autobiografias- EJA E.ME.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Eu me chamo Aparecida, vim de uma família de seis irmãos, sou a mais velha, nasci no Mato Grosso, na cidade de Casseres, em 1970, meu pai é paulistano, filho de índios bugres, que foram pegos a laço. Minha mãe também é paulistana, filha de um paraibano e uma pernambucana. Morei no Mato Grosso até os meus cinco anos de idade, e vim para São Paulo, aqui fiquei dos meus cinco anos até os meus nove anos e fomos para o Pará. Acabei voltando para São Paulo para trabalhar e terminar os meus estudos, mas comecei a namorar com meu primo. Arrumei emprego, comecei a trabalhar, e depois de algum tempo engravidei, continuei mesmo assim trabalhando, porém a escola ficou para depois. Quando o bebê nasceu, meus objetivos foram adiados, e meu pai ficou bravo, o que já era de se esperar, pois uma pessoa só presta para ele se tiver alguma coisa a oferecer. Meu pai era do tipo que quando bebia os filhos dormiam nos vizinhos, porque ele quebrava tudo em casa, minha mãe nos protegia e nos levava para casa dos vizinhos inúmeras vezes, ela é uma mulher de fibra. Eu e meu pai não nos dávamos muito bem, porque quando comecei a trabalhar no Pará, aos 10 anos de idade, eu o sustentava e ajudava em casa, também pagava as contas dele nos bares da vida. Achava isto um absurdo, mas tive ótimas pessoas para me ensinaram que a vida nos dá tudo de bom, só basta querermos ir em frente, afinal os meus professores da vida me ensinaram que para ser alguém, não precisa pisar nas pessoas, sempre que as coisas estão ruins, eu digo para mim mesma, já passei à mandioca e água, não posso desistir agora e levanto a cabeça e sigo em frente.

Eu converso muito com minha mãe, ela é a minha melhor amiga, é uma mulher batalhadora, mas meu pai só sabe destruir com tudo o que tem, pois só pensa no agora, ele não se importa com o futuro. Ele tem outra mania que eu odeio que é oferecer as filhas para os amigos dele. Fiquei noiva com quatorze anos, quando terminei o noivado ele ficou sem falar comigo por vários dias, pois o rapaz era amigo dele, com as minhas irmãs também era a mesma coisa, se elas não namorassem com quem ele queria, ele ficava muito bravo.

Tenho hoje três filhos, não tenho o tempo que gostaria de ter para ficar com eles, pois tenho que trabalhar, eles agora ficam em casa. Eu retomei à escola, pretendo terminar meus estudos e alcançar meus objetivos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna do EJA- EMEF Prof. Jorge Americano- ano 2006

Anexo 23 - TEXTO 23

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.ME.F. Prof Jorge Americano- 2006

Eu nasci no dia 15 de agosto de 1954, no Estado do Pará, numa localidade chamada Nova Travessa Ramal de Salina, que fica no Município de Capanema, morei lá até 1978. Tive uma infância muito feliz, cresci no meio dos animais domésticos e selvagens. Trabalhava na roça de sol a sol, meu pai era muito ignorante, minha mãe fazia tudo que ele mandava, e eu não suportava aquela situação. Havia noites que nós pedíamos alimentos para minha mãe, e ela pedia para que nós dormíssemos, pois o sono tiraria a fome que estávamos sentindo, e que no dia seguinte iríamos pescar no rio, para que tivéssemos algum alimento, pois aquele ano a seca tinha sido muito dura. Eu dizia para mim mesma que quando fizesse 18 anos iria embora dali, e foi o que aconteceu. Em 1978 vim para São Paulo, gostei daqui' e voltei para o Pará só para passear e para levar minhas filhas para conhecer o local onde nasci Entretanto eu não fui tão esperta quanto eu imaginava, logo me apaixonei por um baiano pobre como eu, desde então só foi luta e trabalho, mas não me arrependo, porque desse amor vieram duas maravilhosas filhas, que amo e que me amam:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX- Aluna do EJA- da E. M.E.F. Prof Jorge Americano

Anexo 24 - TEXTO 24

Projeto ler e escrever- Autobiografias- E.J.A E.M.E.F. Prof. Jorge Americano- 2006

Eu nasci em Itapípoca, uma cidade do Estado do Ceará e minha vida não foi muito fácil.

Na minha adolescência, eu vivia com minha mãe e com meus irmãos, pois meu pai estava trabalhando aqui em São Paulo.

Nesta época minha mãe pegava demais no meu pé, e não me deixava sair nem com amigas e muito menos ir à festas.

Com dezesseis anos fui trabalhar em uma casa de família em Fortaleza, capital do Ceará. Eu tive sorte, pois gostei muito do meu emprego.

Um dia recebi uma carta, era de uma pessoa que tinha me visto. Ele trabalhava aqui em São Paulo há sete anos e foi passear no Ceará. A família dele era do Ceará também.

E após três meses do nosso primeiro encontro estávamos casados, foi um lindo matrimônio. Eu Vi meu esposo Raimundo pela primeira vez no dia 26 de agosto e no dia 25 de novembro do mesmo ano nós nos casamos, às nove horas da manhã.

Nossa família estava toda presente. As famílias não se conheciam, mas foi tudo perfeito em nosso casamento.

Logo engravidei e tive meu primeiro filho Kennedy, que hoje tem vinte e quatro anos, depois veio o Wagner que hoje tem vinte anos e por fim nasceu o meu caçula, o Magno, que tem hoje quatorze anos.

Sou uma mãezona, meus filhos são tudo para mim. Pareço uma molecona quando estou com meus filhos, eu brinco muito com eles. Hoje sou avó, pois o meu filho Kennedy já é par.

Ser avó foi uma surpresa em minha vida, pois descobri que era avó quando o meu neto, o Vinícius, estava com três dias de vida. A mãe dele tinha dezesseis anos e morava com a mãe dela.

Eu não sabia que meu neto sofria, fui descobrir quando ele estava com oito meses de vida, pois o telefone de minha residência tocou às sete horas da manhã, e era a mãe do Vinícius, chorando. Disse que estava na rua há dois dias, pois a mãe a havia colocado para fora de casa e o bebê estava sem tomar mamadeira e sem banho.

Meu filho Kennedy foi procurá-los encontrou-os apenas com as roupas do corpo. Meu marido acolheu-os, mas nossa situação na época também estava difícil, nós morávamos de aluguel.

Eu saí batendo de porta em porta pedindo roupas para os dois.

Hoje o Vinícius, aquele bebê que passou fome e frio é um menino lindo, e muito amado.

Já passei por muitos problemas em minha vida, as vou dizer para todos, façam como eu, nunca desanime, acredite na vitória e será vencedor.

